



DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO DE HISTOLOGIA

**Ricardo Santos Simões
João Henrique Rodrigues Castello Girão
Gisela Rodrigues da Silva Sasso
Rinaldo Florencio-Silva
Leandro Sabará de Mattos**

No século XVII, em 1665, com o intuito de observar o que estava muito distante, como os planetas, e trabalhando no aperfeiçoamento dos equipamentos ópticos para que tal observação fosse possível, Robert Hooke teve a ideia de inverter as lentes e percebeu que era possível visibilizar estruturas tão pequenas que eram invisíveis a olho nu. Assim ao examinar um pedaço de cortiça nesse aparato, pôde observar vários compartimentos vazios, aos quais denominou *cellulas*, que em latim significa “pequenos compartimentos fechados”.

Dessa forma deu-se origem ao precedente do microscópio de luz que conhecemos hoje e ao termo “célula”. Quatro anos depois da descoberta de Hooke, o médico e filósofo italiano Marcello Malpighi publicou descrições microscópicas de órgãos humanos, como o baço, rins e pele, e até hoje tem seu nome associado a estruturas como o corpúsculo renal (corpúsculo de Malpighi) e a uma região da epiderme (camada malpighiana). Enquanto isso, na Holanda, com a habilidade de criar curvaturas em vidro – a princípio para avaliar a qualidade dos produtos com os quais trabalhava em uma loja atacadista – Anton Van Leewenhoek foi o primeiro a observar e descrever uma bactéria, em 1674. Após anos dedicados a identificar e descrever microscopicamente amostras vegetais e animais, em 1700 Leewenhoek consagrou-se “o pai da Histologia”. Já no século XVIII, o interesse pelo mundo microscópico se tornou tão significativo, que microscópios começaram a ser produzidos industrialmente e comercializados por toda a Europa, especialmente na Alemanha, onde foi difundido seu uso no meio acadêmico, proporcionando um grande salto na área histológica.

Em meados do século XVIII, Rudolf Virchow, médico e antropologista, observou que as estruturas teciduais se modificavam quando havia doença, e tornou a análise histopatológica ferramenta essencial para elaborar as bases da patologia celular. No século XIX, a histologia já era uma disciplina acadêmica eminente. Em 1848 foi elaborado o primeiro micrótomo adequado para o seccionamento de tecidos animais infiltrados por parafina e para torná-los mais firmes para o corte. A fim de destacar as diferentes estruturas biológicas nos tecidos, uma diversidade de corantes histológicos começaram a ser testados. Eis que foi usada pela primeira vez em 1863 por Wilhelm von Waldeyer a técnica de coloração (com modificações posteriores) hematoxilina e eosina, frequentemente chamada por sua abreviação, HE, que destaca os núcleos das células em azularroxeado e o citoplasma em

vermelho-róseo, considerada até hoje fundamental na coloração histológica de rotina.

Ao longo dos anos, estudos realizados em diversos laboratórios identificaram diferentes substâncias que poderiam ser usadas como agentes fixadores. Foram utilizados álcool, ácido acético, trióxido de crômio, dicromato de potássio e outros produtos químicos comuns de laboratório para preservar as estruturas biológicas o mais semelhante possível do que era quando em vida, e deixá-los mais rígidos para facilitar os cortes posteriores. Surgiram então as associações de agentes químicos para tal fim, como os fluidos de Miiller em 1860; de Carnoy em 1887, e de Zenker em 1894. Em 1893, a formalina foi usada pela primeira vez com esse fim, sendo utilizada até os dias atuais. O século seguinte ainda foi um período bastante produtivo para a elaboração de novas técnicas de coloração histológica e histopatológica. Inclusive em 1906, quando o Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina foi destinado aos histologistas Camilo Golgi e Santiago Ramon y Cajal, que divergiam em interpretações da mesma imagem de estruturas neurais do cérebro. Cajal foi reconhecido por sua correta interpretação, e Golgi pela técnica de impregnação argêntica que desenvolveu. A partir de meados do século XX, o complexo processo da técnica histológica já podia ser realizado de forma automática (através de máquinas) e aprimorada. Tal trajetória fez com que a histologia se tornasse um campo fundamental nas áreas biológica e médica, já que abrange conhecimentos de bioquímica, biologia celular e fisiologia propriamente ditos, bem como os processos patológicos e seus efeitos.

Em seguida estamos apresentando aos alunos dos cursos de Ciências Biológicas e da Saúde um pequeno dicionário onde apresentamos a origem dos principais nomes utilizados em Histologia. Devemos ressaltar que este pequeno dicionário ainda não está completo, assim sendo solicitamos a colaboração dos senhores, que se encontrarem algum termo importante, novo ou mesmo definições que não estejam corretas, gostaríamos que entrassem em contato conosco, assim poderíamos atualiza-lo. O email de contato é: mjsimoes_43@hotmail.com

Esperamos que aproveitam ao máximo

Ricardo Santos Simões

São Paulo, setembro de 2017

A

Acidofilia – do latim *Acidum*, ácido, e do grego *Philein*, amar. As estruturas histológicas que reagem com um corante ácido são chamadas acidófilas que significa ter afinidade por ácidos. No caso dos tecidos existem vários corantes ácidos que se ligam a estruturas básicas, o corante mais comumente utilizado é a eosina. Nesse sentido a maioria das proteínas por apresentar caráter ácido se ligam e se coram em róseo pela eosina, disse então que o citoplasma é acidófilo.

Ácino – do latim *Acinus*, uva, bago de *uva*. Em histologia dá-se esse nome a dilatação terminal de um ducto glandular, tal como ocorre no pâncreas. Também pode representar um pequeno saco terminal nos pulmões.

Adeno – do grego *Aden*, glândula. Este prefixo entra em numerosas palavras médicas indicando a porção glandular.

Adipócito - do latim *Adiposus*, de *Adeps*, gordura e do grego *Kytos* que significa célula. Tipo de célula do tecido conjuntivo que armazena gordura.

Adiposo – do latim *Adiposus*, de *Adeps*, gordura. Esta palavra foi inventada por tradutores das obras de Avicena, na idade média. A antiga palavra latina *Adeps* (banha, gordura animal) não se aplicava a espécie humana.

Adrenal – do latim *Ad*, perto e *Ren*, rim. Termo usado por Aristóteles para as glândulas situadas junto aos rins de ovelhas (na realidade, eram os linfonodos aórtico-renais). No homem, estas glândulas foram aparentemente descritas por Bartolomeo Eustáquio, em 1563. O termo utilizado na nomenclatura anatômica para essa glândula é supra-renal, devido a sua posição anatômica.

Agranulócito - do grego *A(n)* não, e do latim *Granum*, grão, e do grego *Kytos*, célula. Células de origem mielóide (medula óssea) normalmente presentes no sangue, cujo citoplasma normalmente não possuem grânulos visíveis ao microscópio de luz e que atuam nos mecanismos de defesa corporal. No sangue do homem temos em condições normais temos os linfócitos e os monócitos.

Alba – do latim *Alba*, que é feminino de *Albus*, branco, claro. Entre os romanos a cor branca era tida como símbolo de pureza, bondade e justiça. Por isso as togas dos senadores e cônsules (juizes) naquela época eram brancas.

Albicans – do latim *Albus*, branco, *Albicare*, ser branco.

Albugínea – do latim, *Albugo*, brancura. O termo significa semelhante à cor da casca do ovo cozido. Esta palavra não existia no latim antigo e foi concebida por Averres e Avicena, para nomear o humor vítreo do olho. Kaspar Bartholin, no século XVII, introduziu a palavra para nomear os envoltórios das gônadas, em especial do testículo.

Albumém – do latim *Albumen*, clara de ovo.

Alvéolo - do latim *Alveolus*, diminutivo de *Alveus*, tecido ou órgão oco.

Amácrina – do grego *A(n)*, negação, não; *Makr(o)*, grande. Interneurônios presentes na retina que possuem axônios muito pequenos, tanto que foram descritos inicialmente como neurônios desprovidos de axônios.

Ameloblasto – do grego *Amel*, esmalte e *Blasto*, germe. Este termo foi criada pelo inglês Eames em 1882 para designar a célula epitelial de forma colunar ou prismática que secreta o esmalte nos dentes.

Amígdala – do grego *Amygdalè*, amêndoa. O termo apareceu com os tradutores de Avicena, para designar estruturas semelhantes a amêndoas. Atualmente prefere-se o termo tonsila.

Amorfo - do grego *A*, sem, e *Morphe*, forma. Estrutura que não tem forma definida. Em Histologia a substância amorfa localiza-se entre as células sendo formada principalmente por água, polissacarídeos e proteínas. Pode assumir consistência rígida, como por exemplo, no tecido ósseo; e líquida, como no plasma sanguíneo.

Anáfase – do grego *Ana*, para trás, *Phasis*, fase. Fase da divisão celular (mitose ou meiose), que sucede a metáfase durante a qual as cromátides (constituintes dos cromossomos) que, durante as fases precedentes, estavam reunidas pelo centrômero, separam-se devido ao desdobramento deste. Os cromossomos filhos formados dirigem-se então para os dois pólos opostos (para trás) do fuso acromático.

Ampola – Origem incerta. Provavelmente do latim *Ampulla*, vaso, frasco. Também existem as possíveis derivações do grego *Ambullo*, eu despejo, ou latim *Ambo*, os dois lados, ou do latim *Olla*, frasco arredondado, ou ainda segundo Joseph Hyrtl do latim *Ampla*, grande e *Bulla*, bolha, pequeno saco inflável. Alguns autores alegam

que *Ampulla* é a forma corrupta e adaptada do grego *Amphoreis*, ânfora, jarro globoso com duas alças. Esta palavra pode ter sido composta do grego *Amphi*, ambos os lados e *Pherein*, levar, carregar, em referência às duas alças do vaso. Em anatomia, o termo é usado para designar dilatações terminais de ductos (deferente, lactífero, pancreático, tuba uterina) ou expansões globosas do reto

Anafilaxia – do grego *Ana*, para trás, para cima e *Phylaxis*, proteção. Em Histologia o termo anafilaxia refere-se a uma reação alérgica sistêmica, que ocorre após exposição a uma determinada substância já conhecida pelo organismo. O choque anafilático é uma reação tão intensa ao alérgeno (substância estranha ao corpo) que leva a falência de alguns órgãos inclusive a óbito (em vez de proteger, lesa o organismo).

Anágeno – do grego *Ana*, para cima e *Gen*, o que gera. Fase de crescimento do pelo.

Anastomose – do grego *Ana*, através de, e *Stoma*, boca, entrada. Ligação por meio de uma boca. A primeira menção das junções tubulares boca a boca foi utilizada por Erasítrato, que utilizou o termo *sinanastomosis* para se referir as pretensas junções artério-venosas. Deve-se preferir utilizar esse termo em relação aos vasos sanguíneos.

Anatomia – do grego *Anatomichós*, cortado, dissecado, *Ana*, através de, *Temo*, cortar e *Anatome*, Corte, secção. As primeiras dissecções anatômicas para fins científicos parecem ter sido realizadas pelos gregos. Hipócrates, Erasítrato e Herófilo tornaram a anatomia um dos campos de estudo da medicina. André Vesálios é considerado o pai da anatomia moderna devido ao magnífico livro “*De Humani Corporis Fábrica*”. Inicialmente considerada apenas uma técnica para estudar o corpo humano, a anatomia logo passou a designar o método e finalmente a ciência geral da estrutura

Anticorpo – do grego *Anti*, contra e, do latim *Corpora*, corpo. Anticorpos ou imunoglobulinas são glicoproteínas sintetizadas por células (linfócitos T ou plasmócitos - derivados dos linfócitos B) que se ligam a proteínas estranhas ao corpo, chamadas de antígenos, realizando assim a defesa do organismo.

Antígeno – do grego *Anti*, contra e *Gennao*, eu produzo. Etimologicamente deveria significar contra a concepção, mas o radical *Anti* é ai uma forma abreviada de

Anticorpos e, assim, Antígeno é um gerador de anticorpos. Antígeno é toda partícula ou molécula capaz de iniciar uma resposta imunológica, provinda do meio exterior ou do próprio organismo.

Antro - do grego *Antron* e do latim *Antrum*, cavidade, espaço oco. Em histologia refere-se a cavidades que aparecem entre as células foliculares ou da granulosa nos folículos ovarianos (Antro folicular). Não confundir com *Atrium* ou *Aditus* que eram compartimentos da casa romana. A palavra em português tem sentido de covil, refugio de ladrões, salteadores, porque em Roma antiga os malfeitores abrigavam-se em cavernas, que eram sempre mal afamadas.

Ânus - do latim *Anus*, anel. Alguns etimologistas alegam ser a palavra derivada da forma popular de *Annulus*, que era *Annus*, que significava ano (tempo). Celso foi o primeiro a utilizar o termo em Anatomia. No latim vulgar, *Annus* era o termo pejorativo para “mulher velha”, por causa da aparência enrugada da pele ao redor dos lábios (semelhantes às pregas anais) ou porque as marcas do tempo (anos) eram nelas mais evidentes.

Aorta - do grego *Aeirein*, levantar ou ser levantado. A origem deste termo ainda é incerta, pois pode ter sido derivado do Grego *Aortemai*, suspenso, *Era*, ar, *Tereo*, eu tenho ou ainda de *Aortés*, faca de cabo curto e curvo usado pelos povos macedônios. No sentido anatômico este termo foi utilizado inicialmente por Aristóteles. É o nome dado ao principal tronco arterial do sistema circulatório do qual se derivam todas as artérias do organismo. A aorta se inicia no coração, na base do ventrículo esquerdo, e termina à altura da quarta vértebra lombar, onde se divide em artérias ilíacas comuns.

Aparelho – do latim *Apparatus*, preparação, apetrecho, máquina. Utilizado inicialmente para designar apenas um conjunto ou uma coleção de instrumentos para determinado fim, passou depois a nomear estruturas ou órgãos com a mesma finalidade. Tem como sinônimo o termo grego *Systema* ou do latim *Systēma*, que é um conjunto de elementos interdependentes de modo a formar um todo organizado. No entanto em anatomia sistema não é sinônimo de aparelho, pois este último abrange um conjunto de órgãos e estruturas que atuam em combinação ou sintonia para realizar uma função, assim podemos designar aparelho genito-urinário abrangendo os sistemas reprodutores masculino ou feminino e o sistema urinário.

Apêndice – do latim *Appendix*, o que pende, balança, *Appendere*, suspender.

Apical - do latim *Apicis*, *Apex*, ponta. Relativo a uma ponta ou vértice; localizado numa extremidade.

Ápice – do latim *Apex*, ponta. A região mais alta.

Apócrina – do grego *Apo*, proveniente de, e *Krynos*, secreção. São denominadas glândulas apócrinas aquelas cuja secreção contém parte das células que a produziram, ou seja, parte das células é eliminada juntamente com o produto secretório. Alguns autores acreditam que essas glândulas são na realidade glândulas merócrinas, no entanto, a maioria dos livros de histologia ainda refere a presença dessas glândulas, tais como as glândulas mamárias, axilares e perianais.

Apoptose – do grego *Apoptosis*, de *Apo-*, de, desde, e *Ptoxis*, queda, numa referência à queda das folhas das árvores. Em histologia é aplicada a morte celular programada.

Aracnóide - do grego *Arachne*, aranha, e *Eidos*, semelhante. Este termo é utilizado para uma meninge que apresenta inúmeras projeções em direção a piamater e a duramater.

Arciforme – do latim *Arcus*, arco e *Formis*, forma de. Em Histologia descreve-se na supra-renal a zona arciforme, ou seja, as células dessa região se dispõem em cordões que formam arcos, logo abaixo da cápsula.

Aréola - do latim *Área*, espaço, com o sufixo diminutivo *Ola*. Aplica-se este termo em medicina especialmente ao espaço ao redor dos bicos das mamas.

Argentafim - do grego *Àrgyros*, prata e latim *Affinis*, vizinho. Em histologia são células podem ser visibilizadas por meio de sais de prata,

Argirofilia – do grego *Àrgyros*, prata e *Philia*, amor, amigo. Substâncias que são reveladas ou identificadas pela prata. Em Histologia temos as fibras reticulares que são impregnadas pela prata. Na realidade essas fibras são o colágeno tipo III.

Artéria – do grego *Era*, ar e *Terein*, conservar, guardar. Os gregos antigos acreditavam que as artérias conduziam o ar. Hipócrates chamava artéria à traquéia e a árvore bronquial e de *Flebos* aos vasos sanguíneos, pois os anatomistas gregos antigos acreditavam que as artérias continham ar e as veias, o sangue, pelo fato de que nas dissecações, aqueles vasos mostravam-se vazios. Somente no século XVII, os trabalhos de Miguel Servetto, Realdo Colombo, Fabrizzio

D'Àcquapendente e William Harvey demonstraram claramente a circulação sanguínea nas artérias.

Arteriola – do latim *Arteriola*, diminutivo de Artéria. As arteríolas são vasos sanguíneos de pequena dimensão que resultam das ramificações das artérias. Através das pequenas artérias (arteríolas) o sangue é libertado para os capilares. As arteríolas regulam principalmente a resistência ao fluxo sanguíneo, e, portanto, são as responsáveis pela pressão sanguínea.

Articulação – do latim *Articulatio*, nó, junção e *Arctus*, ajustado, apertado.

Artrologia – do grego *Arthron*, junção e Logos, estudo.

Astrócito – do grego *Ástron*, astro, estrela e *Kyto*, célula. Célula da neuroglia de origem ectodérmica com prolongamentos citoplásmicos que lhe dão o aspecto de uma estrela.

Atrofia - – do grego *A*, privativo e *Trophe*, nutrição. Insuficiência de nutrição, que se caracteriza por desgaste ou diminuição de células, tecidos, órgãos ou estruturas do corpo. A atrofia é uma forma de resposta adaptativa da célula a novas condições impostas pelo organismo. Ela consiste na redução do tamanho celular resultante da perda de proteínas e de outros materiais celulares (assim como de organelas), a redução das células se reflete também na redução do tecido ou órgão afetado.

Autócrino – do grego *Aut(o)*, que atua por si mesmo ou sobre si mesmo e *Krin*, secretar. São substâncias que exercem atividade sobre a mesma célula pela qual tenham sido secretadas.

Autofagia - do grego *Aut(o)*, que atua por si mesmo ou sobre si mesmo e *Phagia*, ação de comer. Mecanismo utilizado pelas células eucariotas para degradar seus próprios componentes visando normalmente a renovação citoplasmática, no entanto, em alguns casos pode ocorrer autofagia ocasionando morte celular, tal como ocorre na apoptose.

Autólise - do grego *Autos*, próprio, por si mesmo e *Lise*, quebra, destruição. A autólise ou citólise é o processo pelo qual uma célula se autodestrói espontaneamente. É comum em células danificadas ou em tecido morrendo.

Autotrófo - do grego *Autos*, própria, próprio e *Trophos*, alimentar. Ser capaz de sintetizar compostos orgânicos diretamente de compostos inorgânicos; ser vivo que fabrica o próprio alimento.

Axodendrito – do grego *Ax(o)*, eixo, *Dendr(o)*, arborização e *Īt(ēs)* elemento anatômico. Cada uma das fibrilas laterais do cilindroeixo de uma célula nervosa. No entanto este termo é utilizado normalmente para designar sinapse entre um axônio e um dendrito.

Axolema - do latim *Axis*, ou do grego *Áxon*, eixo e *Lemma*, membrana fina. Membrana que cobre o axônio.

Axonema - do latim *Axis*, ou do grego *Áxon*, eixo e *Nē-m(a)*, hilo. Feixe de microtúbulos e proteínas associadas que formam o eixo central de um cílio ou de um flagelo nas células eucariotas. Este termo foi introduzido por Entz (1901) na Inglaterra.

Axônio – do latim *Axis*, ou do grego *Áxon*, eixo. O axônio é uma projeção, longa e fina de uma célula nervosa (neurônio), que conduz os impulsos elétricos para longe do corpo do neurônio. Deve ser mencionado que mantém diâmetro constante ao longo de sua extensão.

Axoplasma – do grego *Áxon*, eixo e do latim *Plasma*, criatura ou do grego *Plásm(a)*, líquido constituinte. Citoplasma do axônio de uma célula nervosa.

B

Baço – do latim *Opacius* ou *Opacus*, opaco, escuro, sem brilho. Em latim, a palavra para este órgão era *Lien*, no Grego *Splien*, baço, mas a língua portuguesa não a adotou. Não se sabe ao certo talvez a palavra baço possa ser derivada do latim *Badium*, moreno pálido. O adjetivo baço, em português, é sinônimo formal de opaco e daí as palavras embaçado ou embaciado (que não se deixa atingir o atravessar pela luz). A designação do órgão abdominal provavelmente originou-se da sua coloração ou mesmo da sua posição. Na história da medicina o baço sempre constituiu um desafio à curiosidade dos investigadores que buscavam compreender a sua função no organismo. A teoria dos humores da medicina hipocrática, que orientou o pensamento médico durante mais de vinte séculos, atribuía-lhe a função de produzir a bile negra, um dos quatro humores do corpo, e de cujo equilíbrio

dependeria a saúde. O excesso de bile negra seria responsável pelo mau humor das pessoas.

Bainha – do latim *Vagina*, qualquer bainha ou estojo, como da espada.

Bálsamo – do grego e designa uma árvore denominada de *Balsamodendron Opobalsamum* que produz um óleo ou azeite aromático e medicinal. Este termo passou para o latim como *Balsamum*.

Barreira - do latim *Barra*, tranca de porta, travessa.

Basal - do grego *Básis*, apoio, fundação.

Base – do grego *Básis*, apoio, fundação.

Basófilo – do grego *Basis*, base, e *Philein*, amar. Que se liga a corantes básicos. No caso da histologia as estruturas mais comuns que se ligam aos corantes básicos são o DNA e o RNA que se coram pela hematoxilina. Assim diz-se que o núcleo e algumas áreas do citoplasma são basófilas por se corarem em azul pela hematoxilina.

Bastonete – do francês *Baston*, em forma de bastão pequeno. Em histologia denominam células em forma de bastão na retina, que conseguem funcionar com baixos níveis de luminosidade, porém incapazes de identificar cores.

Bexiga – do latim *Vesica*, bexiga ou vesícula. O equivalente grego é *Kystis*. A origem da palavra bexiga é interessante, pois de *Vesica*, passou a *Vexiga* e depois a *Boxiganga* que era o nome de um personagem cômico do teatro espanhol. Depois vieram *Mogiganga*, *Bogiganga* e finalmente *Bugiganga*. Por um tempo, a palavra designou festa com pessoas disfarçadas ou peça de teatro cômica, curta. Depois passou a designar qualquer objeto usado para debochar de alguém, e finalmente, se assentou querendo dizer objeto de pouco valor. Estes personagens usavam bexigas de animal infladas debaixo da roupa (não tinham ainda inventado os balões de borracha), as quais iam sendo estouradas ao longo da peça teatral fazendo diminuir o tamanho da figura. A palavra grega *Kystis*, com o sentido de bexiga, já é encontrado na *Ilíada* de Homero.

Bifurcação – do latim *Bis*, dois, duplo e *Furca*, fôrca, forçado de dois dentes. A fôrca romana, originalmente, era dupla, em forma de *T*, isto é, tinha dois braços.

Bigorna – do latim *Incus*, bigorna e *Incudere*, golpear, malhar, forjar. André Vesálio foi o primeiro que notou a semelhança de forma dos ossículos da audição com os instrumentos do ferreiro e assim os denominou.

Bili (e) – do latim *Bil(is)*, bile, bili, fel. Sustância líquida alcalina amarelada produzida pelo fígado de muitos vertebrados. Intervem nos processos de digestão funcionando como emulsionante dos ácidos graxos. Contêm sais biliares, proteínas, colesterol e hormônios. No contêm enzimas digestivas.

Bilífero – do latim, *Bílis*, bile e *Ferus*, que transporta. A palavra bílis pode derivar de *Bis*, dois, duplo e *Lis*, contenção, significando dupla causa de raiva, porque os antigos acreditavam que a retenção da bile provocava ânimo raivoso, daí o adjetivo colérico. Em latim, o termo *Fel* era mais usado para a bile armazenada na vesícula biliar, enquanto *Bílis* era usada para a secreção. Até o século XVII, o termo *Bílis* era frequentemente substituído pelo equivalente grego *Chole*. O anatomista Francis Glisson chamou a atenção para o fígado como órgão produtor da bile e foi o primeiro a sugerir que esta secreção atuava na digestão das gorduras, fato descrito mais tarde por Albrecht von Haller.

Bilirrubina - palavra latina, *Bílis*, fel ou bílis e *Rube(um)*, vermelho e *In*, substância química. Pigmento biliar de cor amarelo-alaranjado que resulta da degradação da hemoglobina.

Bio – do grego *Bios*, vida. Prefixo usado em muitos termos médicos.

Biopsia – do grego *Bios*, vida e *Opsis*, visão. Exame de um tecido que se retirou de um ser vivo, geralmente para se dar um diagnóstico.

Boca – do latim *Bucca*, bochecha, refere-se na atualidade a cavidade oral. O termo foi provavelmente assimilado do hebreu *Bukkah*, que tinha o sentido de vazio, oco. Em latim, o contorno da abertura oral (rima dos lábios) era denominado “*Os*”. O equivalente grego é *Stóma*.

Borda – do árabe *Bord*, prancha, margem.

Branca – do latim *Alba*, feminino de *Albus*, branco, claro.

Brônquio – do grego *Bronchos*, mole, úmido. Acreditava Platão que os líquidos deglutidos alcançavam o estômago pela traquéia e os alimentos sólidos, pelo esôfago. Daí a justificativa da umidade (muco) daquela. Inicialmente, Rufo de Éfeso

usou o termo para designar os anéis da traquéia, mas o sentido foi depois extrapolado para sua divisão e gradualmente acabou denominando apenas os ramos que adentram os pulmões e que se mantem pérvios devido a presença de peças cartilaginosas. Popularmente, designava tanto a garganta como a própria traquéia.

Bronquíolo – do grego *Bronchos*, mole, úmido e *Olus*, sufixo diminutivo. Em Histologia representa a divisão dos brônquios, onde não se observa mais a presença das peças de cartilagem.

Bucal – do latim *Bucca(m)* boca e *ãl(em)*, derivado, relativo. O que é relativo à boca.

Bulbo – do grego *Bolbos*, bulbo, especialmente da cebola.

Bursa – do latim *Burs(am)*, bolsa, do grego *Bursa*, couro, pele e *Bous*, boi. Esta palavra apareceu somente no século XVII, designando o saco membranoso sinovial que foi chamado de “mucuous bursa” por Albinus. Winslow e Monro descreveram as bolsas sinoviais que são encontradas entre os músculos ou entre um músculo e um osso. São pequenas bolsas forradas por uma membrana serosa que possibilitam o deslizamento muscular.

C

Cabelo – do latim *Capillus*, cabelo, *Pilus*, pelo. O equivalente grego é *Thrix*, *Thriknós*.

Caduco – do latim *Cad(ere)/Cid(ere)*, cair.

Calcitonina – do latim *Calc*, pedra de cálcio, e do grego *Ton(o)*, tensão e *in(a)* substância química. Hormônio peptídico que intervem no metabolismo do cálcio e do fosfato; reduz os níveis sanguíneos de cálcio de várias maneiras, por exemplo: 1- diminuindo a absorção intestinal, 2 – aumentando o armazenamento de calcio pelos ossos, e 3 – aumentando a excreção do cálcio pelos rins.

Cálculo – do latim *Calcul*, pequena pedra. Concreções formadas em alguns órgãos.

Cálice – do grego *Kalyx*, taça. Refere-se a toda estrutura em forma de taça, como os cálices renais. Em botânica, a palavra cálice (da flor) parece ter origem do grego *Kalypto*, esconder, cobrir, significando o local recôndito para os órgãos reprodutores do vegetal, mas é interessante notar que o cálice da flor, invertido, assemelha-se a uma taça na mesma posição.

Caliciforme - do latim *Calix*, do grego *Kalyx* ou do Indo-Europeu *Kal*, taça, copo, vaso de beber; e do grego *Morphe*, forma. Célula que secreta muco presente em alguns epitélios que apresenta forma de cálice.

Camada – do latim *Cama*, leito grosseiro baixo e estreito, depois adaptado como neologismo na Península Ibérica, no português assim como no espanhol, para designar o móvel no qual descansamos, dormimos, somos tratados de enfermidades. Camada é porção de qualquer substância que forma um todo, sobreposta a outra. É também categoria, classe. Camada social é usado para definir os limites entre uma classe social e outra, ou ainda no interior de um mesmo segmento. Vide também a palavra *Estrato*.

Canal – do latim *Canalis*, canal, sulco profundo.

Canalículo – do latim *Canaliculus*, diminutivo de *Canalis*, canal, sulco profundo

Capilar – do latim *Capillaris*, relativo ao cabelo, *Capillus*. Fino como um fio de cabelo. Embora Leonardo da Vinci e Andrea Cesalpino (1519-1603) tenham intuído a existência dos vasos capilares e feito algumas observações sobre o fenômeno da circulação. No entanto foi Marcello Malpighi, em 1661, quem os descreveu pela primeira vez ao microscópio de luz. Anton van Leeuwenhök, em 1688, confirmou sua descoberta.

Cápsula – do latim *Capsulla*, diminutivo de *Capsa*, caixa, mala e *Capere*, guardar, conter. Em histologia este termo é utilizado para designar uma região geralmente formada por tecido conjuntivo que reveste externamente os órgãos.

Caracol – do grego *Kokhlíā(s)*, caracol. Nome comum dos moluscos gastrópodos provido de uma concha espiral.

Cárdia – do grego *Kardia*, coração. Tem esse nome por ser a porção do estômago que se acha mais próxima do coração. Para os gregos esse termo designava a porção do estômago mais próxima do coração, no entanto foi Jean Riolan quem assinalou essa região para a anatomia.

Cardíaco – do latim *Cardicus*, relativo ao coração. Forma diferencial para *Cardicus*.

Cardiomiócito – do latim *Kardia*, coração, *Mys*, músculo e do grego *Kytos* que significa célula. É um termo para denominar as células musculares estriadas

cardíacas que formam o músculo cardíaco. Também são denominadas de fibras musculares estriadas cardíacas.

Carina – do latim *Carina*, casca de noz, quilha de barco. Provavelmente a palavra derivou da semelhança com a forma da quilha de um barco.

Carótida – do grego *Karoun*, fazer dormir. Cair em sono profundo. Na Grécia antiga os caçadores imobilizavam certos animais apertando-lhes estas artérias. Aristóteles acreditava que a compressão da artéria carótida resultava em desmaio o sono profundo e afonia. A crença permaneceu até a idade média, mesmo depois que foi demonstrado em animais vivos que a ligadura das artérias carótidas não produzia estupor. Os gregos notaram a importância deste vaso, registrado na 31ª mélope do Paternon, a qual mostra um centauro comprimindo a carótida de um guerreiro Lapídico. Ambrósio Paré referiu-se a este fenômeno no século XVI. Aos dois ramos foi dado o nome de carótidas, as artérias do sono, pois, se foram obstruídas de alguma maneira, nós rapidamente adormecemos.

Cartilagem - do latim *Cartilago*, que significa cartilagem. A cartilagem é uma espécie de tecido elástico e de tonalidade esbranquiçada, que se encontra nas extremidades dos ossos, formando também a estrutura do nariz e das orelhas. De acordo com alguns etimologistas, a palavra latina *Cartilago* teria origem a partir do termo *Crates*, que é relativo ao trabalho em vime. Os antigos associavam o vime – nome dado aos materiais compostos de varas moles e flexíveis – à cartilagem, por apresentarem características flexíveis semelhantes.

Cava – do latim *Cavus*, oco, vazio. O termo *Cava*, tanto em latim como nas línguas modernas, tem o mesmo significado de *Koíle*, em grego, e pode, igualmente, ser substantivo ou adjetivo. Substantivo na acepção de cavidade, escavação, buraco, e adjetivo, como feminino de cavo, significando vazio, esvaziado, sem conteúdo. A veia cava recebeu de Hipócrates, em grego clássico, a denominação de *Phléps koíle*. Na antigüidade *Phléps*, *Phlebós*, era usado para os vasos sanguíneos de um modo geral, tanto para as artérias como para as veias. *Koíle* é feminino de *Koílos*, que pode ser adjetivo ou substantivo. Como adjetivo quer dizer vazio, esvaziado, oco. Como substantivo tem o sentido de cavidade, buraco, concavidade.

Cavernoso – do latim *Cavernosus*, relativo à caverna, porão. Em anatomia designa uma estrutura formada por múltiplas cavidades (cavernas) ou

compartimentos, como os corpos cavernosos do pênis e os seios cavernosos da dura-matér.

Cavidade – do latim *Cavitas*, cavidade, escavação.

Cavo – do latim *Cavum*, buraco.

Ceco – do latim *Coecus*, cego ou obscurecido. Vesálio nomeava *Coecus* ao apêndice vermiforme, porque este realmente terminava em fundo cego.

Célula – diminutivo do latim *Cella*, pequeno aposento. O termo célula é impróprio para caracterizá-la. Isso porque esse termo foi usado pela primeira vez por Robert Hooke, em 1665; quando observava em um microscópio rudimentar um fragmento de cortiça (tecido vegetal da casca de caules velhos). Neste fragmento, observou uma grande quantidade de pequeninos espaços vazios, que resolveu chamar de células. Hooke mostrou também que a estrutura celular não era restrita à cortiça, pois a encontrou em muitos outros vegetais. Só muito tempo depois, que outros cientistas conseguiram, com equipamentos mais avançados, ver a célula viva e descobrir que ela não era um espaço vazio, mas um corpo cheio de conteúdo e com funções muito importantes. Mas mesmo assim, o nome Célula nunca foi mudado. A palavra grega *Cytus* é usada unicamente nos termos compostos.

Centríolo - do grego *Kentr(o)*, centro e do latim *l-ol-u(m)*, pequeno. Os centríolos são organelas formadas por microtúbulos em um arranjo definido pela fórmula $[9(3)+0]$ ou, simplesmente, $9(3)$ localizados no centro da maioria das células. Neste arranjo ocorre a fusão parcial de microtúbulos formando nove (9) trincas que se dispõem em círculo, ao redor de um eixo protéico central, sendo também ancoradas lateralmente entre si por proteínas associadas. O eixo protéico central estende-se por cerca 1/3 de seu comprimento e dele partem proteínas fibrosas que ancoram as trincas periféricas junto a abertura do cilindro, conferindo à esta região do centríolo um aspecto de guarda-chuva ou roda-de-carroça, denominada porção fechada ou proximal. Em um centríolo do diplossomo, ela mostra-se orientada para o núcleo, enquanto sua outra extremidade, que não apresenta o eixo protéico, denominada de porção aberta ou distal, mostra-se orientada, neste mesmo centríolo do diplossomo, para a membrana plasmática.

Cerebelo – diminutivo latino de *Cerebrum*. Embora a palavra *Cerebellum* seja diminutivo de *Cerebrum*, era usada no latim cotidiano apenas para designar este

órgão em animais, quase que exclusivamente em termos culinários (como miolos, em português). Em anatomia, Erasístrato dividiu o encéfalo em *Cerebrum* e *Cerebellum*, termos adotados por Galeno.

Cérebro – do latim *Cerebrum*. Apesar de que em forma leiga, a palavra *Cerebrum* pudesse designar todo o encéfalo, Erasístrato dava este nome apenas à grande massa de dois hemisférios que ocupavam a maior parte do crânio. É provável que a palavra tenha derivado do grego *Kara*, cabeça, porque sua forma latina mais arcaica era *Carabrum*.

Cerúmen – do latim *Cerume*, cera. O cerúmen ou cerume, conhecido popularmente como cera ou cera do ouvido, é uma secreção lipídica proveniente de glândulas sebáceas modificadas que se encontram no canal auditivo externo, denominado de meato acústico externo.

Cérvice – palavra latina *Cervix* que significa colo ou pescoço.

Ciano – do grego *Kyan*, azul escuro.

Cianófilo – do grego *Kyan*, azul escuro e *Philein*, amigo, afinidade. O que se cora em azul escuro.

Ciático – do latim *Sciaticus*, forma corrompida de *Schiadicus*, isquiático.

Cicatriz – do latim *Cicātric(em)*, cicatriz. Novos tecidos formados no processo de reparação de uma ferida.

Citologia – do grego *Kytos*, vaso ou célula e *Logos*, estudo. É o ramo da biologia que estuda as células no que diz respeito à sua estrutura, suas funções e sua importância na complexidade dos seres vivos.

Citoplasma – do grego *Kytos*, vaso ou célula e *Plassos*, molde. É o espaço intracelular entre a membrana plasmática e o envoltório nuclear em seres eucariontes, enquanto nos procariontes corresponde a totalidade da área intracelular.

Clitóris – origem incerta, provavelmente do grego *Kleitorís*, fechado. Por causa da sua posição, fechado entre os lábios da vulva. Em 1559, o anatomista italiano Realdo Colombo (1515/6-1559) afirmou ter descoberto o clitóris. Exame mais detalhado da literatura revela que, embora certamente ele destacasse o papel do

clitóris na sexualidade feminina, a sua reivindicação de prioridade não é procedente, pois já era mencionado em tratados gregos, persas e árabes.

Coágulo - do latim *Coagulare*, coalhar. Massa composta de fibrina, plaquetas e glóbulos vermelhos que tem como função impedir a perda de sangue quando em vaso sangüíneo é lesado.

Coanas – do grego *Choané*, funil, *Cheo*, coar, escorrer. Designa a passagem estreita (afunilada) da cavidade do nariz para a parte nasal da faringe.

Cóccix – do grego *Kókkyx*, cuco (pássaro). Herófilo e posteriormente Vesálio chamou assim os últimos ossos da coluna vertebral por sua semelhança, em conjunto, com a forma do bico deste pássaro. Jean Riolan (1620) dá outra explicação, pois alega que na emissão de gases pelo ânus, o som reverbera no cóccix e parece soar como o grito de ave, daí um termo muito antigo usado para cóccix, o osso do assobio.

Cóclea – do latim *Cóclea*, concha ou caracol, do grego *Kochlias*, concha em espiral. O primeiro anatomista a dar este nome foi Empédocles, acreditando que os sons eram ali recebidos. A cóclea somente foi detalhadamente descrita por Bartollommeo Eustachio (1553) e nomeada por Gabriell Fallopio, em 1561.

Colágeno – do grego *Kolla*, cola e *Gennaio*, eu produzo. Esse nome deriva do fato de que quando essa substância é fervida dá origem a uma cola. Dependendo do local apresenta várias formas podendo aparecer em forma de fibras, em forma de grânulos e em forma de redes. Essa substância é que dá origem a gelatina que nós consumimos como sobremesa. Em biologia o colágeno é a proteína mais abundante no organismo, constitui cerca de 30% das proteínas do nosso corpo e 6% do peso total. A principal função do colágeno consiste em manter a forma e impedir a deformação dos tecidos. Suas fibras proporcionam sustentação à pele, ossos, cartilagens e inúmeros órgãos. Quando em forma de rede forma a lâmina basal.

Colédoco – do grego *Chole*, bile, e *Dechomai*, receber. Dá o nome ao ducto que recebe a bile da vesícula biliar e a transporta ao duodeno. Outra possibilidade para este nome seria a união de *Chole*, bile e do latim *Duco*, eu conduzo, significando eu levo a bile. A formação de palavras unindo radicais gregos e latinos foi comum na antiguidade e na idade média.

Colo – do latim *Coellum* ou *Collum*, pescoço, gargalo. No entanto pescoço tanto era chamado de *Collum*, como de *Cervix*. *Cervix* referia-se especialmente à face posterior ou nuca. Por analogia com o pescoço, ambos os termos (*Collum* e *Cervix*) passaram a designar a porção estreitada de uma estrutura. Na terminologia médica, *Collum* predominou sobre *Cervix*, razão pela qual se diz hoje colo do fêmur, colo vesical, colo da vesícula biliar, colo do útero. *Cervix* manteve-se durante muito tempo na nomenclatura anatômica para designar o colo do útero. Primitivamente *cervix* incluía também a vagina, tendo sido Fallopius (1523-1563) quem restringiu o seu uso ao colo do útero em seus limites anatômicos. A denominação de *Cervix uteri* dada por Fallopius foi adotada pela nomenclatura anatômica, no entanto atualmente é designado de colo do útero na atual terminologia anatômica. O genitivo *uteri* (do útero) tornou-se dispensável em português e *cervix* passou a ser sinônimo de colo do útero. Alguns autores preferem a forma vernacular *cérvice* a *cérvix*. No entanto, a nomenclatura anatômica, que foi traduzida para o português adotou o termo colo do útero, em lugar de *cérvix* ou *cérvice*. O vocábulo grego correspondente ao latim *Cervix* é *Trákhelos*, com o qual se formaram diversos termos médicos, muitos deles relacionados com o pescoço, enquanto outros se referem especificamente ao colo do útero. Ex.: traquelismo (espasmo dos músculos do pescoço), traquelodinia (dor no pescoço), traquelocifose (curvatura anormal da coluna cervical), traquelotomia (incisão no colo do útero), traqueloplastia (plástica cirúrgica do colo do útero), traquelorrafia (sutura do colo do útero). Ao contrário de outros termos latinos semelhantes, como *Fornix*, que é do gênero masculino, *Cervix*, em latim, é feminino. Por esta razão é preferível a manutenção do gênero feminino em português. Devemos dizer a *cérvix* ou a *cérvice*, em lugar de o *cérvix* ou o *cérvice*.

Colostro - do latim *Colostrum*, a primeira secreção da glândula mamária após o parto.

Condral – do grego *Chondros*, cartilagem.

Condroblasto – do grego *Chondros*, cartilagem e *Blastos*, germe. Célula que secreta ativamente a matriz cartilaginosa.

Condrócito – do grego *Chondros*, cartilagem e *Cytus*, cela. Células que mantêm (secreta e restaura) o tecido cartilaginoso e que se localizam em lacunas dentro da matriz cartilaginosa.

Condroclasto – do grego *Chondros*, cartilagem, *Clastus*, destruir. São células que reabsorvem a matriz cartilaginosa, sendo oriundas dos monócitos.

Conjuntiva – do latim *Conjunctivus*, unido, ligado, *Con*, junto e *Jungere*, ligar, atar. A palavra conjuntiva é a forma feminina do adjetivo *Conjunctivus* e foi introduzida por Berengario da Capri, originalmente na expressão membrana conjuntiva para designar a membrana contínua entre a pálpebra e o bulbo do olho. No século XVIII perdeu o substantivo e passou a chamar-se somente conjuntiva.

Conjuntivo – do latim *Con*, junto e *Jungere*, ligar, juntar. Esta palavra parece ter sido empregada pela primeira vez por Johannes Müller, para designar um dos tecidos fundamentais descritos por François Xavier Bichat. A tendência deste termo pode ser substituído por tecido conectivo, ou seja, o que liga devido as suas propriedades. É um tecido que apresenta grande concentração de matriz.

Contorcido – do latim *Contortus*, contorcido, virado e *Contorquere*, virar, girar.

Contração – do latim *Con*, e *Trahere*, trazer.

Coração – do latim *Cordis*, *Cor*, coração. Esta palavra tem várias conotações. Para os antigos Romanos o coração era a sede da coragem. No romantismo o coração guarda a poesia guarda a memória; afinal, quando aprendo algo de cor, estou a apre(e)nder de coração, como bem nos aponta o filósofo Derrida ao trazer a expressão inglesa à discussão: To love a poem is to want to have it in your heart, to learn it by heart. Amar um poema é tê-lo em seu coração. Conforme mencionado o vocábulo é formado a partir do latim (*Cor*, *Cordis*). Assim, etimologicamente pode ser apreendido (de cor) como sendo a sede (de conhecimento), o centro da alma, da inteligência e da sensibilidade. A partir disso, podemos pensar que a etimologia de coração está subscrita na famosa frase de Blaise Pascal: O coração tem razões que a própria razão desconhece, que sintetiza sua doutrina filosófica: o raciocínio lógico e a emoção. Em indo-europeu, tem-se a palavra *Kerd-*, coração; em grego, *Kh'r* e *Kardiva* que correspondem apofonicamente ao latim *Cor*, *Cordis*, daí uma família etimológica portuguesa concórdia, discórdia, misericórdia - do latim e cardíaco, cardiopatia. O K indo-europeu corresponde ao H inglês: *Kerd* - *Heart*; está no alemão *Herz*. O francês manteve o elemento latino: *Coeur*, *Écoeurer* (enjoar); *Cordial*; *Recors* (beleguim, agente da polícia); miséricorde; accorder. Do latim corrente o francês formou *courage* (coraticum), assimilado por nós na forma

coragem. O inglês ampliou o seu vocabulário com *accord*; *courage* do francês. Há continuidade deste elemento em italiano (*core*, *cordiale*, *concordia*, *ricordare*) e espanhol (*corazon*, *cordial*, *recordar*, *concordia*).

Cório – do latim *Corium*, pele, membrana, couro. Em termos mais precisos, um termo alternativo para derme. Antigamente designava toda a camada da pele (tegumento comum) inclusive a epiderme e a tela subcutânea.

Córnea – do latim *Corneus*, de consistência de corno ou chifre. A córnea ocular recebeu essa denominação por ser a primeira camada ou a mais espessa das membranas oculares.

Corpo – do latim *Corpus*, corpo, substância, matéria. O termo denomina várias estruturas e tinha, na antiguidade, o significado geral de acúmulo de substâncias. Daí os nomes de corpo lúteo, corpo caloso, corpo estriado etc. O organismo morto é usualmente denominado de cadáver, que parece derivar do latim *Cadere*, cair, ou da união de *Cadere* e *Vero*, verdadeiro, significando definitivamente caído o que poderia ser uma palavra composta, formada pelas primeiras sílabas das palavras da expressão *CAro DATA VERmis* (carne dada aos vermes). É muito conhecida a expressão *Orandum est ut sit mens sana in corpore sano*. Verso de Juvenal (Sátira, X), sendo conhecido somente as últimas palavras, significando - devemos rezar para ter um espírito são num corpo são.

Corpúsculo - do latim *Corpus*, corpo, substância, matéria, diminutivo de corpo

Corte – do latim *Sectio*, corte, secção, divisão resultante de corte.

Córtex – do latim *Córtex*, casca de árvore, pele de fruta, invólucro. A palavra cortiça deriva diretamente de córtex, nome dado à casca de árvores lenhosas como o sobreiro e de onde ela é extraída. A grafia correta em português deveria ser córtice, mas este termo não é usado. Em anatomia, córtex significa o revestimento externo de um órgão, em oposição ao seu interior (medula).

Corticosterona - do latim *Córtex*, casca de árvore e do grego *Ster-ona*, hormônio esteróide. Hormônio esteróide do córtex da supra-renal que regula o metabolismo dos lipídeos, carboidratos e proteínas.

Cremaster – do grego *Kremastér*, suspensor e *Kremastein*, erguer, suspender. Nome dado por Galeno e adotado por Celso, aos músculos que suspendem os testículos. Parece ter sido Riolan quem reintroduziu o nome em anatomia, dando-o

também ao ligamento redondo do útero (*Cremaster mulieris*). A fascia cremastérica foi descrita por Scarpa, em 1809.

Cripta – do latim *Crypta*, gruta, galeria subterrânea e do grego *Kriptós*, escondido, enterrado. A palavra foi introduzida pelo anatomista Frances Charles Estiennen para nomear as pequenas depressões onde as glândulas mucosas e sebáceas se abriam. Na Roma antiga, dava nome a um edifício abobadado abaixo do nível do chão. Os primeiros cristãos, perseguidos pelos romanos, escavavam galerias para praticarem seus rituais proibidos por lei. Chamavam-nas de catacumbas do grego *Katá*, para baixo e *Kumo*, abrigar-se, proteger-se. Na idade média, os constantes ataques às ricas igrejas fez ressuscitar o antigo costume cristão e quase todas mantinham uma câmara ou galeria subterrânea, sob o altar ou um santuário, para guarda dos tesouros e das relíquias dos santos. Nas épocas de perseguições religiosas eram também utilizadas como capela de oração e até mesmo como cemitério para os crentes.

Crista – do latim *Crista*, crista, penacho.

Cristalino - do grego *Krystall*, gelo, cristal de rocha. Nome dado a atual lente do olho.

Cromafim - do grego *Khrōm(o)*, cromo, cor e do latim *Ad-fīn(em)*, perto, vizinho. Que se escurece ao entrar em contato com os sais de cromo; aplica-se às células da medula da supra-renal e aos paragânglios.

Cromatina – do grego *Chroma*, cor. Representam o material corado no interior dos núcleos. Atualmente sabe-se que esse material representa os ácidos nucleicos (DNA e RNA).

Cromófila - do grego *Chroma*, cor; *Phylia*, gostar. Estruturas que se coram.

Cromófoba – do grego *Chroma*, cor; *Phobos*, medo, repulsa. Estruturas que não se coram.

Cumulus oóforos – do latim *Cumulus*, eminência, protuberância; do grego *Oon*, ovócito e *Phorus*, portador. A proeminência de células da granulosa (foliculares) que estão aderidas ao ovócito.

Cúspide – do latim *Cuspis* ou *Cuspidis*, ponta de lança ou de dente de javali. Designa estruturas pontudas como as válvulas das valvas atrioventriculares e as elevações na face oclusal dos dentes. John Hunter deu o nome de cúspide ao dente

canino e bicúspide aos pré-molares, em consideração ao número de pontas que eles apresentam.

Cutâneo – do latim *Cutaneous*, pertencente à pele.

Cútis – do latim *Cutis*, invólucro, pele e do Grego *Kuto*, jarro coberto com membrana ou couro, saco. Designa a pele humana em geral, especialmente a da face. O diminutivo de *Cutis* é *Cuticula*. A palavra grega equivalente à pele é *Derma*.

D

Decidua – do latim *Deciduus*, caído, que cai, *Decidere*, cair. Parte da zona funcional do endométrio que se modifica durante a gravidez e que é rejeitada ao nascimento.

Deferente – do latim *Deferre*, depositar, trazer para baixo. O ducto deferente recebeu este nome de Berengário da Carpi (1500), renomado anatomista da escola pré-vesaliana. No sentido de trazer para baixo, o nome estaria mal colocado, pois o ducto, inicialmente, conduz os espermatozoides para cima.

Delgado – do latim *Tenuē*, fino, delgado, delicado. Dá nome à porção do tubo alimentar que se situa entre o estômago e o intestino grosso. O termo grego equivalente é *Dolychos* (longo), que tem sentido mais preciso.

Dendrito – do grego *Déndron*, árvore. Na histologia representam as ramificações citoplasmáticas do neurônio, que partem do corpo da célula. Servem para ampliar a área de recepção eletroquímica recebida de outras células neurais para o corpo celular ou soma.

Dente – do latim *Dente*, dente. A palavra parece ser uma forma abreviada de *Edens*, comestível, associada à *Edare*, comer. O plural de *Dens* é *Dentes*. A palavra grega para dente é *Odous* que, em português deu *Odonto* e é usada como afixo. Em anatomia também qualquer projeção ou saliência semelhante a um dente (processo odontóide). O equivalente grego é *Odous*, *Ontos*.

Denteado – do latim *Dentatus*, que tem dentes, dentado.

Denticulado – do latim *Denticulatus*, com pequenos dentes. Os ligamentos denticulados da pia-máter foram notados pela primeira vez por Casper Bauhin.

Dentina – do latim *Dentina*, substância dentária. Termo introduzido por Owen, composto de *Dens* e o sufixo *Ina*, substância.

Derme – do grego *Derma*, couro, pele. A palavra em português é masculina, portanto, o correto é o *derma* ou o derme. Alguns etimologistas preferem a forma *derma* ao invés de *derme*, que alegam ser anglicismo inútil. Mas, quanto ao gênero masculino, todos os lingüistas concordam.

Descendente – do latim *Descenden*, que desce e *Descendere*, descer.

Desidratação - do latim *De*, fora grego *Hydro*, água. O material biológico, mesmo após a fixação, ainda retém cerca de 85% de água em seu interior e, como se sabe, a parafina é um produto derivado do petróleo, portanto, insolúvel em água. Desta forma, para que ela consiga penetrar no tecido processado, é necessário que a água presente seja retirada. Diversas substâncias desidratantes são eficazes, variando apenas o tempo de desidratação. Entre elas, pode-se citar os álcoois butílico, isopropílico e metílico, a acetona, o éter, o clorofórmio e o óxido propileno. Porém, rotineiramente, é o álcool etílico o produto mais utilizado para esse fim. Durante o processo, pode-se observar que a peça recupera sua cor natural e diminui de tamanho, visto que, no espaço onde havia água, agora não há mais. Aconselha-se que a desidratação do tecido seja feita de forma progressiva quanto à graduação alcoólica, e não diretamente com o álcool absoluto. Isto porque uma desidratação muito rápida provoca maior retração do tecido, podendo ocasionar artefatos posteriores. Mas, segundo Masson, uma desidratação a partir do álcool absoluto produz excelentes resultados. Já que a finalidade do álcool é retirar água dos tecidos, essa água que sai é também responsável pela diluição do agente desidratante em questão. Tem-se por base que o volume necessário de álcool deva ser 20 vezes maior que o volume da peça, e, para que a desidratação seja adequada, há uma série de recomendações. Aconselha-se que o recipiente em que o processo esteja sendo realizado seja agitado constantemente para permitir a mistura da água depositada no fundo com o álcool. É necessário também que o álcool seja renovado várias vezes, para que a água liberada também seja desprezada. A utilização de recipientes com o fundo largo favorece que o volume de água depositado no fundo seja menor e tenha menor contato com a peça a ser desidratada. Não se deve aquecer o álcool durante a desidratação, pois, sendo ele mais volátil que a água, pode ocorrer a hidratação do meio.

Desmossoma – do grego *Desmo*, atadura, ligamento e *Soma*, corpo, corpúsculo. Espessamento especializado da membrana celular de algumas células que serve para fixá-las às células adjacentes.

Detrusor – do latim *Detrudere*, repelir, expulsar, e *Actor*, agente.

Diafanizar – do grego *Diáfanos*, transparente. Na desidratação a parafina é insolúvel em água, e muito pouco em álcool. Desta maneira, faz-se necessário que o álcool presente nas peças após o processo de desidratação seja substituído por um produto com o qual a parafina tenha afinidade. Dentre os produtos diafanizadores conhecidos estão o xilol, toluol, benzeno, óleo de cedro e os solventes universais acetato butílico, dióxido dietileno e benzoato metílico. No processamento histológico de rotina, o xilol é o mais utilizado, e, conforme vai penetrando na peça, em substituição ao álcool, a peça vai se tornando mais clara, motivo pelo qual a etapa pode também ser chamada de clarificação. O xilol é um solvente orgânico derivado do petróleo, trata-se de um líquido incolor, volátil inflamável e com potencial tóxico significativo, havendo relatos de ação narcótica, fadiga, náuseas, dano hepático, edema pulmonar, entre outros efeitos nocivos. Suas propriedades também possibilitam a degradação da borracha, neoprene e PVC. Sendo assim, o produto deve ser manipulado de acordo com as exigências de biossegurança, com a utilização adequada dos Equipamentos de Proteção Individual (EPI), em capela de exaustão e luvas de polivinil, além de não poder ser descartado em rede de esgoto sem tratamento prévio. Os diafanizadores são insolúveis em água e solúveis em álcool, portanto, têm densidade maior que a do álcool. Antigamente recomendava-se que o recipiente utilizado nessa etapa não fosse agitado, para que o diafanizador ficasse separado do álcool que sai da peça, mas atualmente recomenda-se o contrário para melhorar a difusão no meio, ou seja, promover a saída do álcool e a entrada do xilol. Aconselha-se, também, a troca do diafanizador pelo menos duas vezes e não deixar a peça por muito tempo mergulhada para evitar ressecamento e prejudicar sua qualidade. Pode ocorrer de aparecer uma nata branca na superfície do recipiente, indicando que a peça em contato com o diafanizador não foi bem desidratada.

Diáfise – do grego *Dia*, entre, através, e *Physis*, sulco, crescimento. Em anatomia, a palavra foi inicialmente usada por Platão para nomear ligamentos articulares e só passou a designar a parte média do osso longo – situada entre as extremidades

que crescem – após os termos *Epiphysis* e *Apophysis* terem sido aplicados ao osso. Atualmente permanece apenas com esse significado. É interessante saber que este termo, na linguagem grega coloquial, também tinha outros significados como o desabrochar de uma flor ou de um adolescente, o intervalo entre dois dentes e mancha na casa de um fruto.

Diafragma – do grego *Dia*, entre, através, e *Phagma*, parede, cerca. No início, usado para qualquer parede divisória ou septo (como o palato), o termo foi depois especificamente empregado por Galeno para designar apenas o músculo que separa as cavidades torácica e abdominopélvica, Celso chamava-o *Septum transversus*.

Diapedese - do grego *Diapédesis*, ato de saltar através, de *Diapedan*, saltar através, de *Dia*, através, mais *Pedan*, pular, saltar. Diapedese é a passagem dos leucócitos do sangue para o tecido conjuntivo. Faz-se atravessando os vasos capilares.

Digestório – do latim *Digestorium*, local da digestão.

Dilatador – do latim *Dilatare*, alargar, ampliar e *Actor*, agente.

Díploe – do grego *Diploè*, cobertura, *Diplòos*, duplo. Hipócrates usava o termo para as camadas fasciais que cobriam os ossos do crânio, mas Ruffo utilizava-o para o tecido entre as lâminas compactas dos ossos da abóbada craniana. Após os trabalhos de Breschet, em 1830, este sentido prevaleceu. Nos primórdios da cirurgia, a palavra foi utilizada para designar uma dobra de tecido com compressa ou gaze no seu interior.

Divertículo – do latim *Diverticulum*, afastado, alijado, *Divertere*, afastar. Em Roma, os Divertícula eram caminhos secundários como afluentes menores de um rio ou estradas vicinais. Neste sentido, o termo anatômico é impróprio porque estes caminhos não terminavam em fundo cego, como as estruturas assim denominadas. O termo apareceu no século XVIII e permaneceu desde então, possivelmente por má interpretação de quem o utilizou. Duodeno – do latim *Duodeni*, a dúzia, doze. Herófilo descreveu o duodeno como tendo um comprimento equivalente à largura de doze dedos colocados juntos, mas esta descrição equivale a órgãos de animais. A palavra usada originalmente foi traduzida por Erasistrato do grego

Dodekadáktylon, doze dedos. Porção proximal, retroperitonal, do intestino delgado que tem o comprimento equivalente a largura de 12 dedos da mão.

Duodeno – do latim *Duodeni*, a dúzia, doze. Herófilo descreveu o duodeno como tendo um comprimento equivalente à largura de doze dedos colocados juntos, mas esta descrição equivale a órgãos de animais. A palavra usada originalmente foi traduzida por Erasistrato do grego *Dodekadáktylon*, doze dedos. Porção proximal retroperitonal do intestino delgado tem o comprimento equivalente a largura de 12 dedos da mão.

Dura-máter – do latim *Dura*, dura, forte, severa e *Mater*, mãe protetora.

E

Écrino(a) – do grego *Ek(s)*, fora, de dentro para fora e *Krynos*, secreção, *Krīn*, secretar, segregar, separar. Glândulas ou células que produzem secreção sem que ocorra a ruptura do citoplasma das células.

Eferente – do latim *Eferre*, levar para fora, tirar. O que leva para fora (ou que tira). Refere-se especificamente a axônios com impulso nervoso ou a movimento de fluídos de um centro de referência em direção à periferia.

Eixo – do latim *Axis*, eixo.

Ejaculatório – do latim *Ejaculare*, jorrar e *Ex*, para e *Jactare*, lançar.

Elástico - do grego *Elastós*, esticado, dúctil, maleável, de *Elaúnein*, bater, forjar.

Elástico(a) – do grego *Elàstykos*, flexível, esticável, distensível.

Elastina - do grego *Elàstykos*, flexível, esticável, distensível e *In(a)*, substância. Proteína que forma as fibras elásticas.

Encéfalo – do grego *Enkephalos*, cérebro, *En*, dentro e *Kephalos*, cabeça. Porção do Sistema Nervoso situado dentro do crânio.

Endocárdio - do grego *Endo*, dentro e *Kardí(ā)*, coração. Membrana serosa que reveste a parte interna do coração.

Endocérvice – do grego *Endo*, dentro e do latim *Cerūc*, colo do útero. Porção do colo do útero que se encontra logo após o orifício cervical externo.

Endocondral – do grego *Endo*, dentro e *Khondr(o)*, cartilagem. O que ocorre no interior de uma cartilagem.

Endócrina(o) – do grego *Endon*, dentro, interno e *Krinéin*, segregar, separar. São células ou glândulas que liberam seu produto de secreção diretamente no meio interno (interior dos vasos sanguíneos).

Endógeno – do grego *Endo*, dentro e *Gen*, gerado. Este termo era aplicado ao escravo nascido dentro de casa.

Endolinfa – do grego *Endon*, dentro e *Lympha*, água. Este humor, descoberto por Domenico Cotugno, foi detalhadamente descrito por Antonio Scarpa.

Endométrio - do grego *Endon*, dentro e *Metra*, matriz. Camada mais interna do útero.

Endomísio – do grego *Endon*, dentro e *Mys*, músculo.

Endoneuro – do grego *Endon*, dentro e *Neuron*, fibra, cordão. Designa a camada em contato com as fibras nervosas (axônios) no interior dos nervos.

Endóstéo – do grego *Endon*, dentro e *Osteon*, osso. É a camada que reveste o interior dos ossos.

Endotélio - do grego *Endon*, interno; e *Thele*, mamilo. Este termo foi utilizado inicialmente para se referir à pele que reveste o mamilo. Atualmente é utilizada para designar a camada única de células epiteliais que reveste a parede interna dos vasos sanguíneos (artérias, veias, capilares, coração etc) e linfáticos.

Entérico – do grego *Enterykos*, intestinal, *Enteron*, intestinos. A palavra *Enteron*, significando intestinos, pode ter derivado do grego *Entós*, que esta dentro, por causa de sua posição no abdome.

Enterócito - do grego *Enter*, intestino e *Kytos*, célula. Célula absorptiva presente no revestimento interno das paredes do intestino provida de numerosas microvilosidades em sua face livre para aumentar a superfície de absorção.

Eosina – do grego *Ēōn*, aurora, de cor rosa e *Īn(a)*, substância. Corante ácido que cora em rosa ou em vermelho as proteínas das células.

Eosinófilo - do grego *Ēōn*, aurora, de cor rosa e *Philein*, amigo, afinidade a eosina que é um corante. Célula da série branca do sangue (leucócito), que se cora pela eosina, e esta envolvida em processos alérgicos.

Epêndima – do grego *Epi*, sobre, em cima, e *Endyma*, vestimenta. Camada de células que reveste o tecido nervoso central tanto internamente quanto externamente.

Epicárdio – do grego *Epi*, sobre, em cima, *Kardia*, coração. Camada mais externa do coração.

Epiderme – do grego *Epi*, sobre, em cima de e *Derma*, couro, pele. Camada mais externa da pele.

Epididimo - do grego *Epi*, sobre, em cima e *Didymos*, duplo, em dobro. O termo *Didymos* era usado para as gônadas de ambos os sexos e originalmente significava duplo, ou gêmeo. *Epididymos* teria o sentido de o que está sobre os gêmeos, mas os médicos gregos sempre utilizaram a palavra para designar os testículos, desde os primórdios da anatomia. O primeiro a usar a palavra *Epididymos* para designar a estrutura que conhecemos hoje foi Herófilo, mas Riolan, em 1649, reintroduziu o termo em anatomia descrevendo o órgão em detalhes.

Epífise – do grego *Epi*, sobre, em cima e *Physis*, sulco, crescimento.

Epifisário - do grego *Epi*, sobre, em cima e *Physis*, sulco, crescimento. Disco epifisário corresponde ao disco localizado entre a epífise e a difise nos ossos longos responsável pelocrescimento em altura do indivíduo.

Epiglote – do grego *Epi*, sobre, em cima, e *Glottis*, laringe.

Epimísio – do grego *Epi*, sobre, em cima e *Mys*, músculo.

Epineuro – do grego *Epi*, sobre, em cima e *Neuron*, fibra, cordão.

Epiplóico – do grego *Epiplóikos*, relativo a Epíploon. Hipócrates chamava o omento maior de Epíploon, que flutua sobre, do Grego *Epi*, sobre, em cima e *Pléein*, flutuar, pairar. Galeno e Oribásio adotaram o termo com o mesmo sentido, isto é, uma membrana que está solta sobre os intestinos, como um avental.

Episcleral – do grego *Epi*, sobre, em cima e *Skeros*, duro, rígido.

Epitálamo – do grego *Epi*, sobre, em cima e *Thalamos*, quarto de dormir.

Epitélio – do grego *Epi*, sobre, em cima e *Thelé*, papila, mamilo. Assim foi denominada a pele que reveste o mamilo por Bichat e posteriormente os lábios por Ruysch, em 1700. Posteriormente, graças aos trabalhos de Henle (1870), passou

a significar a camada superficial da pele em qualquer local do corpo e, por extensão, o revestimento de superfícies internas, como o intestino, a árvore bronquial etc.

Eponíquio – do grego *Epi*, sobre, em cima, *Onyx*, unha.

Epoóforo – do grego *Epi*, sobre, em cima, *Oon*, ovo e *Phoro*, eu levo.

Equador – do latim *Aequator*, igualador, *Aequare*, igualar e *Actor*, Agente.

Equina – do latim *Equinus*, de cavalo, *Equus*, cavalo ou *Equa*, égua.

Ergastoplasma – do grego *Ergon* trabalho e *Plassos*, molde. Antes do aparecimento do microscópio eletrônico, os histologistas já reconheciam a microscopia de luz nas células secretoras de proteínas regiões muito ativas que se coravam pela hematoxilina. Essas regiões correspondem ao local onde estão concentrados inúmeros ribossomas aderidos a um sistema de membranas (retículo endoplasmático granular ou rugoso).

Eritroblastose – do grego *Eryth(ro)*, vermelho, roxo; *Kyto*, célula; *Blast(o)*, germe, retorno e *Ō-sis*, processo patológico. Presença de eritroblastos no sangue o que dá lugar a anemia grave em recém nascidos.

Eritrócito - do grego *Erythron*, vermelho e *Kytos*, célula. Célula vermelha do sangue; hemácia.

Eritropenia - do grego *Erythron*, vermelho e *Peniā*, falta, carência, pobreza. Deficiência no número de eritrócitos.

Eritropoese - do grego *Erythron*, vermelho

Escala – do latim *Scala*, degraus, escada e *Scandere*, subir, trepar. Vide rampa.

Escavação – do latim *Excavatio*, escavação e *Excavare*, escavar.

Esclera – do grego *Skleros*, duro, rígido. Camada externa do olho, protetora. É a parte branca do olho.

Esclerótica - do grego *Skleros*, duro, rígido. Camada externa do olho, protetora. É a parte branca do olho.

Escroto – do latim *Scrotu*, bolsa. Aparentemente uma variação de *Scrotum*, pele, couro. Nome dado, na antiga Roma, a qualquer objeto feito de couro, especialmente às bolsas penduradas no cinto. Daí a bolsa que contém os testículos receber este nome. O equivalente grego é *Orkhis*.

Esfíncter – do grego *Sphinktèr*, ligadura, atadura, de *Sphingein*, amarrar.

Esmalte – do latim *Enamyl*, derretido, depois *Smattare*, derreter. Em sentido estrito, esmalte é um composto mineral (apatita) vítreo submetido a altas temperaturas, derretido e fundido à superfície de objetos, com intuito decorativo. A palavra *Smattare*, esmaltar foi introduzida apenas na idade média.

Esôfago – do grego *Oiso*, eu levo e *Phagos*, comer, comida.

Esperma - do grego *Sperma*, semente.

Espermatócito - do grego *Sperma*, semente e *Kytos*, célula.

Espermatogônia - do grego *Sperma*, semente *Gon*, órgãos sexuais. Célula presente na porção periférica do túbulo seminífero que forma os espermatócitos.

Espinal – do latim *Spinalis*, pontudo.

Espinha – do latim, *Spina*, espinho, ponta aguda. O termo deriva do circo de bigas romano. A pista de corrida era dividida ao meio, por mais de $\frac{3}{4}$ do seu comprimento por um muro de seis metros de largura e dois de altura. Este muro era adornado com estátuas de Deuses e recebia o nome de *Spina*. O termo foi depois empregado para a coluna vertebral porque ela parece separar, não totalmente, a musculatura do dorso do corpo, à semelhança da *Spina* do circo romano.

Espinhal – do latim *Spinalis*, espinhoso, pontudo. O termo espinhal é relativo á espinha projeção óssea, e não deve ser confundido com espinal, variante relativa à medula espinal, órgão nervoso.

Esplênico – do grego *Splenikos*, lienal e *Splen*, baço. O baço em latim chama-se *Lien*, que aprece ter derivado da palavra grega. O primeiro anatomista a descrever o baço em detalhes foi Marcello Malpighi, em 1659.

Espongioblasto - do grego *Spongos*, esponja e *Blast*, germe. Célula embrionária que origina o espongíócito.

Espongíócito - do grego *Spongos*, esponja e *Kytos*, célula. Célula da região cortical da supra-renal que lembra uma esponja.

Esponjoso – do grego *Spongos*, esponja oriundo de animal marinho. Hipócrates usava este termo para designar qualquer estrutura de aparência porosa. Aristoteles

descreveu vários tipos de esponjas, que tinham inúmeros usos entre os gregos, principalmente como material de preenchimento.

Esqueleto – do grego *Skeletos*, segura, aridez.

Estigma – do grego *Stigm(at)*, ponto. Esta palavra era utilizada na Grécia antiga para designar marcas que se usavam para distinguir os escravos uns dos outros.

Estômago – do grego, *Stoma*, boca, e *Cheien* derramar. Para os romanos a palavra *Stomachus* designava a goela ou a porção inicial do esôfago, e derivava do grego *Stomachos*, composta de *Stoma*, boca e *Cheien*, derramar. Hipócrates usava também o termo para designar o colo da bexiga urinária ou do útero, no sentido de início de um órgão ôco, como no nosso popular boca do estômago. Em latim, o estômago, como órgão era chamado de *Ventriculus* (diminutivo de *Venter*, ventre) e, em grego *Gaster*. Assim, para Vesalio havia o *Stomachus* (esôfago) e o *Ventriculus* (estômago). Portanto a palavra designou inicialmente a faringe distal, então o esôfago, depois a cárdia e finalmente, após o século XVII, o estômago como atualmente o conhecemos.

Estratificado - do latim *Stratum*, coberta de cama, e *Facere*, fazer.

Estrato – do latim *Stratum*, coberta de cama, colcha. O termo em português correto a ser utilizado é camada. Estrato é igualmente utilizado, mas menos habitual e oferece um risco de confusão na linguagem falada com a palavra extrato.

Estria - do latim *Stria*, canela, estria ondulada de adorno. Na realidade, em sentido mais restrito, a palavra *Stria* significava faixa elevada e o termo era frequentemente usado para descrever o aspecto ondulado do corpo de uma coluna e até mesmo uma testa enrugada. Nada indica, em latim, que a palavra tivesse o sentido de listrado, como conhecemos atualmente.

Estribo – do latim *Stapes*, estribo. O estribo não era conhecido dos romanos e gregos porque eles não tinham selas de couro para seus cavalos. Eles cavalgavam sobre um cobertor colocado diretamente no dorso dos animais e que era chamado de *Epihippion* (grego *Epi*, em cima, e *Hippos*, cavalo). As selas de couro e os estribos somente foram introduzidos no século IV, pelos otomanos, e os estribos primitivos eram chamados de *Scalae*. O primeiro anatomista a dar nome ao ossículo da orelha este nome foi Giovanni Ingrassias, em 1546, embora se afirme que Bartolommeo Eustachio (1564) tenha sido o primeiro a descrevê-lo.

Estroma – do grego *Stroma*, coberta, toalha. Para os gregos significava qualquer tipo de cobertura para cama, mesa etc. No plural, designava as pilastras ou suportes de uma ponte. Em anatomia, inicialmente a palavra denominou as cúpulas ou tecidos conjuntivos de revestimento externo dos órgãos. No final do século XVIII, o termo foi modificado e assim divulgado pelos histologistas. Chama-se estroma ao tecido de sustentação de um órgão, ou seja, que serve para sustentar as células funcionais dos órgãos. Com exceção do cérebro e da medula espinhal (Sistema nervoso central), o estroma é constituído de tecido conjuntivo.

Estrutura – do latim *Struct(um)*, colocado em ordem, construído. Distribuição ordenada das partes de um conjunto, em medicina o termo é utilizado para designar as partes do corpo ou de um órgão

Excretor – do latim *Exscreare*, expectorar e *Actor*, agente.

Exócrina - do grego *Exo*, fora e *Krinéin*, segregar, separar. Célula ou glândula que libera sua secreção para o meio externo.

F

Faringe – do grego *Pharynx*, goela. Entre os gregos, a palavra *Pharynx* era usualmente empregada no lugar de *Larynx*. E Galeno utilizava o termo para a parte laríngea da faringe. Talvez a palavra *Pharynx* tenha derivado do grego *Phar anx*, fenda.

Fáscia – do latim *Fascia*, faixa, cinta, *Fascis*, feixe. A palavra Fascia em latim tinha diversos significados, todos com a idéia de atadura. Assim podia dar nome às faixas que seguravam os cabelos, cinto feminino etc. Os *Fasci* eram feixes de varas atados por uma faixa larga, e de um machado numa das extremidades. O termo Fáscia para designar estruturas largas e fibrosas é recente, antes do século XV, todas as expansões de tecido conjuntivo eram chamadas de aponeuroses.

Fascículo – do latim *Fasciculus*, diminutivo de *Fascis*, feixe.

Feminino – do latim *Feminina*, da mulher. *Femina*, mulher, fêmea.

Fenestra – do latim *fenestra* (singular), janela; *fenestras* (plural), janelas.

Fibra – do latim *Fibra*, fio, fibra de planta. Vesálio utilizou este termo com o sentido que hoje se conhece, isto é, de estrutura com características rígidas, fibrosas.

Fibrila – do latim *Fibra*, fibra e *illa*, pequeno. Diminutivo de fibra.

Fibrina – do latim *Fibr(am)*, fibra e *Īn(a)*, substância química. Proteína do processo de coagulação do sangue que forma agregados com outras moléculas de fibrina e produz coágulos. Normalmente é encontrada no sangue em uma forma inativa, fibrinogênio, que pela ação da trombina é transformado em fibrina.

Fibrinogênio – do latim *Fibr(am)*, fibra e do grego *Gen*, que gera, que forma.

Fibroblasto - do latim *Fibros*, fibras e *Blastos*, germe, formador. Nome dado às células do tecido conjuntivo responsáveis pela síntese da matriz extracelular, em especial das fibras colágenas e elásticas. Secretam também glicosaminoglicanos, proteoglicanos e glicoproteínas multiadesivas. São células fusiformes que possuem inúmeros prolongamentos com núcleo grande, ovóide, com cromatina fina (eucromatina) e nucléolo evidente.

Fibrócito - do latim *Fibros*, fibras e do grego *Kytos*, célula. São células de menor tamanho, com núcleo fusiforme, menor e mais escuro. Representam fibroblastos com menor atividade metabólica.

Fibronectina – do latim *Fibr(am)*, fibra; *Nec*, o que une e *In(a)* substância química. Principal proteína de união das células e das fibras.

Fibroso – do latim *Fibrosus*, provido ou feito de fibras.

Fígado – do latim *Eecur* fígado. A origem deste termo é muito interessante, este termo designava especificamente os fígados de gansos alimentados com figos (*Ficus*), considerados como uma fina iguaria para banquetes (atual patê de foie gras). O fato refere-se a que estes animais eram engordados com figos, ficando aumentados e com degeneração gordurosa devido à alimentação forçada. Este processo era chamado *lecur Ficatus*, algo como fígado preparado com figos. Como acontece em tantas expressões, uma das palavras – *lecur* – desapareceu e restou o *Ficatus*, que virou fígado e acabou nomeando o órgão. Depois passou a designar o órgão como um todo em qualquer animal inclusive no homem. Os adjetivos e outros termos derivados a ele referentes são construídos a partir do grego *Hepar*, *Hepátos*, que significa fígado.

Filamento – do latim *Filamentum*, fio delgado e delicado.

Filiforme – do latim *Fil(um)*, fio e *Forme(m)*, que tem forma de. Que tem forma de fio.

Fímbria – do latim *Fimbriae*, franja, orla. As túnicas romanas com *Fimbriae* nas suas extremidades eram sempre muito ricas (bordadas com gemas e fios de prata e outro) e eram somente usadas por pessoas de destaque em ocasiões especiais. Petronius tronou Julio Cesar famoso por divulgar seu gosto pelo luxo porque o ditador era frequentemente visto, em situações não cerimoniais, trajando vestes orladas.

Fixação - A fixação é a fase destinada a interromper o processo de autólise pelo qual qualquer tecido passa ao ser retirado do organismo ou após a sua morte. Quando o tecido deixa de ser oxigenado, moléculas de dióxido de carbono começam a se acumular, fazendo com que enzimas lisossomais atuem sobre as próprias células. Para que esse fenômeno não ocorra e seja possível analisar-se os tecidos com seu aspecto original (ou pelo menos próximo a isso), faz-se necessário o processo de fixação. Além de interromper o metabolismo celular, conservando o aspecto natural dos tecidos, a fixação estabiliza as estruturas bioquímicas intra e extracelulares, permite a penetração de outros reagentes necessários no decorrer de todo o processamento histológico (como os agentes de coloração, por exemplo), impede que o tecido seja colonizado por micro-organismos e faz com que a amostra comece a endurecer. Os mecanismos e princípios pelos quais os diferentes tipos de fixadores agem são muito diversos. A fixação pode se dar por agentes físicos (frio e calor) ou químicos (líquidos fixadores), e, muito frequentemente, com associação dos dois tipos, pois uma fixação química pode sofrer influência de fatores físicos, como a temperatura do ambiente e ondas eletromagnéticas, por exemplo. A fixação química é a mais utilizada no processamento de tecidos para diagnósticos histopatológicos, sendo a possibilidade de se corar em HE um fator determinante para a escolha do líquido fixador. Embora cada fixador tenha suas vantagens, há também desvantagens, como a perda molecular, inchaço ou retração dos tecidos, variação na qualidade de colorações histoquímicas e imunoistoquímicas, interferência na análise bioquímica, entre outros fatores. O ideal seria que o fixador tivesse rápido poder de penetração, baixo potencial de modificação dos tecidos, preservação das estruturas bioquímicas e que possibilitasse qualquer método de coloração. Sendo inviável que ocorra dessa forma, é fundamental que se tenha conhecimento sobre os diversos

tipos de fixadores para escolher o mais apropriado de acordo com o que se deseja analisar.

Folículo – do latim *Folliculus*, diminutivo de *Follis*, saco, bolsa. Este termo pode ser aplicado a folículos da tireóide ou aos folículos ovarianos.

Foramen – do latim *Foramen*, orifício, buraco, de *Forare*, furar.

Forma – do latim *Forma*, figura, imagem.

Fórnix – do latim *Fornix*, abobada, arco de porta. Era o nome dado pelos arquitetos romanos aos arcos de tijolos ou a um aposento com teto curvo. As prostitutas romanas mais pobres trabalhavam ao ar livre, à noite, debaixo dos arcos dos aquedutos. Fornix também era o nome da moradia baixa e abobadada (na realidade um porão úmido), abaixo do rio Tibre, onde elas viviam. Daí, em português a palavra fornicção com sentido sexual. Em anatomia, nomeia especialmente uma estrutura cerebral conhecida por Galeno e descrita por Vesálio.

Fotorreceptor – do grego *Phot*, luz e do latim *Recipio*, receber. Receptor sensível à luz, por exemplo, um cone ou bastonete retiniano.

Fóvea – do latim *Fovea*, cova, poço.

Fragmento - do latim *Fragmentum*, remanescente, pedaço de coisa quebrada, do verbo *Frangere*, quebrar. Deste verbo derivaram também frágil, material que pode se quebrar, que se parte com facilidade.

Franjada – do latim *Fimbriata*, com franjas.

Fundamental - do latim *Fundus*, fundo, base. Que serve de fundamento, base.

G

Galactóforo – do grego *Galakt*, leite e *Phor*, que leva. Que leva ou transporta leite, nome dado aos ductos excretores das glândulas mamárias.

Gameta – do grego *Gamét*, noivo, *Gamete*, esposa; *Gametes*, marido. É uma célula reprodutora haplóide que, conjugando-se com outra de sexualidade oposta, constitui um ovo ou zigoto.

Gametogênese – do grego *Gamét*, noivo, *Gamete*, esposa; *Gametes*, marido e *Genesis*, que gera. Processo de formação dos gametas a partir de células germinativas indiferenciadas.

Gânglio – do grego *Ganglion*, tumor, caroço, inchaço. Hipócrates usava o termo para designar uma tumoração subcutânea, como um cisto sinovial ou lipoma. Galeno utilizava a palavra para designar os plexos de nervos periféricos. Posteriormente ele chamou de gânglios as formações nodulares do tronco simpático. O sentido atual do termo é devido á Raymond Vieussens.

Gástrico – do latim *Gastricus*, relativo ao estômago, e do grego *Gaster*, ventre.

Gengiva – do latim *Gingiva*, gengiva e *Gignere*, criar, fazer nascer. Este têrmo está associado ao aparecimento dos dentes (nascimento).

Glia – do grego *Glí(ā)*, que cola. Células do sistema nervoso que auxiliam os neurônios em suas funções.

Glicocálice - do grego *Glyk*, doce e do latim *Calic(em)*, cálice. Polissacarideo ou glicoproteína que recobre o exterior da membrana ou da parede celular.

Globo – do latim *Globus*, bola, esfera, globo. Diminutivo glóbulo.

Globúlo - do latim *Globus*, bola, esfera, globo, forma diminutiva.

Glomérulo – do latim *Glomerulus* que é diminutivo de *Glomus*, novelo, bola de lã ou outro fio.

Glomerulosa - do latim *Glomerulus* que é diminutivo de *Glomus*, novelo e do grego *Ō-sa*, forma, forma de. Em Histologia descreve-se na supra-renal a zona glomeurlosa, também denominada de arciforme, pois as células dessa região se dispõem em cordões que formam arcos ou novelos, logo abaixo da cápsula.

Glomo – do latim *Glomus*, novelo, bola de lã ou outro fio.

Gônada – do grego *Gone*, semente. O que tem sementes.

Gonfose – do grego *Gomphos*, prego, pino. Quem deu este nome às articulações na quais um osso encaixa em um soquete como um pino, foi Galeno, que também dava este nome aos dentes molares.

Granulação – do latim *Granulationis*, granulação e *Granum*, grão.

Granular – do latim *Granularis*, provido de grãos. O mesmo que granuloso.

Grânulo – do latim *Granum*, grão, mais o sufixo *Ulo*, diminutivo. Pequeno grão.

Granulócito - do latim *Granum*, grão; mais o sufixo *Ulo*, diminutivo e do grego *Kytos*, célula. Células de origem mielóide normalmente presentes no sangue, cujo citoplasma possui grânulos e que atuam nos mecanismos de defesa, praticando a fagocitose.

Granulômero - do latim *Granum*, grão; e *Meros*, forma.

Granuloso(a) – do latim *Granulosus*, provido de grãos. Na pele temos a camada granulosa, ou seja, uma região da epiderme onde as células apresentam inúmeros grânulos no citoplasma. No cerebelo temos também a camada granulosa do cerebelo, onde os corpos dos neurônios são muito pequenos denominados “grãos do cerebelo”.

Grosso – do latim *Crassus*, espesso, grosso, gordo.

Gustatório – do latim *Gustus*, do gosto, do paladar. Na antiga Roma, *Gustatorium* era uma pequena mesa de madeira leve onde se serviam refeições ligeiras (literalmente local de degustação).

H

Hélice – do grego *Elix*, caracol, *Eilein*, enrolar.

Helicino – do grego *Elikidos*, relativo a caracol, parecido com um caracol.

Helicotrema – do grego *Helik(o)*, espira e *Trē(mat)*, buraco. Pequena abertura próxima ao ápice da cóclea onde se comunicam a escala vestibular e a escala timpânica.

Hemácia – do grego *Haima*, sangue; *Kytus*, célula. Esta célula não contém núcleo nem organelas, seu citoplasma apresenta algumas enzimas e hemoglobina a qual se liga ao oxigênio.

Hematócrito - do grego *Haima*, sangue e *Krino*, eu separo.

Hematopoiese - do grego *Haima*, sangue e *Poiesis*, produção. O processo da formação do sangue no homem ocorre no interior dos ossos sendo denominado de hematopoiese.

Hematoxilina – do grego *Haim(ato)*, sangue, *Xyl(o)*, madeira e *In(a)*, sufixo usado para designar substância química. Esta substância é extraída de uma árvore da espécie *Haematoxylum*, que produz uma substância vermelha. Seria um corante

da cor do sangue tirado da madeira. A hematoxilina é um composto que dependendo da oxidação pode ficar vermelho, azulado, ou mesmo bem preto. É obtida do tronco de uma planta leguminosa (*Haematoxylum campechianum*) conhecida também pelo nome de *Pau Campeche*. No Brasil temos substâncias desse teor obtidas em várias plantas, tais como o pau Brasil e o fruto da amoreira. A hematoxilina, corante natural oriundo de fonte vegetal, tem propriedade de corar os núcleos das células (ricos em substâncias ácidas, os ácidos nucleicos) de roxo-azulado devido ao seu caráter básico. Por si só, a hematoxilina não é um corante, e para se tornar um, necessita ser oxidada em hemateína. Ainda assim, o corante formado pela associação com a hemateína não possui afinidade com os tecidos, sendo necessária a utilização de um mordente, normalmente alumínio ou ferro. A eosina, atraída pelos elementos básicos das proteínas citoplasmáticas, confere uma coloração rósea avermelhada ao citoplasma, sendo um corante acidófilo. É importante lembrar que, após a microtomia, cortes dos tecidos nas lâminas estão envoltos em parafina, e a maioria dos corantes são solúveis em água. Portanto, antes da coloração, é necessária a desparafinização das lâminas, utilizando-se o xilol. Após desparafinadas, as lâminas são submetidas à hidratação em álcool em sequência decrescente de graduação, para que o meio esteja apto a receber os corantes solúveis em água e, a partir daí, ficam prontas para serem expostas ao corante. O processo tem continuidade com a desidratação em série alcoólica crescente, a clarificação em xilol e, por fim, com a selagem ou montagem da lâmina, que consiste em cobrir o tecido corado com uma lamínula de vidro. Para fixar a lamínula na lâmina, podem ser utilizadas resinas naturais – Bálsamo do Canadá, por exemplo – ou meios sintéticos, como o Entellan.

Hemoglobina - do grego *Haima*, sangue e *Globina*, abreviação de Globulina, do latim *Globus*, bola, talvez pela forma arredondada das hemácias.

Hepatócito - do grego *Hepar*, *Hepátos*, fígado e *Kitos*, célula. Designa as células epiteliais que formam o parênquima hepático.

Hialino - do grego *Hyalos*, vidro, transparente.

Hialóideo – do grego *Hyalos*, cristal, vidro e *Oides*, forma de.

Hialômero – do grego *Hyalos*, vidro, transparente e *Mer(o)*, parte. Anel periférico incolor das plaquetas sanguíneas formado por microtúbulos que ajuda a manter sua forma.

Hialurônico - do grego *Hyalo*, transparente, vidro. Glicosaminoglicano carboxilado encontrado em abundância no meio extracelular. Está relacionado com várias funções sendo uma delas a retenção dos íons sódio, os quais se ligam e apreendem a água de solvatação, importante para a difusão das moléculas no interstício tecidual.

Hilo – do latim *Hilum*, hilo. Esta palavra era usada pelos romanos para designar o olho negro de uma fava (especialmente o feijão), isto é, a marca do local onde ela ficava aderida à vagem. O termo foi inicialmente aplicado ao rim (provavelmente por causa de sua forma), para o local onde penetravam os vasos sanguíneos.

Hímen - do grego *Hymen*, membrana. Na mitologia grega, *Hymen* era o Deus do casamento e seu culto era celebrado durante as núpcias do casal. *Hymeneu* era o nome do conjunto de hinos cantados durante a cerimônia. Na anatomia grega, a palavra não tinha significado especial, podendo nomear qualquer membrana, como o pericárdio, peritônio etc. Vesálio em 1550 parece ter sido um dos primeiros anatomistas a usar o termo especificamente para a membrana que se situa no vestíbulo da vagina.

Hipoderme - do grego *Hypo*, abaixo e *Derma*, pele. Hipoderme ou tecido celular subcutâneo é uma camada de tecido conjuntivo rico em células adiposas, localizada abaixo da derme.

Hipófise - do grego *Hypo*, sob e *Physis*, crescimento. Assim denominada por crescer sob o encéfalo. A hipófise é uma pequena glândula em forma de ervilha que pende da base do encéfalo, imediatamente por baixo do hipotálamo, situada dentro de uma concavidade do osso esfenoide conhecida como sela turca.

Histamina - do grego *Histos*, tecido e *Amina*, amônia. Esta palavra foi criada para designar certos derivados da amônia. Esta amina é derivada da histidina, e tem ação vaso dilatadora, sendo liberada principalmente por células chamadas mastócitos.

Histiócito - do grego *Histon*, tecido e *Kytos*, célula. Este termo foi criado por Aschoff e Kiyono em 1913, para designar células que realizam fagocitose no sistema retículo-endotelial.

Histogênese - do grego *Histos*, tecido e *Géne-sis*, gerar, formar. Como se formam ou diferenciam os tecidos.

Histologia - do grego *Histos*, tecido e *Logos*, estudo. A palavra tecido deriva do Frances *Tissue*, que significa trama ou textura. A palavra tecido entrou em uso anatômico principalmente em virtude do trabalho e das obras de Bichat, um jovem e brilhante anatomista francês (1771-1802). Quando dissecava cadáveres ficou impressionado com o fato de que várias camadas e estruturas que descreveu ou dissecou eram de trama ou textura diferentes. Deve ser mencionado que a primeira classificação dos tecidos foi feita por Bichat feita sem o auxílio do microscópio, pois se recusava a usar este instrumento. Atualmente Histologia é a Disciplina que estudo os tecidos e os órgãos exclusivamente ao microscópio, embora tenha começado com um anatomista que se recusava a usar este instrumento.

Histoquímica - do grego *Histos*, tecido e *Khymeí*, química, alquimia e *Ikē*, estudo, técnica. Parte da Histologia dedicada ao estudo dos tecidos do ponto de vista de sua composição química.

Holócrino(a) - do grego *Holos*, todo e *Krynos*, secreção, *Krinein*, segregar, separar. Este termo foi criado por Ranvier em 1887 para designar glândulas cuja secreção resulta da lise das células secretoras, tais como as sebáceas, em que a célula secretora é eliminada juntamente com a secreção.

Hormônio - do grego *Horman*, excitar, estimular. Este termo foi criado por Starling e Vesey em 1905, a partir do participio da palavra *Hormôn* que significa impulsionar. Representa o produto da secreção de certos órgãos do corpo de animais ou de plantas, que, transportado pelo sangue ou pela seiva dos vegetais, excita, inibe ou regula a atividade de outros órgãos ou sistemas.

Humor - do latim *Humor*, líquido. As origens da palavra humor assentam-se na medicina humoral dos antigos Gregos, que é uma mistura de fluídos, ou humores, controlados pela saúde e emoção humanas. Existe ainda a forma do latim *Humore* é uma forma de entretenimento e de comunicação humana, para fazer com que as

pessoas riam e se sintam felizes.

I

Íleo - do latim *Ileum*, que é provavelmente a latinização do grego *Eileós*, enrolado, revolvido ou do grego *Eilein*, enrolar. A introdução de *íleum*, em latim, como termo anatômico relativo ao intestino, data do século XVII. Até então não se dividia o intestino delgado em jejuno e íleo. O termo aparece pela primeira vez em um livro de autor anônimo, intitulado *Anonymi introductio anatomica*, publicado em 1618, em Leiden (Universidade holandesa). Neste livro o autor se refere ao ileum como tracto inferior abaixo do jejuno. Os gregos não distinguem partes do intestino delgado. O termo era utilizado por Galeno como *Enteron eileòn* no sentido patológico, designando provavelmente um volvo, hérnia interna.

Ílio – do latim *ilium*, quadril, anca. Este termo surgiu na idade média, possivelmente por corrupção do latim *Ilia*, flanco, parte mole, ou do latim *Ilis*, mole. Alguns etimologistas não vêem distinção na origem das palavras *ileum e ilium* e argumentam que o osso (*ilium*) teria este nome por estar relacionado a esta região de um animal de carga ou por sustentar o intestino (*ileum*). Inclusive, no grego arcaico, o termo *ilia* dava nome ao intestino de animais (tripas).

Impregnação - Nessa etapa, as peças são infiltradas por alguma substância de consistência firme para que adquiram rigidez suficiente e seja possível a realização de cortes finos. São vários os materiais utilizados para esse fim, como parafina, resina, ágar, gelatina, parafina plástica, goma arábica, polietileno glicol, parafina esterificada e celoidina, porém as mais utilizadas no processamento histológico de rotina são a parafina e a resina. Seja qual for a substância utilizada, é necessário que ela tenha afinidade com o diafanizador utilizado anteriormente e que se solidifique de maneira controlada, sendo fluida o suficiente para penetrar nos espaços internos do tecido e depois endurecer para formar o bloco. Para que os tecidos sejam infiltrados pela parafina, é preciso que se atinja seu ponto de fusão (aproximadamente 60°C) em estufa histológica, pois ela se mantém sólida à temperatura ambiente. a) Fatores que influenciam na qualidade da impregnação: Temperaturas muito elevadas podem causar danos ao tecido, tornando as peças muito retraídas e com rigidez exagerada, dificultando sua seção. Por outro lado, se a temperatura estiver abaixo do ponto de fusão da parafina, não se torna possível

a impregnação da peça. É comum que, após a impregnação, a parafina volte ao recipiente original para ser reutilizada em outras impregnações. Sendo assim, é importante que, antes de cada processo, a parafina seja filtrada, evitando o carreamento de impurezas para o material que mais tarde serão vistos como artefatos nas lâminas.

Inclusão - Enquanto na impregnação a parafina penetra nos tecidos, ocupando os espaços anteriormente preenchidos por água e gordura, na inclusão a parafina envolve o exterior da peça e, após esfriar e endurecer, forma um bloco que será submetido posteriormente à microtomia. As peças impregnadas são colocadas com a superfície a ser seccionada voltada para baixo em um molde, normalmente metálico, preenchido com parafina líquida. Com o molde preenchido, acopla-se o anel histológico (uma peça de plástico que será fixada no micrótomo para realizar o corte do bloco devidamente identificado e que poderá conter mais um volume de parafina. Feito isso, o molde é colocado em placa fria da máquina inclusora para promover o endurecimento do bloco. É importante estar atento à posição em que as peças serão colocadas no molde, visto que isso determinará a incidência de corte que será realizada. Órgãos tubulares, por exemplo, deverão ser incluídos no plano transversal, enquanto fragmentos de tecidos longos serão dispostos longitudinalmente. Tais orientações podem variar de acordo com o objetivo da pesquisa e o que se desejará observar posteriormente.

Infundíbulo - do latim *Infundibulum*, funil, ou *Infundere*, derramar, verter. Este termo foi usado por Rufo de Éfeso para qualquer passagem ou estrutura afunilada. Foi Vesálio quem deu este nome à conexão da hipófise ao cérebro, depois adotado por Raymond Vieussens e Thomas Willis. Jean Cruveilhier chamou assim o prolongamento do ventrículo direito que forma o tronco pulmonar (*indundibulum pulmonis*), termo posteriormente modificado por Caspar Wolf para *conus arteriosus* (cone arterioso).

Interlobular – do latim *Inter*, entre e *Lóbulo* do grego *Lobulus*, diminutivo de *Lobus*, lobo saliência arredondada.

Intestino - do latim *Intestinum*, interno, entranhas. A palavra *intestinus* (adentrado), originalmente significava qualquer objeto que estivesse no interior de outro (em português, algo semelhante a guardado) do latim *Intus*, dentro. Depois, em sentido figurado, passou a designar interno ou doméstico (em oposição a externo ou

estrangeiro). Alguns alegam que o termo seria derivado da expressão “quos intus est”, literalmente, “o que está dentro”. O equivalente grego é *Énteron*.

Íntima – do latim *Intimus*, o mais profundo, superlativo de *internus*.

Intralobular - do latim *Intra*, dentro, e *Lóbulo* do grego *Lobulus*, diminutivo de *Lobus*, lobo saliência arredondada.

Iodopsina – do grego *Īo*, ferrugem, óxido de cobre, esverdeado; *Eid(és)*, que tem aspecto de, *Opsíā*, visão e *Īn(a)*, substância. Pigmento fotossensível oriundo da vitamina A, de cor violeta presente nos cones da retina que é importante para a visão diurna.

Írídica – do grego *Iridikós*, relativo ao arco íris.

Íris - do grego *Íris*, arco-íris ou qualquer círculo colorido brilhante. Na mitologia grega, Íris era a filha de Thaumás e de Electra, é uma das Oceânidas (segundo Hesíodo), a personificação do arco-íris e mensageira dos deuses. Como o arco-íris uni a Terra e o céu, Íris é a mensageira dos deuses para os homens; neste contexto ela é freqüentemente mencionada na *Íliada*, mas jamais na *Odisséia*, onde Hermes toma seu lugar. Íris é representada como uma virgem com asas de ouro, que se move com a leveza do vento de um lado para outro do mundo, nas profundezas dos oceanos e no mundo subterrâneo (Hades). Ela é especialmente a mensageira de Hera, e é associada com Hermes. Os gregos consideravam o arco-íris como um sinal vindo dos céus e o associaram à divindade. Em anatomia, o termo foi introduzido por Jacob Winslow, em 1721, para designar a membrana multicolorida ao redor da pupila.

Iso - do grego *Isos*, igual.

Isogênico - do grego *Isos*, igual e *Genesis*, geração, origem. Grupos de células que tem a mesma origem. Utilizamos este termo quando descrevemos o tecido cartilaginoso, onde se notam grupos isogênicos, ou seja os condrócitos que se originaram da mesma célula.

Isquiocavernoso – do grego *Ischion*, anca, pelve e *Cavernous*, relativo à caverna, gruta.

Istmo – do grego *Isthmós*, entrada ou passagem estreita.

J

Janela – Deriva do latim *Jan(u)ella* diminutivo de *Janua*, janela, postigo. *Janua* era o nome dado a qualquer abertura numa parede, mas na Nomina Anatômica temos o termo oriundo do latim *Fenestra*, fresta, janela. Em latim, esta palavra significa um conjunto de aberturas estreitas, dispostas em série, presentes na parede externa das casas romanas (semelhantes às seteiras dos castelos medievais), destinadas à circulação do ar no recinto. Daí a palavra homônima em italiano, destinada às folhas de madeira feitas com fendas entre traves, colocadas para fechar as aberturas nas paredes.

Jejuno - do latim *Jejunus*, vazio, assim chamado porque Galeno utilizava o termo *Nestis*, *Jujum*, *abstinência*, pois acreditava que esta parte do intestino era encontrada vazia após a morte. Por corrupção tivemos do latim *Jejunus* que já aparece nos textos de Celso. *Jejunum* era a primeira refeição entre os romanos antigos. Aristóteles e outros anatomistas gregos haviam notado que esta porção do intestino nos cadáveres parecia estar sempre vazia ou menos repleta que as outras, principalmente em relação ao intestino grosso.

Joelho – do latim *Genuculu*, diminutivo de *Genu*, Joelho. O equivalente grego é *Gonatos*.

Jugo – do latim *Jugum*, canga, coleira.

Jugular - do latim *Jugulum*, garganta, lugar onde o pescoço se liga aos ombros. O latim clássico possuía a palavra *Jugum*, canga e *Jugulum*, parte do pescoço onde a canga era levada. *Jugum* também designava qualquer objeto colocado transversalmente como a canga (exemplo: viga de porta, travessa, trilho etc). A palavra *Jugularis*, relativo ao *Jugulum* foi introduzida pelo monge beneditino Nicolaus Rubertus, primeiro tradutor latino das obras de Galeno, que inventou o termo como uma tradução livre de “flebos sphagites” veia do sacrificio, porque os gregos acreditavam que o sangue que jorrava do pescoço do animal degolado (sacrificado) provinha da veia e não da artéria. Vesálio chamava-a “*interna jugularis vena*”. A adoção e generalização do termo são frequentemente imputados a Sylvio. O verbo *jugulare* significa degolar e daí a invenção da palavra jugular.

L

Lábio – do latim *Labrum*, lábio, reborda. Nos banhos públicos romanos, o *Labrum* era um grande recipiente de água morna, com boca larga e beirada proeminente.

A palavra é, quase sempre, grafada *Labium* e habitualmente usada no plural (*Labri* ou *Labi*). A forma arcaica de *Labrum* era *Lavabrum*, possivelmente do *Lavare*, lavar. É óbvia a associação da orla do vaso com o lábio humano. O equivalente grego é *Khéilos*.

Labirinto – do grego *Labyrinthos*, labirinto, confusão. Em termos genéricos, qualquer construção intrincada, com corredores e passagens em meandros. Na mitologia grega, era o nome do conjunto de muros traçado deliberadamente confuso, construído por Dédalos, em Creta, para aprisionar o Minotauro, um monstro metade homem, metade touro, filho do rei Minos. Confinado nestes corredores e sem poder achar a saída, o Minotauro era alimentado com carne humana. O herói Teseu, com ajuda da princesa Ariadne (que lhe deu um fio para guiá-lo), penetrou no labirinto, matou a fera e encontrou a saída. Empédocles e Agrigento, Galeno e Vesálio já conheciam a estrutura, mas foi Gabrielle Fallopio que usou a palavra para nomear o aspecto intrincado, confuso das cavidades dos órgãos da audição e do equilíbrio. Somente em 1789, Antonio Scarpa descreveu, em detalhes, a orelha interna, na sua obra “De auditu et olfactu”.

Lacrimal – do latim *Lacrima*, lágrima. Possivelmente a palavra latina derivou de um erro de grafia na transcrição da palavra grega *Dacrion*, lágrima, para *Lacrion* e daí *Lacrima*. Galeno, já conhecia a glândula lacrimal e seus ductos, mas somente em 1574, com Carcanus di Milano, e em 1662, com Niels Steno (Stensen), os detalhes do aparelho lacrimal foram revelados.

Lactação - do latim *Lactare*, amamentar.

Láctico - do latim *Lac*, leite.

Lactífero – do latim *Lacteus*, leitoso e *Ferus*, que transporta.

Lacuna - do latim *Lacuna*, piscina rasa, poça, diminutivo de *Lacus*, lago ou vazio.

Lágrima – do latim *Lacrima*, lágrima. Possivelmente a palavra latina derivou de um erro de grafia na transcrição da palavra grega *Dacrion*, lágrima, para *Lacrion* e daí *Lacrima*. Galeno, já conhecia a glândula lacrimal e seus ductos, mas somente em 1574, com Carcanus di Milano e, em 1662, com Niels Steno (Stensen), os detalhes do aparelho lacrimal foram revelados.

Lambda – do grego *Lambda*, a letra L do dicionário grego. O ponto craniométrico que assinala o encontro das suturas sagital e lambdoidea tem a forma aproximada desta letra.

Lamela - do latim *Lamell*, folha, lâmina, placa.

Lâmina – do latim *Lamina*, lâmina, folha, placa fina.

Lâmina basal - do latim *Lamina*, lâmina, folha, placa fina e do grego *Básis*, apoio, fundação. Em histologia o nome é dado a uma rede de macromoléculas, funcionalmente importantes que delimitam o tecido epitelial do tecido conjuntivo subjacente. Além disso, algumas células que não são epiteliais possuem membrana basal que as separa do resto, tais como as fibras musculares, células adiposas, células de Schwann, astrócitos, sinapses.

Lanugem – do latim *Lanugo*, penugem, buço e *Lana*, lã delgada. Significa pelos muito delgados.

Laringe - do grego *Larynx*, gaita, parte alta da traquéia, *Larungein*, gritar. Entre os gregos, a palavra *Pharynx* era, usualmente, confundida e empregada no lugar de *Larynx*. O primeiro a descrever as cartilagens da laringe foi Galeno (*thyeoides, krikoides, arytainoides e epiglottida*). Vesalio, como costume na época, apenas as numerou na ordem acima, como: primeira, segunda, terceira e a outra.

Leiomiócito - do grego *Leios*, liso e *Kytos*, célula. São as células que formam o tecido músculo liso.

Lente - do latim *Lens*, lentilha, devido à semelhança de forma entre as lentes de vidro e aquele grão vegetal. Em inglês a palavra *Lens* significa cristalino, pela mesma razão. A primeira descrição da lente do olho (anteriormente denominada de cristalino) encontra-se, no “Peri oftalmion” tratado escrito por Herófilo. Colombo e Fabricius foram os primeiros anatomistas a desenhar a lente no seu local correto (próximo à córnea) e Descartes descreveu a forma mutante da lente e sua função na focalização da imagem na retina.

Lentiforme – do latim *Lenticularis*, como uma pequena lentilha. O mesmo que lentiforme.

Leptina – do grego *Leptos*, magro.

Leucócito - do grego *Leukos*, branco e *Kytos*, célula. São células sanguíneas que a olho nu apresentam cor branca.

Lienal - do latim *Lien*, baço.

Ligamento – do latim *Ligamentum*, ligadura, atadura. *Ligamen*, fita, cordão, ou de *Ligare*, atar, unir.

Limbo - do latim *Limbus*, borda, orla ou margem. Na astrologia, *limbus* era uma das zonas do Zodíaco e na mitologia grega era a região imediatamente antes do inferno, onde ficavam as almas impedidas de atravessar o rio Aqueronte, levadas pelo barqueiro Caronte. Na religião católica, o termo foi introduzido por Pedro Lombardo para indicar o lugar onde estão aqueles que morreram sem batismo e sem pecado mortal (apenas com o pecado original).

Limitante – do latim *Limitans*, que delimita, circunscreve, fronteiroço.

Linfa - do latim *Lympha*, água. Aparentemente os vasos linfáticos eram conhecidos por Aristóteles, Herófilo e Erasistrato que os consideravam como veias. Galeno não os reconhecia. Vesalio, Gabrielle Fallopio e Bartolommeo Eustachio também os descreveram, mas não lhes atentaram com a real estrutura e função. Em 1622, Aselli descobriu os ductos lactíferos e os vasos quilíferos. A denominação “*vasa lymphatica*” é, provavelmente, devida à Bartholin. Os linfonodos foram descritos, em detalhes, por Marcello Malpighi, em 1659. É interessante notar que, em latim, a palavra *Lymphaticus*, no sentido poético, significava distraído, delirante, ou fora de si.

Linfático - do latim *Lympha*, água. Aparentemente os vasos linfáticos eram conhecidos por Aristóteles, Herófilo e Erasistrato, no entanto eles os consideravam como veias. Galeno não as reconhecia. Vesálio, Gabrielle, Falloppio e Bartolommeo Eustachio também os descreveram, mas não lhes atentaram com a real estrutura e função. Em 1622, Aselli descobriu os ductos lactíferos e os vasos quilíferos. A denominação “*vasa lymphatica*” é, provavelmente, devida à Bartholin. Os linfonodos foram descritos, em detalhes, por Marcello Malpighi, em 1659.

Linfoblasto - do latim *Lympha*, água e do grego *Blastos*, germe, formador. É uma célula precursora de linfócitos.

Linfócito – do latim *Lympha*, água e do grego *Kytos*, célula. Célula de origem linfóide, enquadrado entre os agranulócitos, com núcleo mais ou menos esférico e grande, ocupando boa parte da célula.

Linfocitose - do latim *Lympha*, água; do grego *Kytos*, célula e *Ose*, estado.

Linfóide - do latim *Lympha*, água e do grego *Óides*, semelhante.

Linfonodo – do latim *Lympha*, água, e *Nodus*, nó, novelo. Os linfonodos são órgãos encapsulados constituídos por tecido linfóide, em geral, com o formato de rim interpostos na corrente linfática. Desempenham várias funções destacando-se a de filtrar a linfa e ser o local de proliferação de linfócitos.

Língua - do latim *Lingua*, língua. A raiz grega *Glossa* deu também origem a numerosos termos médicos referentes à língua, tais como glossite (inflamação da língua).

Língula – do latim *Lingula*, diminutivo de *Lingua*.

Lipoblasto - do grego *Lipo*, gordura e *Blastos*, germe. É a célula precursora dos lipócito ou adipócitos, que acumulam gordura

Lobo – do grego *Lobos*, lobo, saliência arredondada.

Lóbulo - do latim *Lobulus*, diminutivo de *Lobus*, lobo.

Lumen – do latim *Lume* ou *Lumi*, claridade. O termo latino *lúmen* é correntemente empregado na linguagem histológica. A tradução portuguesa deve ser luz e não lumen porque a idéia central é a de claridade, não a de fogo. Além disso, os termos que se encontram na literatura estrangeira (Frances, lumiere, inglês, light, alemão lichtung, espanhol, luz) correspondem diretamente à palavra portuguesa luz.

Lúnula – do latim *Lunula*, diminutivo de *Luna*, lua. Em Roma, as mulheres nobres, notadamente as casadas, costumavam usar adornos (pingentes, broches ou braceletes) em forma de meia lua ou crescente, em homenagem à deusa Selene. O adorno era tido como amuleto benfazejo para a feminilidade e maternidade. Em histologia lúnula é a "meia-lua" com aspecto de crescente, de tom mais claro na base da unha. A lúnula é descrita como um reflexo da queratinização parcial das células.

Lúteo - do latim *Luteus*, *Luteum*, amarelo. Amarelo côr de fogo ou avermelhado.

M

Macro - do grego *Makros*, grande.

Macrófago - do grego *Makros*, grande e *Phago*, eu como. Tipo de célula do tecido conjuntivo, de volume grande, cuja função é fagocitar substâncias estranhas, células mortas e restos celulares. Este termo foi introduzido por Metschnikoff antes de 1887. O termo foi criado em oposição aos micrófagos que eram os pequenos comedores, hoje denominados de neutrófilos.

Macroscópio – do grego *Makros*, grande e *Skop*, observar detalhadamente. Termo criado na Inglaterra em 1872, em contraposição ao termo microscópio. É o que se vê a vista simples, sem o auxílio do microscópio.

Mácula - do latim *Macula*, mancha. Este termo foi introduzido pela primeira vez por Von Sömmering em 1848, e reintroduzido por Zimmermann em 1929. Mácula lútea: Mancha amarela na retina, que inclui a fóvea que contém grande quantidade de cones para a percepção das cores. Mácula densa: região de túbulo distal do néfron, que funciona como receptor sensível a quantidade de sódio excretada pela urina, esta região modificada entra em contato com as arteríolas eferente e aferente do mesmo néfron onde as células musculares lisas modificadas secretam renina. Esta última quando liberada atua em uma cascata de eventos levando ao final a contração da arteríola eferente.

Mama - do latim *Mamma*, do grego *Mastos*, mama. Deve ser lembrado que seio representa o espaço entre as mamas.

Mamilo - Diminutivo do latim *Mamma*, seio.

Mandíbula - do latim *Mandibula*, maxila inferior, queixo e *Mandere*, mastigar. Em latim, a palavra Maxila era usada, indiscriminadamente, para ambos os arcos dentais, isto é, o superior e o inferior. Daí antigamente serem comuns os termos “maxila superior e maxila inferior”. Somente no final do século XIX, maxila inferior foi substituída por mandíbula, termo que apareceu no latim apenas na idade média, provavelmente, formado do participio passado *Mandi*, mastigado.

Mão – do latim *Manus*, mão. Existe um provérbio latino que diz o seguinte: “Manus manum lavat”, que significa “uma mão lava a outra”.

Margem- do latim *Margo*, margem, beira.

Martelo – do latim *Malleus*, martelo. O martelo, na idade média, tinha forma semelhante ao utilizado na antiga Roma pelos açougueiros ou sacerdotes para atordoar os animais antes da matança ou sacrifício. Este instrumento era construído de madeira pesada e possuía forma geralmente arredondada. O martelo moderno, com cabeça e orelhas é invenção inglesa do século XVIII. Quem primeiro parece haver descrito a bigorna e o martelo (óssículos da audição) foi Vesálio (1550), que notou semelhança de forma com os instrumentos do ferreiro e assim os denominou.

Mastócito – do alemão *Mast*, comida e *Zellen*, relativo a, e do grego *Kytos*, célula. Esta palavra é oriunda do alemão *Mastzelle* com o sentido de 'célula com comida', denominada antes de 1898, por causa do seu tamanho. Em português era utilizado o termo labrócito que foi abandonado. Os mastócitos foram descritos pela primeira vez em 1878, por um estudante de medicina chamado Paul Ehrlich que notou que algumas células no tecido conjuntivo que se coravam metacromaticamente. O mastócito é uma célula volumosa com citoplasma contendo grânulos, presente no tecido conjuntivo, que produz e secreta várias substâncias vasoativas tais como histamina e heparina.

Matriz – do latim *Matrix*, forma, modelo, mãe, nutriz. Alguns autores latinos utilizaram, metaforicamente, a palavra para designar um molde, base ou massa na qual alguma coisa pudesse ser formada. Vem daí o termo matriz, para significar o molde que envolve as células nos tecidos. Em histologia significa o molde que envolve as células nos tecidos.

Maturação - do latim *Matutare*, amadurecer, mais o sufixo *Ação*, ato de. Etapa em que o desenvolvimento de um órgão ou de uma estrutura atinge a idade adulta e passa a exercer suas funções.

Maturação - do latim *Matutare*, amadurecer, mais o sufixo *Ação*, ato de. Etapa em que o desenvolvimento de um órgão ou de uma estrutura atinge a idade adulta e passa a exercer suas funções.

Maturação folicular - do latim *Matutare*, amadurecer, mais o sufixo *Ação*, ato de. Primeira fase do ciclo em que um ou mais folículos crescer para produzir a ovulação.

Mioglobina - do grego *Myo*, camundongo, músculo e do latim *Glob*, globo e *In(a)*,

substância química. Pigmento proteico de cor vermelha que contém ferro, estando presente nos músculos, similar a hemoglobina.

Maxila – do latim *Maxilla*, parte superior da face, bochechas.

Meato - do latim *Meatus*, canal ou via.

Medial – do latim *Medialis*, que está no meio e *Medius*, no meio central.

Mediano – do latim *Medianus*, que está no meio, central.

Mediastino – do latim medieval *Mediastinum*, colocado no meio. No passado o termo era utilizado em anatomia para nomear divisões ou septos. Realdo Colombo, filósofo e anatomista italiano (1516-1559) descreveu o mediastino, as pleuras e a circulação pulmonar e suas observações sobre o coração e o fluxo de sangue serviram de base para os experimentos de William Harvey.

Médio – do latim *Medium*, meio centro. Em sentido geral, o mesmo que mediano.

Medula - do latim *Medulla*, miolo, medula, âmago. A palavra provavelmente deriva de *Medius* e daí “in médium ossis” para medula óssea. Em sentido familiar, a palavra nomeava órgãos internos indiscriminadamente (como miúdos em português). Em relação à medula espinal, o termo é a tradução do grego “Mielos raquites”, isto é, “âmago ou miolo da espinha”.

Megacariócito - do grego *Megas*, grande; *Karyon*, semente ou núcleo e *Kytos*, célula. Célula da medula óssea responsável pela formação das plaquetas.

Megacólon - do grego *Megas*, grande e *Kolon*, intestino grosso.

Megaloblasto - do grego *Megas*, grande e *Blastos*, germe.

Melanina - do grego *Melas*, negro, preto e o sufixo *Ina*. Este termo foi introduzido por Vizio em 1843 para designar um pigmento preto que existe na forma de grânulos no citoplasma das células dos vertebrados que dão cor a pele, pelos etc.

Melanócito - do grego *Melas*, negro e *Kytos*, célula. O melanócito é uma célula neuro-cutânea que surge a partir da crista neural no período embrionário (origem neural). Produz melanina que é uma substância pigmentar que é excretada, sendo posteriormente fagocitada por células da camada basal da epiderme. No interior destas últimas esse pigmento permanece no citoplasma envolvendo e protegendo os núcleos dos raios solares.

Melanosoma - do grego *Melas*, negro e *Soma*, corpo, corpúsculo. Grânulo presente no citoplasma dos melanocitos no interior do qual se forma a melanina.

Melatonina - do grego *Melas*, negro, preto e *Tono*, tensão e *In*, substância química. Este termo foi introduzido por Lerner em 1958 significando uma substância química que estimulava a serotonina produzida pela substância negra do encéfalo. A melatonina (N-acetil-5-metoxitriptamina) é um hormônio produzido em várias partes do corpo humano, tais como a retina e a pineal. A glândula pineal participa na organização temporal dos ritmos biológicos, atuando como mediadora entre o ciclo claro/escuro ambiental e os processos regulatórios fisiológicos, incluindo a regulação endócrina da reprodução, a regulação dos ciclos de atividade-reposo e sono/vigília assim como a regulação do sistema imunológico.

Membrana – do latim *Membrana*, membrana, película, lâmina. A palavra parece derivar diretamente do latim *Membrum*, membro do corpo, porque inicialmente, o termo designava apenas a pele que os revestia. Também pode ser uma forma corrupta vulgar do grego *Hymen*, membrana.

Membrana basal - do latim *Membrana*, membrana, película, lâmina e do grego *Básis*, apoio, fundação. Em histologia o nome é dado a uma fina camada de matriz extracelular especializada, sintetizada em conjunto pelas células epiteliais e os fibroblastos presentes na lâmina própria. Está constituída pela lâmina basal (lâminas lúcida e densa) e outra lâmina denominada de reticular que contem várias moléculas, em especial colágenos tipos III, IV e VII. É considerada como que fazendo parte do epitélio, tendo a função de unir esta estrutura ao tecido conjuntivo.

Membranácea – do latim *Membranaceus*, relativo à membrana.

Meninge - do grego *Meninx*, membrana. O termo *Meninx* era usado pelos gregos para designar vários tipos de membranas ou peles. Erasítrato foi o primeiro a descrever as membranas do encéfalo e da medula espinal e Aristóteles divulgou o nome destas lâminas. A palavra grega *Myrinx*, parece ser uma corrupção de *Mininx* e foi utilizada, desde aquela época, para a membrana do tímpano (orelha média). A inflamação da membrana do tímpano é conhecida como miringite.

Menisco - do grego *Meniskos*, crescente, derivado de *Men*, lua. Na Grécia, o nome era usado para adornos e/ou formações militares em forma de meia lua ou lua crescente.

Menopausa – do latim *Men*, mês e *Pausis*, cessação. Assinala o fim reprodutivo da mulher.

Menor – do latim *Minor*, menor.

Menstruação - do latim *Menstruum*, solvente. Acreditavam os antigos que o sangue menstrual era um poderoso solvente.

Menstrual – do latim *Mensis*, mensal.

Mental – do latim *Mentalis*, relativo ao queixo e *Mentum*, queixo.

Mento – do latim *Mentum*, queixo.

Meridiano – do latim *Meridianus*, do meio dia.

Merócrino(a) – do grego *Meros*, parte e *Krynos*, secreção, *Krinein*, separar. Aplica-se às células em que não há perda de citoplasma por ocasião da secreção, ou seja, só é eliminada a secreção. A maioria das glândulas do nosso corpo são merócrinas, tais como a tireóide, sudoríparas, suprarrenais etc.

Mesencéfalo – do grego *Mesos*, meio e *Enkephalos*, encéfalo, cérebro. Termo sugerido por François Chaussier e adotado por Richard Owen e Thomas Huxley.

Mesênquima - do grego *Mesos*, meio e *Enchyma*, suco. É um tecido embrionário, encontrado nas primeiras fases do desenvolvimento embrionário, e que, aos poucos, por processos específicos de diferenciação celular, vai dando origem aos diferentes tipos de tecidos. Surge a partir do mesoderma (folheto embrionário intermediário).

Mesentério - do grego *Mesos*, meio e *Enteron*, intestino. É uma lâmina de tecido que prende ou suspende os órgãos na cavidade do corpo e é contínua com o peritônio que forra esta cavidade.

Mesial – do latim *Mesialis* e *Mesion*, relativo ao meio.

Mesométrio – do latim *Mesos* e *Metra*, útero.

Mesosalpinge – do grego *Mesos*, meio e *Salpinx*, tuba, trompa.

Mesotélio - do grego *Mesos*, meio e *Telio*, vaso, canal. Camada existente nos vasos sanguíneos.

Mesotendão – do grego *Mesos*, meio e do latim *Tendon*, tendão, cordão esticado.

Metacromasia - do grego *Meta*, depois de, além de e *Cromos*, Côr. Utiliza-se essa palavra em histologia para designar substâncias presentes nos tecidos que mudam a cor original dos corantes utilizados quando ligados a componentes teciduais. Um exemplo disso é quando se utiliza o azul de metileno (corante azul) que se torna vermelho quando cora substâncias ácidas presentes nos tecidos.

Metáfise – do grego *Meta*, depois, entre e *Physis*, crescimento, sulco. Metáfise é uma região do osso compreendida entre a epífise e a diáfise responsável pelo crescimento em comprimento, ou da altura de um indivíduo.

Metarteríola - do grego *Meta*, depois de, além de e *Arteri*, tubo e do latim *Ola*, pequeno. As metarteríolas são vasos sanguíneos de pequenas dimensões que resultam de ramificações das arteríolas e se continuam com os capilares. Não apresentam uma camada muscular contínua apresentando fibras musculares lisas rodeando o vaso em locais intermitentes. Esta região forma um esfíncter que se denomina de esfíncter pré-capilar que está encarregado de abrir ou fechar o capilar no momento em que passa o sangue

Micção - do latim *Micturire*, urinar.

Micro - do grego *Mikros*, pequeno.

Micrófago – do grego *Mikr(o)*, pequeno e *Phag(o)*, comer. Aparece na literatura pela primeira vez em 1890 por oposição a palavra macrófago. Foi dado este nome aos polimorfonucleares, em especial os neutrófilos, em oposição aos macrófagos que eram os grandes comedores.

Microfibrila – do grego *Mikros*, pequeno e do latim *Fibr*, fibra.

Microglia - do grego *Mikros*, pequeno e *Glia*, cola. A micróglia é a menor célula da neuróglia, na realidade são macrófagos que migram para o sistema nervoso central e adquirem uma forma especial nessa região.

Microscópio - do grego *Mikros*, pequeno e *Skopein*, examinar. O termo foi criado para designar um instrumento que permite observar pequenos objetos. Galileu descobriu que se dispusessem duas lentes num tubo obteria um aparelho que, olhando de uma das extremidades, permitia a visualização pormenorizada de objetos distantes – o telescópio. O mesmo aparelho, quando olhado pelo extremo oposto, permitia visibilizar objetos pequenos, invisíveis a olho nu – o microscópio. É neste ponto que se estabelece uma transição do imensamente grande, para o

infinitamente pequeno. Em 1590, os irmãos holandeses Francis e Zacharias Janssens, construíram o primeiro microscópio óptico composto. Em 1665, o inglês Robert Hooke, publicou os resultados das suas investigações, realizadas para a Royal Society de Londres, no livro "*Micrographia*". Hooke fabricou um microscópio óptico composto bastante mais aperfeiçoado relativamente ao de Jansen e examinou um pedaço de cortiça. Nela observou numerosas cavidades microscópicas, às quais chamou "poros" ou "células" e que lembram a disposição de um favo de mel. Antony van Leeuwenhoek (1632-1723), um comerciante de tecidos, fez algumas das mais importantes descobertas na história da biologia. Em 1668 aprendeu a polir lentes, uma vez que costumava usar uma lupa para avaliar a qualidade dos tecidos que vendia em sua loja, e fez assim o seu primeiro microscópio. Há quem diga que teria sido inspirado pelo trabalho de Robert Hooke, após ter visto a capa de uma cópia do *Micrographia* numa livraria. Após algumas experiências com microscópios compostos, abandonou o seu uso uma vez que não era exequível uma ampliação superior a 20 ou 30 vezes. A sua perícia no polimento de lentes permitiu-lhe construir um microscópio óptico simples (apenas com uma lente de boa qualidade) que ampliava mais de 200 vezes. Foi assim que se tornou um pioneiro na observação de diferentes espécies microscópicas: protistas, algas e bactérias, que desenhou e enviou a Royal Society de Londres. Os seus microscópios eram individualmente feitos para cada amostra e alguns dos seus "infinitamente pequenos" eram observados com uma ampliação de cerca de 300 vezes, uma façanha considerável, mesmo em comparação com alguns instrumentos modernos. O microscópio de Hooke, apesar de composto (com uma lente ocular e uma objetiva) tinha apenas um poder ampliador de 30 vezes. Com a ajuda de um microscópio simples, Leeuwenhoek observou e desenhou os "infinitamente pequenos".

Microtomia - do grego *Mikros*, pequeno e *Tomos*, cortar. Para que seja possível analisar um tecido em microscópio, é necessário que esteja disposta na lâmina uma seção bem fina do tecido. Rotineiramente, nos laboratórios recomenda-se a espessura de 4 a 6 micrômetros, que é a espessura ideal para a passagem de luz e evidenciação do tecido em microscópio. O equipamento utilizado para a obtenção dos cortes é o micrótomo, composto por três peças principais: o corpo, o porta-bloco e o porta-objeto, além da navalha. Há vários tipos de micrótomo, como o

criostato, o micrótomo de congelação, o ultramicrótomo, o do tipo serra e o vibratório. Porém, os mais utilizados na técnica histológica de rotina são o micrótomo rotatório (tipo Minot) – em que a navalha é fixa e o porta-objeto vai ao seu encontro – e o micrótomo do tipo corrediça, no qual a navalha que se move em direção ao porta-objeto, ambos encontrados em modelos manuais, automáticos ou semiautomáticos. Fundamentais para a execução dos cortes são as navalhas, que podem ser de diversos tipos, utilizadas de acordo com a especificidade do material a ser seccionado quanto à sua dureza, ao substrato no qual está incluído e ao tipo de micrótomo no qual será acoplada, por exemplo. As navalhas de aço são tradicionalmente utilizadas em microtomia de material incluído em parafina, e não devem conter impurezas nem substâncias anticorrosivas. Demandam um cuidado maior quanto à qualidade do fio de corte, sendo necessária a utilização de equipamentos afiadores que são muito caros. Já as navalhas descartáveis, confeccionadas em platina ou em material cromado, possibilitam o uso continuado com o fio de corte bastante afiado. Produzem cortes sequenciais, chamados cortes em fita, e de alta qualidade. Com o bloco resfriado fixo no micrótomo por um mandril, faz-se o procedimento de corte, de acordo com o aparelho de microtomia utilizado. As fitas que vão sendo produzidas devem ser levadas, com o auxílio de uma pinça e com delicadeza, ao banho-maria à temperatura aproximada de 40°C para que elas se distendam sobre a água, evitando a formação de dobras. Com os cortes devidamente prontos, faz-se sua pesca com lâminas previamente limpas e identificadas que, dali, serão encaminhadas à estufa à 60°. Antes de realizar a microtomia, deve-se fazer a limpeza das lâminas onde serão colocados os cortes. Geralmente submerge-se as lâminas em solução de detergente alcalino seguido de lavagem em água corrente, banho em álcool 100% e secagem com papel toalha ou flanela própria. Após a limpeza, é imprescindível a identificação das lâminas com o número de registro correspondente ao bloco, que pode ser feita com marcações a lápis de diamante (marcação permanente), lápis dermográfico ou etiquetas próprias. E para evitar que os cortes se desprendam das lâminas durante o processo de coloração, é comum a utilização de adesivos, sendo os mais utilizados a albumina de Mayer, a gelatina e celoidina.

Micrótomo - do grego *Mikros*, pequeno e *Tomos*, cortar. O micrótomo é um aparelho que faz cortes muito finos, variando geralmente de 1 à 10 µm (micrometros) de

espessura, em pequenas amostras de material biológico (geralmente tecidos) embocadas em resinas específicas (tais como parafina etc) para análise em microscópio de luz.

Microtúbulo – do grego *Mikros*, pequeno e do latim *Tubules*, diminutivo de *Tubus*, tubo. Microtúbulos são estruturas tubulares que formam os componentes básicos dos centríolos, corpos basais, cílios e flagelos.

Microvilosidade - do grego *Mikros*, pequeno e do latim *Villum*, pilosidade, aparência pilosa. Região da membrana plasmática com grande número de expansões digitiformes relacionada com a absorção de substâncias.

Mielina - do grego *Myelos*, miolo, medula. A mielina foi descrita pela primeira vez em 1854 por Rudolf Virchow. A mielina é uma substância lipídica, de cor verde reluzente e de caráter birrefringente, que faz parte da membrana celular. A mielina está presente na chamada bainha de mielina (formada pelos oligodendrócitos ou células de Schwann), que envolvem os axônios, como se fosse um rocambole, em algumas fibras nervosas. Essa substância faz com que essas fibras tenham uma condução de impulsos nervosos mais rápidos (condução saltatória). As fibras envoltas por mielina são chamadas precisamente mielínicas. As fibras que não possuem um revestimento de mielina chamam-se fibras amielínicas e possuem uma condução de impulso mais lenta. A coloração branca observada no sistema nervoso central deve-se à presença de lípidos nas bainhas de mielina.

Mieloblasto - do grego *Myelos*, medula e *Blastos*, germe. É uma célula sanguínea imatura que é precursora do promielócito também chamada de progranulócito. Mais tarde, o promielócito poderá se diferenciar num granulócito, podendo vir a ser um basófilo, um neutrófilo ou um eosinófilo.

Mielóclto - do grego *Myelos*, medula e *Kytos*, célula. É uma célula imatura da medula óssea que origina vários dos elementos figurados do sangue. Não deve ser detectada na circulação periférica.

Miocárdio - do grego *Myo*, músculo e *Kardia*, coração.

Miócito - do grego *Myo*, músculo e *Kytos*, célula.

Mioepitelial - do grego *Myo*, músculo e *Epi*, sobre e *Thel*, revestimento. São células estritamente epiteliais, pela sua origem, que possuem a particularidade de que são capazes de se contrair como as fibras musculares.

Miofibrila - do grego *Myo*, músculo e do latim *Fibr*, fibra e *Ila*, pequeno. Fibrila contrátil constitutiva da fibra muscular.

Miofibroblasto - do grego *Myo*, “camundongo”, músculo; e do latim *Fibros*, fibras e *Blastos*, germe, formador. Os miofibroblastos participam na síntese da matriz extracelular e na produção de forças mecânicas que promovem a contração da ferida, atuando na reorganização da matriz. Sua atividade contrátil é responsável pelo fechamento das feridas após a lesão, processo conhecido como contração da ferida.

Miologia - do grego *Myo*, camundongo, músculo e *Logos*, estudo. Parte da anatomia descritiva que estuda os músculos.

Miométrio - do grego *Myo*, “camundongo”, músculo e *Metra*, útero, matriz. O miométrio é uma das camadas que forma a parede uterina, é a camada mais grossa, muito diferente do endométrio (camada interna) e do perimétrio – peritônio visceral (camada externa) que são finas, a maior parte da estrutura do útero é formada pelo miométrio (colo uterino, corpo uterino e cornos uterinos – início das tubas uterinas). O miométrio é formado por feixes de fibras musculares lisas separadas por tecido conjuntivo. As fibras musculares formam feixes que estão dispostos em três camadas: interna (longitudinal), média (circular, que contém grande quantidade de vasos sanguíneos) e externa (longitudinal). Essas camadas musculares começam na região do colo do útero e se dirigem para cada tuba uterina e para o fundo do útero. Durante a gestação no miométrio ocorre hipertrofia (aumento do volume) e hiperplasia (aumento do número de células) das fibras musculares lisas, além do aumento do calibre vascular (artérias e veias) para poder aguentar o aumento do tamanho do útero que ocorre durante a gravidez.

Miosina – do grego *Myo*, camundongo, músculo *Īn(a)*, substância química. Proteína que forma os filamentos grossos contráteis do músculo.

Molar – do latim *Molaris*, relativo à mó, Mola, mó, pedra de moinho. Porque à semelhança da mó, estes dentes trituram grãos colocados entre eles.

Mitocôndria – do grego *Mitos*, fio, mais *Khondrion*, pequeno grão. São organelas encontradas exclusivamente nas células eucariontes. É nelas que ocorre a respiração celular, um processo em que moléculas orgânicas são utilizadas na fabricação de adenosina trifosfato (ATP), que é a principal fonte de energia das

células. O termo mitocôndria surgiu em 1898 e foi proposto pelo médico Carl Benda. A organela foi descrita pela primeira vez em 1857, quando Albert von Kölliker citou a presença de pequenos grânulos em células musculares. Apesar disso, o maior destaque a essa organela só ocorreu a partir do século XX. Acredita-se que as mitocôndrias surgiram a partir de organismos procariontes que encontraram abrigo no interior de outras células. Essas duas células estabeleceram uma relação simbiótica, ou seja, a interação entre as duas células gerou benefícios para ambos os envolvidos (teoria endossimbiótica). Enquanto o organismo procarionte encontrava proteção, a célula hospedeira obtinha a energia necessária para a realização de suas atividades.

Monócito - do grego *Monos*, único e *Kytos*, célula. Monócito é um leucócito com núcleo único, grande, arredondado ou ovalado no interior dos vasos sanguíneos. Quando adentra o tecido conjuntivo torna-se macrófago.

Mononuclear - do grego *Monos*, único e do latim *Nucleus*, semente, caroço, pequena semente. Célula que contém um só núcleo.

Monte – do latim *Mons*, monte, montanha. Para as mulheres, o nome era “mons venerii” (monte de Vênus) e, para os homens, “mons jovis” (monte de Jupiter). Atualmente, para ambos temos “mons púbis” (monte do adolescente).

Morfogênese – do grego *Morph*, forma e *Géne-sis*, gerar, formar. Aplica-se este termo à formação e diferenciação dos tecidos.

Morfologia – do grego *Morph*, forma e *Logos*, estudo. Parte da biologia que estuda a forma dos seres orgânicos e as modificações e as transformações que nele ocorrem.

Mucina - do latim *Mucus*, secreção viscosa.

Muco - do latim *Mucus*, secreção viscosa.

Mucosa – do latim *Mucus*, catarro e do grego *Mucha*, catarro.

Músculo - do latim *Musculus*, diminutivo de *Mus*, camundongo. Devido à contração muscular os antigos viram certa semelhança entre o músculo isolado e um camundongo. Alguns anatomistas acreditam que esta palavra tenha derivado do latim *Musculus*, significando especificamente os músculos do corpo, deve ter sido formada como um diminutivo corrupto do grego *Mys*, músculo. Mas alguns

etimologistas alegam que a vogal grega “i” dificilmente daria “u” em latim, por causa da eufonia. Então, sendo o diminutivo do latim *Mus*, camundongo, a comparação entre camundongos e músculos pode ter sido sugerida pela maneira sutil como os últimos deslizam sob a pele ou pela semelhança de forma (o ventre pareceria o corpo e o tendão a cauda do animal). Platão e Aristóteles achavam que os músculos seriam apenas revestimentos para o corpo. Galeno (século II) foi o primeiro a estudá-los sistematicamente e descreveu mais de 300 músculos no seu livro “*Peri myon anatomes*”, mas considerava-os em conjunto e numerava-os dentro do grupo, poucos sendo os que tinham nome próprio. Vesálio em 1553, no seu famoso livro “*De Humani Corporis Fabrica*”, também utilizou a nomenclatura numérica, muito confusa. No século XVII, Sylvio e depois Jean Riolan fizeram as primeiras tentativas para uma nomenclatura própria para os músculos. Esta somente foi alcançada no século XVIII, por iniciativa de anatomistas como James Douglas, Jacob Winslow e Albinus.

N

Nádega – do latim *Nates*, nádegas. O nome “nates”, sempre no plural foi antigamente, dado aos colículos superiores do mesencéfalo. A palavra *nates*, no latim medieval, sofreu transformação para *natica* (geralmente usada no plural, *naticae*), de onde se originou, diretamente, no português a palavra nádegas.

Narinas - do latim *Naris*, narinas, ventas. A etimologia da palavra *naris* é incerta. Pode ter uma origem comum com *Nasus*, nariz, ou derivar de *Nare*, flutuar, nadar, por causa de sua secreção, ou ainda ser uma corrupção de *Gnarus*, conhecido, porque era através das narinas que se identificavam os odores.

Nariz - do latim *Nasus*, *Naricae*, ventas, singular, *Narice*. O equivalente grego é *Rhis*, *Rhinós*.

Nasal – do latim *Nasalis*, relativo ao nariz, *Nasus*, nariz.

Néfron - do grego *Nephros*, rim. Hoje o néfron é considerado a unidade funcional do rim, sendo constituído pelo corpúsculo renal (corpúsculo de Malpighi), túbulo contorcido proximal, alça de Henle (ou alça do néfron) e túbulo contorcido distal. Deve ser mencionado que o túbulo coletor não faz parte do néfron, pois drena vários néfrons. Se por acaso incluirmos o túbulo contorcido distal podemos chamar de nefrídeo. Cada rim humano possui aproximadamente 1.200.000 néfrons. A função

do néfron é filtrar os elementos do plasma sanguíneo e eliminar através da urina as excretas indesejadas.

Nervo - do latim *Nervus*, corda, tendão. A palavra grega correspondente é *Neuron* que pode ter derivado do grego *Neuein*, mancar, cambalear. O equivalente latino de *nutare*. Provavelmente os gregos já sabiam que lesões dos nervos pudessem causar claudicação. Hipócrates usava este termo para designar qualquer estrutura tubular ou filiforme que tivesse aparência esbranquiçada e consistência endurecida e não distinguia entre os atuais nervos e tendões. Foi Aristóteles quem restringiu o termo aos nervos, idéia adotada por Galeno.

Nervoso – do latim *Nervosus*, provido de nervos.

Neural - do grego *Neuron*, nervo.

Neurilema - do grego *Neuron*, nervo e *Eilema*, retorcer. Neurilema é uma estrutura anatômica que forma a bainha de alguns nervos. Corresponde a bainha de mielina e membrana basal (análoga ao sarcolema da fibra muscular) que reveste a fibra nervosa.

Neuroblasto – do grego *Neur(o)*, nervo e *Blast(o)*, que forma, germe. Célula precursora da célula nervosa.

Neuroendócrino – do grego *Neur(o)*, nervo; *Endo*, dentro e *Krīn*, secreta. Células nervosas que lançam seu conteúdo no interior dos vasos sanguíneos. Interação entre o sistema nervoso e endócrino.

Neurogênese - do grego *Neur(o)*, nervo e *Géne-sis*, formação. Formação das células do sistema nervoso central.

Neurógliã - do grego *Neuron*, nervo e *Glia*, cola. Termo criado por Virchow em 1856 por considera-las como sendo um tecido de união, que se encosta (cola) nos neurônios. As células da glia, geralmente chamadas neurógliã, nevrógliã ou simplesmente glia (grego para "cola"), são células não neuronais do sistema nervoso central que proporcionam suporte e nutrição aos neurônios.

Neurohipófise – do grego *Neuro*, nervo, *Hypo*, abaixo de e *Physis*, sulco, crescimento. Corresponde a porção nervosa da hipófise.

Neurologia - do grego *Neuron*, nervo e *Logos*, estudo.

Neurônio – do grego *Neuronon*, diminutivo de *Neuron*, nervo.

Neurópilo – do grego *Neur(o)* nervo e *Pilo*, feltro. O neurópilo é constituído por prolongamentos intimamente imbricados das células do tecido nervoso, inclusive dos próprios neurônios (dendritos e axônios), e dos astrócitos, oligodendrócitos e micróglia.

Neuroporo - do grego *Neur(o)* nervo e *Por(o)*, poro. Orifício localizado na porção anterior ou posterior do embrião durante a formação do tubo neural.

Neurossensorial - do grego *Neur(o)*, nervo e do latim *Sensu(m)*, sentido, sensibilidade.

Neutrófilo - do latim *Neuter*, neutro e do grego *Philein*, gostar. Que tem afinidade para corantes neutros. O neutrófilo é um tipo de leucócito que apresenta o núcleo lobulado (polimorfonuclear), cujo citoplasma mostra afinidade por corantes neutros. São leucócitos polimorfonucleados, têm um tempo de vida médio de 6 a 8 horas no sangue e 1-2 dias nos tecidos e são os primeiros a chegar às áreas de lesão, tendo uma grande capacidade de fagocitose. Estão envolvidos na defesa contra bactérias e fungos. Os neutrófilos possuem receptores na sua superfície como os receptores de proteínas do complemento, receptores do fragmento Fc das imunoglobulinas e moléculas de adesão.

Ninfa - Do grego *Nympha*, noiva ou moça em idade nupcial. Os pequenos lábios, órgãos genitais externos da mulher, também são chamados "ninfas".

Nó – do latim *Nodus*, nó.

Nociceptor – do latim *Noc*, prejudicar, *Cep*, receber, e *Tor*, que faz. Receptor periférico da dor; os nociceptores são terminações nervosas livres que captam a dor.

Nodo – do latim *Nodus*, nó, laçada, saliência. O mesmo que nó.

Nódulo – do latim *Nodulus*, diminutivo do latim *Nodus*, nó laçada, saliência.

Normoblasto - do latim *Norma*, régua e do grego *Blastos*, germe. É o eritrócito normal imaturo. É um eritoblasto, um tipo de glóbulo vermelho, que ainda retém o seu núcleo celular. É o precursor imediato do eritrócito.

O

Ocludente - do latim *Ocludere*, cerrar, fechar com força.

Oclusão - do latim *Ob*, contra e *Claudere*, fechar.

Odontoblasto - do grego *Odoûs*, *Odontos*, dente, e *Blastós*, broto. Célula de natureza conjuntiva, que forma uma camada de revestimento da polpa dentária e dá origem à dentina.

Odontogênese - do grego *Odont(o)*, dente e *Genesis*, formação. Este termo aparece pela primeira vez na Inglaterra em 1953 para designar a formação dos dentes.

Odontóide – do grego *Odont(o)*, dente e *Eid(és)*, que tem forma, aspecto de. Eminência vertical em forma de dente que parte do corpo do axis para se articular com a face posterior do arco anterior do atlas.

Olfatório – do latim *Olfactorius*, farejador e *Olfactare*, cheirar, farejar.

Olho – do latim *Oculu*, olho. O equivalente grego é *Opthalmós*.

Oligo - do grego, *Oligos*, pouco.

Oligodendrócito - do grego, *Oligos*, poucos, *Dendr(o)* arborização e *Kyto*, célula. Célula da neuroglia que tem poucas ramificações. Esta célula da neuroglia é a responsável, entre outras coisas, pela formação da banha de mielina no sistema nervoso central.

Oligodendróglia – do grego *Oligo*, escasso, pouco; *Dendr(o)*, arborização e *Glí(ā)*, cola. Conjunto de células da neuróglia que apresentam poucas ramificações.

Oogênese - do grego *Oon*, ovo e *Genesis*, produção.

Oogônia (ovogônia) – do grego *Oon*, ovo e *Gon*, órgãos sexuais. Célula diploide precursora das células germinativas femininas que dão origem ao oócito, ou ovócito.

Oral - do latim *Orbis*, boca e *Os*, rima dos lábios.

Orbicular – do latim *Orbicularis*, ao redor do olho e *Orbis*, círculo, órbita, *Oculus*, olho.

Órbita - do latim *Orbis*, círculo na terra, sulco na terra, linha circular, curso. Em latim, a palavra orbita tinha vários significados: como mostrado acima, mas nenhum deles estava relacionado diretamente com olho ou à órbita, como hoje conhecemos. Em

sentido figurado (e poético), órbita dava nome somente à revolução da trajetória lunar. Talvez por dar idéia de movimento circular, tenha o termo sido aplicado ao movimento dos olhos dentro dos encaixes ósseos, que passaram depois a receber o nome do movimento (por provável erro de tradução dos textos árabes durante a idade média). Uma palavra semelhante *Orbitas*, possui outro significado: privação, orfandade.

Orelha – do latim *Oricla*, *Auricula*, diminutivo de *Auris*, orelha. Erroneamente em medicina a palavra orelha é às vezes pouco utilizada, dando-se preferência a “ouvido” que em latim é “*Auditus*” e que tem sentido verbal visto que é o particípio passado do verbo ouvir. Valsava, no seu tratado “*De aure humano*”, em 1704, lançou as bases do moderno conhecimento sobre a audição, descrevendo em detalhes a orelha humana, dividindo-a em partes interna, média e externa. O equivalente grego é *Otós*.

Órgão - do grego *Organon*, instrumento ou utensílio e *Ergein*, trabalhar. Só no século XVII é que o vocábulo começou a ser aplicado aos órgãos do corpo. Este termo é utilizado para designar parte do organismo constituída por diversos tecidos, e adaptada para exercer uma ou mais funções.

Ortocromático – do grego *Ortho*, reto, segundo a norma e *Khrōm*, cor. Que se cora positivamente, corretamente.

Ossículo - do latim *Ossiculum*, diminutivo de *Os*, osso.

Osso - do latim *Os*, osso. Em grego, a palavra que designa este órgão era *Osteon*, Jean Riolan afirma que esta palavra deu origem, na tradução latina, a *Ossu*, depois abreviada, por Platão, para *Os*.

Osteoblasto - do grego *Osteon*, osso e *Blastos*, germe. São as células responsáveis por sintetizar a parte orgânica da matriz óssea (tanto colágeno quanto as proteínas não colágenas). É uma célula de origem embrionária proveniente da célula mesênquimal indiferenciada, e que dá posteriormente, quando circundada por matriz é denominada de osteócito. Encontram-se dispostos em uma camada contínua na superfície dos ossos, unidos uns aos outros por meio de junções adesivas. Quando ativos, os osteoblastos apresentam-se como células polarizadas, com forma cuboidal e de dimensões variadas, exibindo núcleo esférico e citoplasma basófilo. Quando não estão ativos e sem aparente função de síntese

formam uma camada na superfície óssea denominada de revestimento ósseo e apresentam forma alongada, núcleo evidente ocupando grande parte do escasso citoplasma e poucas organelas.

Osteócito - do grego *Osteon*, osso e *Kyto*, célula. À medida que a matriz óssea é formada, alguns osteoblastos são aprisionados no interior da mesma, sendo então denominados de osteócitos. Esse processo recebe o nome de osteocitogenese. Os osteócitos são células terminalmente diferenciadas que residem em lacunas, rodeados por matriz mineralizada e constituem o tipo celular mais abundante do tecido ósseo. Durante a formação óssea, os osteoblastos recém-incorporados à matriz apresentam características morfológicas semelhantes às dos osteoblastos em atividade, sendo denominados de osteócitos jovens. À medida que a matriz óssea sofre mineralização os osteócitos tornam-se elipsóides, com citoplasma reduzido e quase inteiramente ocupado pelo núcleo. Células presentes no interior do osso, em estruturas denominadas de lacunas, que são responsáveis pela sua manutenção.

Osteoclasto - do grego *Osteon*, osso e *Klan*, destruir ou de *Klastos*, quebrar, degradar. Quem propôs este nome foi Albert Von Kolliker (1873) onde referiu que as células gigantes presentes na superfície óssea “seriam agentes de reabsorção óssea”. Este fato foi confirmado posteriormente e realmente essas células gigantes, polarizadas que apresentam tamanho entre 50 μm a 100 μm que exibem em média 5 a 8 núcleos das mais variadas formas e tamanhos estão relacionadas com a degradação óssea.

Osteogênese - do grego *Osteon*, osso e *Genesis*, produção ou criação

Osteóide - do grego *Osteon*, osso e *Eidos*, semelhante. Constitui a matriz óssea não mineralizada, onde se encontram os osteoblastos.

Osteologia - do grego *Osteon*, osso e *Logos*, estudo.

Osteon – do grego *Osteon*, osso. Palavra introduzida por Biedermann em 1914 coincide com o grego *ostéon* que quer dizer osso. Ósteon ou sistema de Havers; é a unidade anatômica e funcional do tecido ósseo característica dos ossos compactos; está constituído por um canal de Havers, ao redor do qual se agrupam várias lamelas concêntricas com lacunas que contêm células ósseas, que são os osteócitos.

Osteoplasto – do grego *Osteon*, osso e *Plasto*, orgânulo. Este termo é tradicional no nosso ensino, mas tende a desaparecer dos textos sendo substituído por lacunas ósseas.

Óstio - do latim *Ostium*, abertura, porta. Originalmente a palavra designava obstáculo, o que fica no caminho, do latim *Obstare*, impedir, obstar. Depois, por transferência semântica passou a designar uma entrada. Alguns etimologistas acreditam que o termo derivou de “*Os*”, rima dos lábios, com o significado de entrada da boca.

Ótico – do grego *Otikos*, relativo a orelha e *Ous* ou *Otos*, orelha externa.

Ouvido – Termo que não se usa em morfologia sendo substituído por orelha na nomina anatômica, vide orelha.

Oval – do latim *Ovalis*, ovalado e *Ovum*, ovo.

Ovário - do latim *Ovarium*, nome dado ao escravo encarregado de cuidar dos ovos e pintos. Em anatomia o termo ovário é recente, introduzido por Niels Steno (Stensen), em 1667. Antes, os ovários eram denominados de “*testis mulieris*”, ou seja, testículos da mulher. É de origem latina, sendo utilizado na Roma antiga para designar o escravo encarregado de cuidar das galinhas e, sobretudo, dos ovos, que eram valiosos na época. Os escravos mais habilidosos, denominados de “*ovarii*”, eram estimados e disputados pelas famílias nobres. Isto se deve ao fato da alimentação dos romanos começarem sempre por um prato à base de ovos. Desse modo o termo ovário era interpretado, naquela ocasião, como sendo o “carregador de ovos” e, na atualidade, representa uma estrutura que “carrega ovócitos”.

Ovo - do latim *Oo(um)* ou do grego *Ovum*, que designa ovo.

Ovulação – do latim *Ou(um)*, ovo *Ul*, pequeno e *Ation*, processo. Processo de maturação e emissão de um óvulo por um folículo ovariano no ovário.

Oxifila – do grego *Oxys*, ácido e *Philein*, amar. Estrutura que se cora com corantes ácidos.

Oxitocina – do grego *Ox(y)*, agudo, rápido e *Tok(o)*, parto com a designação *Īn(a)* que significa substância. Hormônio que tem a função de promover as contrações musculares uterinas durante o parto e a ejeção do leite durante a amamentação.

P

Palatino – do latim *Palatinum*, relativo ao palato e *Palatum*, palato. Vesálio foi um dos primeiros a distinguir o palato duro e mole e denominava os ossos do palato como “Os palati”, mas o termo palato mole é devido à Falloppio.

Palato – do latim *Palatum*, céu da boca, palato. Esta palavra tem origem incerta. Para uns, estaria associado à *Pascere*, alimentar; para outros, com *Palere*, cercar, murar, ou ainda derivada de *Palatium*, palácio. Os antigos anatomistas gregos não distinguiam entre palato duro e mole: ambos eram nomeados em conjunto como “*Diaphargma oris*”

Pálpebra - do latim *Palpebra*, que parece provir de *Palpitare*: palpitar, mover-se rapidamente. O equivalente grego é *Blépharon*.

Pampiniforme – do latim *Pampinus*, videira e *Formis*, em forma de. Foi utilizado o termo no sentido dos galhos da videira, ou seja, a forma como os galhos da parreira crescem e se ramificam nos parrerais.

Pan - do grego *Pan*, todos, tudo.

Pâncreas – do grego *Pan*, tudo, todo e *Kréas*, carne. Em tempos arcaicos, a palavra *Kréas* significava apenas carne comestível. Depois junto com *Sarx*, passou a designar qualquer tipo de músculo. O órgão foi descrito e nomeado por Herófilo, por causa de sua consistência mole, “carnosa”. Aristóteles, Rufo de Éfeso e Vesálio admitiram e usaram o termo. Até o final do século XVII, o pâncreas era confundido e incluído com os linfonodos mesentéricos.

Panículo – do latim *Panniculus*, diminutivo de *Pannus*, pano, trapo. A palavra foi introduzida por Celso apenas para designar bandagem e curativos feitos com tecido de linho. Durante séculos significou uma coberta espessa ou um tipo de pele. Berengário da Carpi, descreveu o invólucro subcutâneo do tronco, dividindo-o em duas camadas: *panuculus adiposus* (superficial e formada de tecido gorduroso) e *paniculus carnosus* (fina camada profunda muscular, mais exuberante em animais

Papila – do latim *Papilla*, borbulha pequena, bico da mama. A palavra pode ter vindo do latim *Pappare* (mamar ou comer como criança) ou *Papula* (caroço pequeno, tumoração) e os romanos empregavam-na, exclusivamente, para designar o mamilo. Por extensão, em poesia, passou a denominar toda a mama. Berengario da Carpi foi o primeiro anatomista a usar a palavra para estruturas fora da mama

(papilas renais). Mais tarde, Marcello Malpighi, aplicou o termo às papilas gustatórias da língua. O termo grego correspondente é Thele (como em epitélio).

Papilar - do latim *Papilla*. Que tem a forma de um mamilo.

Pápula - do latim *Papula*, pústula, elevação. Lesão elementar da pele que consiste numa elevação sólida menor que um centímetro e bem delimitada.

Paquimeninge – do grego *Pakhy*, espesso e *Mēning(o)*, membrana. Corresponde a duramater; a membrana mais espessa e dura que envolve o encéfalo

Parabasal - do grego *Para*, ao lado de e *Bás(is)*, base.

Parácrino – do grego *Para*, ao lado de e *Krin*, secreção. É uma substância ou célula cuja secreção afeta as células vizinhas.

Paradídimo – do grego *Para*, ao lado de e *Didymos*, duplo, em dobro.

Parafina – do latim *Parum*, pouca, e *Affinis*, afim. A parafina é uma substância química inativa, ou seja, que tem pouca afinidade por corantes que se dissolvem em água. Essa substância é amplamente utilizada para a impregnação do material que vai ser destinado a estudo histopatológico.

Paramétrio – do grego *Para*, ao lado de e *Metra*, útero.

Paranasal - do grego *Para*, ao lado e do latim *Nasus*, nariz.

Paranéfrico - do grego *Para*, ao lado de e *Nephr(o)*, rim. Que se localiza ao lado do rim.

Para-oóforo - do grego *Para*, ao lado de, e *Oon*, ovo e *Phoros*, que leva.

Parassimpático - do grego *Para*, ao lado e *Synpathos*, de *Syn*, junto com e *Pathos*, afeição, ânimo. Uma das duas partes do sistema nervoso autônomo cujos centros se encontram nas extremidades do eixo cérebro-espinal e cuja ação é antagônica à do sistema nervoso simpático, o sistema nervoso parassimpático participa na regulação do aparelho cardiovascular, gastrointestinal e urogenital.

Paratireóide - do grego *Para*, ao lado; *Thyreos*, escudo e *Eidos*, em forma, semelhantes a. Na realidade são quatro glândulas endócrinas localizadas na porção posterior da tireóide relacionadas ao metabolismo do cálcio.

Paratohormônio – do grego *Para*, ao lado, *Thyr(e)o-oid(és)*, em forma de escudo, e *Hormôn*, que impulsa. Hormônio produzido pela paratireóide.

Parede – do latim *Paries*, parede. O termo *Paries* significava em Roma antiga tanto a parede externa (*Paries domuis*) como qualquer divisória interna da casa (*Paries laris*). O adjetivo era *Parietis* ou *Parietalis*.

Parênquima - do grego *Para*, ao lado e *Enchyma*, suco. A palavra parece ter sido introduzida em anatomia por Erasistrato e era aplicada a órgãos de consistência macia e sólida, como fígado, baço, rins e pulmões. O termo baseou-se na teoria humoral, muito difundida na época, que alegava ser a substância própria destes órgãos derivada da solidificação de um “derramamento” sanguíneo dentro dos seus espaços, pelas veias que neles adentravam, para formar os espíritos vitais veiculados pelos humores.

Parietal - do latim *Pariet(em)*, parede. Parede de uma cavidade. Ossos do crânio que formam as paredes do mesmo. No estômago existem as células parietais ou oxínticas são as responsáveis pela secreção do ácido clorídrico e do fator antianêmico intrínseco necessário à absorção da vitamina

Paroniquia - do grego *Para*, em redor e *Onyx*, unha.

Parótida - do grego *Para*, ao lado e *Ous*, orelha externa. Jean Riolan reintroduziu o termo *Parotis* para a glândula sem saber que esta palavra já era utilizada por Galeno significando, além do próprio órgão, sua tumoração ou um abscesso na orelha externa. Jean Riolan não reconheceu a natureza glandular da parótida, fato somente constatado por Niels Steno (*Stensen*) em 1645.

Parte – do latim *Pars*, parte, porção

Pavilhão – do francês *Pavillon*, tenda e *Papilionem*, borboletas. Em francês, borboleta é *Papillon* e o termo *Pavillon* é obviamente uma forma variante. Talvez a palavra tenha surgido da semelhança encontrada entre os panos esvoaçantes das tendas de campanha com as asas das borboletas. Porém, é mais difícil entendermos a analogia entre a tenda (ou borboleta) e a forma do pavilhão da orelha externa.

Pé – do latim *Pes*, *Pedis*, pé de homem ou animal. O equivalente grego é *Poús*, *Podós*.

Pécten – do latim *Pecten*, pente, carda ancinho e *Pectere*, pentear. Alguns estudiosos afirmam que a união dos ramos superior e inferior do osso púbis e os

pelos revoltos da região púbica lembravam a forma de um pente romano (com cabelos) ou o pente usado (e não limpo) da cardagem da lã. Na Roma Antiga, as paredes pudendas femininas eram chamadas Pecten. O conjunto formado pela palma e pelos dedos da mão estendidos era conhecido como Pecten Manus. Gerhard Vossius afirma que a palavra latina *Pectus*, peito, tem a mesma origem, por causa do arranjo das costelas, como os dentes de um pente.

Pectinado – do latim *Pectinatus*, penteado, e *Pectere*, pentear.

Pectíneo - do latim *Pecten*, pente, relativo a pente.

Pedículo - do latim *Pes*, pé e do sufixo diminutivo *Culus*: pequeno pé.

Pedúnculo - A mesma origem de "*pedículo*". Foi aventada a hipótese de que Karl von Linnaeus tenha sido o introdutor e inventor desta palavra, para diferenciar os homônimos *Pediculus* (para piolho) e *Pediculus* (diminutivo de pé).

Pele – do latim *Pelle*, pele. O equivalente grego é *Derma*.

Pêlo – do latim *Pilus* ou *Pellis*, pêlo de animal. Há um famoso provérbio latino: "Lupus pilum mutat, non mentem", isto é, o lobo muda de pêlo, mas não a mente.

Pelúcido – do latim *Pellucidus*, transparente, diáfano. A forma mais correta desta palavra seria *Perlucidus*, composta de *Per*, através de e *Lucere*, brilhar. Portanto, o mais correto seria *Septum perlucidum*, ou apenas *lucidum*.

Pênis - do latim *Penis*, que significa originalmente *Cauda*. O órgão masculino, quando pendente, teria semelhança com uma cauda. Entre os romanos, assim como em português, havia inúmeras expressões populares para designar o pênis (*clava*, *vômer*, *radix*, *ramus*, *gladius*). Desta última (que significa espada) derivou, por extensão, o nome "vagina" (bainha).

Pepsi - do grego *Pepsis*, digestão.

Pepsina - do grego *Pepsis*, digestão mais o sufixo *Ina*, natureza de. Enzima proteolítica integrante da composição do suco gástrico, cujo precursor é o pepsinogênio que pela ação do ácido clorídrico, perde um peptídeo, tornando-se uma enzima ativa.

Perfurada – do latim *Per*, através de e *Foratus*, furado e *Forare*, furar.

Perfurante – do latim *Perforans*, que fura através de, que passa furando.

Perfusão - do latim *Perfundere*, fazer passar através.

Peri-articular - do grego *Peri*, em redor e do latim *Articulus*, junta.

Pericárdio – do grego *Peri*, ao redor de e *Kardia*, coração. Membrana que envolve o coração. Membrana fibrosa de origem mesodérmica, com função de proteção do músculo cardíaco.

Pericário - do grego *Peri*, ao redor de e *Karion*, núcleo.

Pericito - do grego *Peri*, em redor e *Kyto*, célula. Pericito é uma célula tipo mesenquimal, associada com as paredes de vasos sanguíneos pequenos.

Pericôndrio – do grego *Peri*, ao redor de e *Chondros*, cartilagem.

Periférico – do grego *Peri*, ao redor de e *Pherein*, levar.

Perilíngua – do grego *Peri*, ao redor de e do latim *Lympha*, água. O termo não é adequado, por duas razões: a primeira, por ser híbrido de duas línguas e, segundo, porque etimologicamente significa “o que está ao redor do líquido” e não o humor propriamente dito. Esta palavra parece ser recente em anatomia e por isso deve ter sido mal formada.

Perimétrio – do grego *Perí*, ao redor e *Mētr(ā)*, matriz, útero. Revestimento peritoneal que reveste a porção externa da parede do útero.

Perimísio – do grego *Peri*, ao redor de e *Mysei*, muscular.

Períneo – do grego *Peri*, ao redor de e *Naion*, ânus. Hipócrates usava as formas *Períneon* e *Perínaion* e Galeno restringiu o termo à área entre o ânus e o escroto, no homem, e entre o ânus e a vulva, na mulher.

Perineuro – do grego *Peri*, ao redor de e *Neuron*, corda, fibra.

Periodonto – do grego *Peri*, ao redor de e *Odous*, dente.

Perioníquio – do grego *Peri*, ao redor de e *Onyx*, unha.

Periósteo – do grego *Peri*, ao redor de e *Osteon*, osso. Galeno já usava o termo para designar a membrana que reveste os ossos. A primeira descrição detalhada desta estrutura foi feita por Andreas Bonn, em 1763, embora a sua função tenha sido somente elucidada por Duhamel em 1740.

Peristalse - do grego *Peri*, em redor e *Stellein*, mudar. A peristalse de fato movimenta o conteúdo intestinal em redor e para diante.

Peritendão – do grego *Peri*, ao redor de e *Tendon*, tendão, cordão esticado.

Peritônio - do grego *Peri*, em redor e *Teinein*, cobrir, estender. Membrana serosa, a mais extensa do corpo humano, que recobre a cavidade abdominal e reveste as víceras.

Peroxissoma – do latim *Per* através de, por completo e do grego *Ox(y)* oxigênio e *Sōm(a)* corpúsculo. Peroxissoma é uma organela esférica, envolvida por uma membrana, presente no citoplasma, sobretudo em células animais. São as organelas responsáveis pelo armazenamento das enzimas diretamente relacionadas com o metabolismo do peróxido de hidrogênio. Os peroxissomas foram descritos, pela primeira vez, por Rodhin (1954), em células de rato, sendo então designados por "microbodies". Contudo a sua caracterização bioquímica ficou a dever-se a De Duve e colaboradores. Em 1966, De Duve propôs a designação de peroxissoma em substituição a de "microbodies", então generalizada, salientando a existência simultânea, nestas organelas, de duas classes de enzimas: as oxidases produtoras de peróxido de hidrogênio (água oxigenada) e as catalases. Posteriormente, os peroxissomas foram identificados em células animais e vegetais.

Pial – do latim *Pial*, relativo à Pia-máter.

Pia-máter – do latim *Pia*, suave, fiel e *Mater*, mãe. A Pietas (piedade, caridade) era uma das virtudes capitais para os romanos e sua prática era de suma importância e uma das hipóteses para o termo alega que aos anatomistas antigos a meninge mais interna parecia como uma mãe afetuosa para o cérebro, envolvendo, protegendo-o e nutrindo-o.

Piloro - do grego *Pylorus*, guarda do portão, derivado de *Pyle*, portão ou porta e Ouros, guardião. O piloro guarda a saída do estômago. Galeno usava o termo Grego Stenótis (estreito) para o canal pilórico do estômago e apenas comparava este canal com um Pylouros (guarda de portal de templos). Mas em latim, o termo *Pylorus* indicava apenas o orifício distal do estômago. Mais tarde, o termo de comparação prevaleceu e esta escolha parece ter sido devida a Celso e adotada por Rufo de Éfeso e Júlio Pollux. Gustavo Retzius dividiu a parte pilórica do estômago em canal e antro.

Piloso - do latim *Pilus*, pêlo.

Pineal - do latim *Pinea*, pinha de pinheiro. A glândula pineal recebeu esse nome provavelmente pela semelhança que os antigos encontraram entre sua forma e a de uma pinha, Elemento de reprodução dos pinheiros. Esta glândula também é conhecida sob vários nomes, tais como epífise do cérebro, corpo pineal, órgão pineal, conário. O termo glândula deve ser mantido, pois embora seja um projeção do diencéfalo, já foi estabelecido que é uma glândula endócrina que produz melatonina.

Pinealócito - do latim *Pinea*, pinha de pinheiro e do grego *Kyto*, célula. Célula presente na glândula pineal responsável pela produção da melatonina.

Pituitária - do latim *Pituíta*, secreção mucosa, catarro, goma, resina. No tempo de Galeno julgava-se que a secreção nasal provinha do encéfalo, da hipófise e daí o nome de pituitária que foi dado a essa importantíssima glândula. Foi só no século XVII que se passou a verificar que a secreção mucosa vem do nariz e não da pituitária.

Placenta – Esta palavra tem origem diversa. Do grego *Plakuos*, nome que se dava na Grécia a um bolo achatado e arredondado. A raiz *Plak*, tem origem indo-europeu e indica uma forma achatada. Do latim *Placenta*, também tem a acepção de bolo achatado. O nome da placenta só aparece na nomenclatura anatômica no século XVI. Realdus Columbus (1516-1559), discípulo de Vesalius, em seu livro *De Re Anatomica* utilizou a expressão *in modum orbicularis placentae* (a modo de um bolo redondo), Fallopius (1523-1562) chamou-a de placenta uterina, denominação esta que se sobrepôs à de secundina, passando a merecer a preferência dos anatomistas e obstetras. A placenta, com suas membranas, era chamada em grego *Deútera*, que quer dizer segunda, seguinte, que vem depois. Esta idéia trasladou-se ao latim na palavra *secundina*. Mondino (1270-1326), em seu *Tratado de Anatomia*, chamou-a *pars secundinae*. Por influência da medicina francesa o vocabulário médico português enriqueceu-se com o termo *delivramento*, que é uma adaptação do francês *Délivrance* e que passou a ser usado como sinônimo de secundamento na terminologia obstétrica. A introdução do termo *delivramento* na língua portuguesa data do século XIX, tendo sido o mesmo empregado por Rocha Nazarem em seu livro *Compilação de Doutrinas Obstétricas*, editado em Lisboa em 1843. A sinonímia de secundamento inclui ainda os termos *decedura*, *dequitação* e *dequitadura*. *Decedura* é termo arcaico, já encontrado no *Elucidário de Viterbo* e

pouco empregado atualmente, enquanto dequitação e dequitadura passaram a ser utilizados para designar o primeiro tempo do secundamento, ou seja, o descolamento da placenta. Dequitação e dequitadura derivam do verbo dequitar, com o sentido de livrar-se de uma coisa penosa.

Placóide – do grego *Plakode*, algo fino e plano, lâmina e *Ōd(ēs)*, com aspecto de.

Plaqueta – do alemão *Plack*, aplicar algo plano sobre uma superfície e do francês *Ette*, pequeno. A plaqueta (nos mamíferos) é um fragmento de célula, ou mesmo uma célula (trombócito) presente no sangue que é formada na medula óssea. A sua principal função é a formação de coágulos, participando, portanto do processo de coagulação sanguínea.

Plasma - do grego *Plasma*, líquido constituinte, moldada.

Plasmalema - do grego *Plasma*, líquido constituinte, que molda e *Lemma*, membrana fina. Membrana celular; camada semi-permeável do protoplasma celular.

Plasmócito – do grego *Plás-m(a)*, líquido constituinte e *Kyto*, célula. Célula do tecido conjuntivo oriunda do linfócito tipo B produtora de anticorpos circulantes; apresenta forma ovalada ou arredondada com abundante retículo endoplasmático granular.

Pleura - do grego *Pleura*, que primitivamente significava "lado do corpo" ou "costela". O termo pleura significava também o lado de um animal. Galeno usava esta palavra tanto para costela como para a membrana que reveste internamente o tórax e está em contato íntimo com as costelas. Por mera metonímia, passou a nomear apenas a membrana mucosa. Cada uma das membranas serosas, em forma de saco de paredes duplas, independentes entre si, de cujos folhetos um fora os pulmões e o outro reveste a superfície interna da caixa torácica do lado correspondente. Têm origem mesodérmica e se formam a partir do hipômero.

Plexiforme – do latim *Plexus*, trançado, entrelaçao e *Formis*, em forma de.

Plexo - do latim *Plexus*, trança. A palavra provavelmente derivou do grego *Plékein*, envolver, enredar.

Pneumócito – do grego *Pneuma*, ar, vento, espírito e respiração e *Kytos*, célula. Células epiteliais que revestem os alvéolos pulmonares. São classificados em dois tipos o tipo I é pavimentosa e forma a barreira hemato-aérea e o tipo II forma células

mais volumosas que secretam a substância surfactante que diminui a tensão superficial do alvéolo.

Podócito - do grego *Pous*, pé e *Kytos*, célula. Célula epitelial da cápsula de Bowman que tem a função de suporte semelhante a um pé.

Poli - do grego *Polys*, muitos.

Policromatofilia - do grego *Polys*, muitos; *Chroma*, cor e *Philein*, gostar. Que tem afinidade para muitas cores.

Polimorfonuclear - do grego *Polys*, muitos; *Morphe*, forma e do latim *Nucleus*, pequena semente. Aplica-se aos leucócitos que apresentam um único núcleo, no entanto lobulado (várias dobras), dando a idéia que que tem vários núcleos.

Polinuclear - do grego *Polys*, muitos e do latim *Nucleus*, núcleo ou semente. É uma contração de "polimorfonuclear".

Porta – do latim *Porta*, portão e *Portare*, carregar, levar. Hipócrates notou a veia entre o *Kólon* (intestino) e a *Pyle* (porta). Rufo de Éfeso chamou-a de “Phlebs Pyle”, traduzida para “veia ad ports hepatis”. Galeno usava o termo para a fissura transversa do fígado que ele achava ser a entrada para o órgão (Porta hepatis). Vesálio deu-lhe o nome atual “vena portae”. De Pyle, temos “Pilite” a inflamação da veia porta. Pelo exposto foi dado esse nome porque essa veia entrava na pela parte principal ou porta do fígado. Atualmente um sistema porta perdeu esse significado, diz-se sistema porta quando um vaso se capilariza e a reunião dos capilares origina outro vaso de igual conteúdo sanguíneo, exemplo, sistema porta arterial (glomérulo no rim, arteríola aferente, capilar e arteríola eferente), sistema porta-hipofisário (veia–capilares-veia) sistema porta hepático (veiacapilar-veia).

Portio - palavra latina que designa parte ou porção. A "portio vaginalis" é a parte do útero que faz saliência na vagina.

Postrema – do latim *Postremus*, superlativo de *posterus*, atrás.

Prepúcio - do latim *Pre*, antes e *Putum*, palavra arcaica que significava pênis.

Próstata - do grego *Pros*, antes e *Sta*, parar. No grego antigo a palavra significava "um guarda que permanecia na frente". A próstata seria comparada a um guarda estacionado antes da bexiga. Na Grécia antiga, a palavra Prostates significava “o que está à frente” e designava os chefes e líderes religiosos ou os que presidiam

reuniões públicas (porque vinham á frente do cortejo). Em anatomia Herófilo denominava a próstata, “glândula anterior”. Aristoteles apenas mencionava as vesículas seminais, não descrevendo a próstata, chamando-as de varizes prostáticas e Galeno dava o nome de Prostatai ao conjunto da próstata e vesícula seminal, sem distinção, devido às dissecações realizadas em animais que não possuíam estes órgãos bem definidos. Vesálio chamava o órgão de “Corpus glandosum”. O sentido atual do termo foi introduzido por Bartholin. O lobo médio da próstata foi descrito por Home, provavelmente copiando manuscritos de John Hunter.

Protrombina - do grego *Pro*, antes e *Thrombos*, coágulo.

Proximal - do latim *Proximus*, que está mais perto

Pseudopodo - do grego *Pseudos*, falso e *Pous*, Podos, pé. Expansões ou prolongamentos citoplasmáticos, que têm papel na locomoção e no englobamento de substâncias, partículas, próprio de células fagocitárias e de alguns protozoários.

Pulmão – do latim *Pulmo*, pulmão. Possivelmente o termo derivou do grego *Pleumon*, variante do grego *Pneumón*, pulmão.

Pulmo - do latim *Pulmo*, pulmão

Pupila - do latim *Pupilla*, diminutivo de *Pupa*, menina. Consta que foi dado tal nome a essa parte do globo ocular porque os objetos do exterior ali se refletem em tamanho muito pequeno, assim como a do observador refletida nela. A palavra também era escrita *Pupulla* e tinha outros significados coma aluna, jovem discípula ou órfã menor de idade.

Purkinje – Nome próprio masculino. Johannes Evangelista Purkinje (1787-1869), nascido na Boêmia, foi o primeiro Fisiologista a manter um laboratório em caráter oficial (1842), sendo professor de Fisiologia em Breslau (183-1850) e depois em Praga. Exímio Histologista iniciou os cortes com o micrótomo (antes feitos à navalha) e foi pioneiro no uso do bálsamo na montagem de lâminas e do ácido acético e bicromato de potássio na técnica histológica. Notou a importância das impressões digitais (1823) descreveu as glândulas sudoríparas (1825) e introduziu o termo protoplasma (1839); descobriu também as células do cerebelo (1835) e as fibras subendocárdicas (1839). Células de Purkinje. Estas células estão entre os neurónios maiores no cerebelo, com uma árvore dendrítico muito elaborado,

caracterizadas por um grande número de espinhas dendríticas. As células de Purkinje formam a camada de Purkinje, uma camada do cortex no cerebelo, localizada entre a camada molecular e a camada granulosa. As células de Purkinje encontram-se alinhadas como peças de um dominó colocadas uma em frente à outra. Sua árvore dendrítica forma camadas bidimensionais através das quais passam fibras paralelas provenientes das células musgosas localizadas na camada granulosa. As células de Purkinje enviam projeções inibidoras para o núcleo cerebelar profundo, e constituem a única saída de toda a coordenação motora no córtex cerebelar.

Púrpura – do grego *Porphýrā*, molusco que produz uma tinta violácea. Este termo foi introduzido em patologia em 1735 por Werlhof para designar afecções da pele tais como, manchas ou pontos roxos devido a pequenas hemorragias subcutâneas ou também chamadas de petéquias.

Q

Queratina – do grego *Kerat*, de textura córnea, e *In*, substância. Sustância protéica muito rica em enxofre, que constitui a parte fundamental das camadas mais externas da epiderme nos vertebrados.

Queratinócito - do grego *Kerat*, de textura córnea, e *In*, substância e *Kytos*, célula. A célula mais freqüente da epiderme que sintetiza queratina.

Quilífero - do grego *Chylos*, suco, secreção e do latim *Fer-u(m)/-a(m)*, que leva. Termo aplicado aos vasos que levam o quilo ao sangue.

Quilo - do grego *Chylos*, suco, secreção. Aplica-se especialmente aos sucos produzidos pela digestão. Em grego, as palavras *Chylós* (quilo) e *Chymós* (quimo) eram quase idênticas, a primeira tendo o significado de uma secreção ou suco preparado, produzido; e a segunda, uma secreção, em estado natural. Galeno acreditava que o alimento digerido era absorvido nos intestinos e transportado ao fígado, através da veia porta, como *Chylós*, isto é, uma secreção já elaborada.

Quitina – do grego *Khit(ón)*, túnica, camada e *In(a)*, substância. Polímero de cadeia longa é o principal polissacarídeo da parede celular dos fungos e também forma o exoesqueleto dos artrópodes.

R

Radiado – do latim *Radiatus*, irradiado, disposto em forma de raios.

Radial – do latim *Radialis*, relativo ao osso rádio.

Raio – do latim *Radius*, raio de roda, estaca.

Raiz – do latim *Radix*, raiz

Ramo – do latim *Ramus*, ramo.

Rampa – do francês *Rampe*, rampa, plano inclinado, do germânico *hramp*, inclinado, recurvo. Na nomenclatura anatômica a palavra original é “*Scala*” e foi traduzida para rampa. Na orelha média não há, realmente degraus ou escada (o que mostra a impropriedade do termo). Talvez a palavra sugira, por extensão, a idéia clara de subida das rampas, pois estas se encontram no ápice da cóclea (helicotrema), após ascender desde sua base, embora alguns aleguem que a semelhança adviria da escada circular, em caracol. A palavra rampa, em português, deriva do antigo termo árabe Rimpfam, garra, gancho, unha, que passou a significar subida ou ladeira porque escalar um terreno elevado era necessário agarra-se com ganchos ou unhas. O termo rampante com este significado permaneceu em botânica e animais trepadores

Recorrente – do latim *Recurrere*, retornar e *Recurrere*, voltar, retornar.

Rede – do latim *Rete*, rede.

Renal – do latim *Renalis*, relativo aos rins, e *Ren*, rins.

Reprodução – do latim *Re*, para trás, repetição e *Pro*, adiante, *Dūc*, conduzir, levar. Processo biológico que permite a produção de novos organismos o que é común a todas as formas de vida conhecidas; as duas modalidades básicas são a assexual ou vegetativa e a sexual ou germinativa.

Respiração - do latim *Re*, outra vez (expressa o sentido de repetição) e *Spirare*, respirar. Abrange os dois atos: a inspiração e a expiração. Respiração celular em citologia designa um conjunto de reações químicas, no interior da célula, entre o oxigênio e os componentes alimentares (glicose, ácidos graxos e aminoácidos) para a obtenção de energia; neste processo se desprende dióxido de carbono e água. Em fisiologia respiração celular corresponde ao transporte de oxigênio da atmosfera para as células, e o inverso, transporte de dióxido de carbono (CO₂) das células para a atmosfera novamente. Este processo consta de três etapas: 1)

ventilação pulmonar, que é a entrada e a saída do ar entre a atmosfera e os alvéolos pulmonares (inspiração e expiração); 2) difusão do oxigênio e do dióxido de carbono entre alvéolos e sangue; 3) transporte de oxigênio e dióxido de carbono entre o sangue e as células.

Retal – do latim *Rectalis*, relativo ao reto.

Reticular – do latim *Reticularis*, relativo à rede.

Retículo – do latim *Reticulum*, diminutivo de *Rete*, rede.

Reticulo endoplasmático - do latim *Reticulum*, diminutivo de *Rete*, rede.

Reticulócito - do latim *Reticulum*, diminutivo de *Rete*, rede e do grego *Kytos*, célula. Esta célula, é a precursora imediata das hemáceas, quando corada aparece no citoplasma regiões coradas em grânulos ou em rede. Este termo foi introduzido por Krumbhaar em 1922 na Inglaterra.

Retina - do latim *Retina*, provido de fina rede. Herófilo foi o primeiro a descrever a retina. Galeno em suas dissecções de animais inferiores chamava a retina de *Amphiblestron*, palavra que em grego tinha dois significados: uma membrana envolvente ou uma fina rede para cobrir o pescado e é óbvio que Galeno usou-a no primeiro sentido. Gerard de Cremona, ao traduzir as obras de Avicena, adaptou o termo árabe *Reschet* (equivalente ao primeiro sentido da palavra *Amphiblestron*) no segundo sentido e inventou a palavra retina. Vesalio entendeu o sentido da palavra e assinalava o engano, chamando a retina de “*involucrum corporis vitrei*”. Alguns etimologistas alegam que a palavra latina seria a transcrição literal do grego de *Retine*, resina, por causa da consistência do humor vítreo e, por extensão, da membrana que o contém.

Retináculo – do latim *Retinaculum*, amarra, correia, e *Retinere*, reter, segurar.

Reto - do latim *Rectus*, reto, direto, sem flexuras. O segmento terminal do intestino grosso, na espécie humana, não é reto em nenhum sentido, mas o termo foi introduzido por Galeno após dissecar mamíferos inferiores. É interessante notar que nem sempre o reto foi considerado a última parte do intestino, mas antigamente era a primeira porque possibilitava o acesso direto ao intestino. Assim Hipócrates e Mondino de Luzzi nomeavam o duodeno como a última porção dos intestinos e chamavam o reto de *Archos*, o início. Esta visão persistiu na posição das pregas

transversais do reto (a primeira é a inferior e a terceira, a superior). O termo ainda nomeia uma pretensa característica morfológica de alguns músculos estriados esqueléticos. O termo grego equivalente é *Proctos*.

Retroduodenal – do latim *Retro*, para trás e *Duodenalis*, relativo ao duodeno.

Respiratório – do latim *Respiratorius*, relativo à respiração, que respira.

Rim - do latim *Ren* que é singular de *Renes*, que significa órgão duplo. O equivalente grego é *Nephrós*. Claudius Galeno (131-200 D.C.) fundador da fisiologia experimental (mostrou que a urina se forma nos rins e não na bexiga; provou que a secção da medula espinhal provoca paralisia abaixo do nível da secção). Rins eram popularmente considerados como a sede da consciência e reflexão, e uma série de versículos da Bíblia referem que Deus inspeciona os rins, ou rédeas, dos seres humanos. Da mesma forma, o Talmud afirma que um dos dois rins é bom e outro mau. O termo latino *Renes* em inglês está relacionado com a palavra rédeas, termo utilizado por Shakespeare (*Alegres Comadres de Windsor*).

Rima – do latim *Rima*, fenda, rachadura e *Rimor*, fender, sulcar. Também existem as hipóteses da derivação de *Ringere*, arreganhar os dentes, afastando os lábios ou mesmo do grego *Rigma*, fratura, quebra. Tecnicamente o termo aplica-se unicamente ao intervalo entre margens opostas (Ex. Lábios, pregas, pálpebras etc) e não as paredes propriamente ditas.

Rinal – do grego *Rhinio*, relativo ao nariz, ao olfato.

Ritmo – do grego *Rhythm(o)*, cadência, ritmo. Em medicina significa cadência do pulso.

Rodopsina – do grego *Rhodo*, rosa e *Opsía*, visão e ln(a), substância. Pigmento avermelhado fotossensível próprio da retina de peixes marinhos e vertebrados superiores que é importante na visão noturna.

S

Sáculo – do latim *Sacculus*, diminutivo de *Saccus*, saco, odre.

Saliva - do latim *Saliva*, suco da boca. Líquido alcalino claro, meio viscoso, segregado pelas glândulas salivares, vertido na cavidade bucal, e que serve para amolecer, facilitar a deglutição e iniciar a digestão de alguns alimentos.

Salpíngue - do grego *Salpinx*, trompa, trombeta. Estrutura em forma de trompa, tuba, trompa de Falópio. Existe duas estruturas em anatomia que receberam esse nome devido a sua estrutura ter aparência de tuba. Seria a tuba do útero (trompa de Falópio) e a tuba auditiva (trompa de Eustáquio).

Salpingopalatino – do grego *Salpinx*, trombeta e *Palatinum*, relativo ao palato.

Sangue – do latim *Sanguis*, sangue. Líquido geralmente de cor roxa, que circula pelas artérias e veias do corpo dos animais. É constituído por uma parte líquida o plasma, por células em suspensão: hemácias, leucócitos e fragmentos celulares: plaquetas. Apresenta várias funções onde destacamos a distribuição de oxigênio, nutrientes e outras substâncias para as células do organismo, recolher destas os produtos de descarte (excreção), defesa e coagulação.

Sarcolema - do grego *Sarx*, carne e *Lemma*, folha, membrana fina. Membrana muito fina que envolve por completo cada uma das fibras musculares. Corresponde à membrana celular das fibras musculares.

Sarcômero - do grego *Sarx*, *Sarkos*, carne e *Meros*, parte. Unidade estrutural e funcional das fibras musculares estriadas. Segmento da miofibrila, que se repete ao longo dela, e de cuja contração resulta no encurtamento da fibra muscular.

Sarcoplasma - do grego *Sarx*, *Sarkos*, carne e *Plás-m(a)*, líquido constituinte. Citoplasma das células musculares.

Sarcosoma - do grego *Sarx*, *Sarkos*, carne e *Sôm(a)*, Corpúsculo celular. Corresponde as mitocôndrias presentes no citoplasma das fibras musculares.

Sebácea – do latim *Sebaceus*, gorduroso e *Sebum*, sebo, untado. Glândula da pele que secreta e elimina gordura.

Seborréia - do latim *Sebum*, sebo e do grego *Rhoia*, fluxo.

Secção – do latim *Sectio*, corte, separação, divisão.

Secreção – do latim *Sē*, parte e *Crē*, separar. Em latim *Secrētiōn(em)* significa, separação. No entanto também pode ter vindo do grego *Ekkrisis*, secreção.

Seio - do latim *Sinus*, bolso, vaso, vela de barco, arco, espaço oco. Como se pode observar a palavra *Sinus* em latim, tinha diversas conotações diferentes, todas elas com o sentido “oco, escavado” ou “encurvado e saliente”. Designava uma dobra de

tecido no vestido das mulheres para carregar e amamentar os filhos (mas não designava as mamas). É possível que esta confusão entre o local e órgão tenha gerado o sentido popular. Em anatomia, o termo é aplicado, propriamente no sentido de bolso, a cavidades e recessos com uma só entrada, como os seios paranasais e os seios das válvulas aórtica e pulmonares. No sentido de canal (como nos seios da duramáter, no seio do tarso ou nos do pericário), o termo está incorreto, assim como quando nos referimos as mamas.

Sêmen - do latim *Semen*, semente. Conjunto de espermatozóides e substâncias fluídas que são produzidas no aparelho genital masculino dos animais e da espécie humana.

Semicanal – do latim *Semi*, metade, meio, e *Canalis*, canal, fosso, tubo.

Semicircular – do latim *Semi*, metade, meio e *Circularis*, relativo ao círculo.

Semilunar – do latim *Semi*, metade, meio e *Lunaris*, lunar, relativo à lua.

Semimembranáceo – do latim *Semi*, metade, meio e *Membranosus*, membranoso.

Seminal – do latim *Seminalis*, relativo a sêmen e *Semen*, semente.

Seminífero - do latim *Semen*, semente e *Ferus*, carregar, levar, transportar.

Senil - do latim *Senilis*, relativo a envelhecimento prematuro ou mórbido.

Sensitivo – do latim *Sensitivus*, sensível, emotivo, impressionável.

Sensorial – do latim *Sensorialis*, relativo aos sentidos, à sensibilidade. O termo deriva do latim tardio (medieval) “*Sensorium*”, significando local das sensações, cunhado por Boécio.

Sentido – do latim *Sensus*, sentido e *Sentire*, sentir.

Septo – do latim *Septum*, cerca de madeira, tapume, e *Sepire*, cercar. Originalmente a palavra era *Saeptum* (cercado) e *Saepire* (cercar com sebe). Na antiga Roma, o *Saepta* (plural, *Septorum*) era um recinto cercado onde os cidadãos eram encerrados por centúrios e de onde saíam para votar, um de cada vez. Passou por extensão, em anatomia, a designar uma parede divisória.

Serosa – origem incerta. Talvez do latim *Serosus*, ligado, atado, ou uma corrupção do latim *Serum*, soro, parte aquosa do leite. *Serosus* poderia derivar do latim *Serere* (ligar, atar), significando também o agente da ação; ou de *Serum* (soro lácteo) e

esta, provavelmente do latim *Serus* (tardio), porque era a porção restante do leite no processo de fabricação do queijo ou manteiga. Esta última associação seria devida à característica do líquido secretado pela membrana, semelhante ao soro, passando o nome a designar ambos (membrana e secreção).

Sexo – do latim *Sexu*, sexo. Em anatomia corresponderia aos órgãos sexuais que distinguem entre macho e a fêmea, tendo uma função específica para a perpetuação da espécie.

Sialorréia - do grego *Sialon*, saliva e *Rhoia*, fluxo.

Sigmóide - do grego *Sigma* (a letra grega S) e *Eidos*, semelhante. Antigamente a letra S maiúscula lembrava a nossa letra C. O termo era originalmente aplicado a várias estruturas encurvadas, sendo comum nas obras de Oribásio e Galeno. Nomeia a parte final dos colos e um dos seios da dura-máter, por causa de suas formas.

Simbiose – do grego *Sýn*, com, união; *Bios* vida e *O-sis*, processo. Associação de indivíduos animais ou vegetais de diferentes espécies, em que os associados “ou simbioses” tem proveito da vida em comum. Em grego *sympíōsis* que significava convivência mas não era usado com referência a animais, este termo foi reintroduzido em inglês em 1622; com o atual significado biológico proviente do alemão Symbiose antes de 1877.

Sinapse - do grego *Syn*, junto e *Haptein*, tocar. Esta palavra foi criada para significar o ponto de contato dos neurônios.

Sinóvia - do grego *Syn*, com e do latim *Ovum*, ovo. A sinóvia tem aparência de clara de ovo. O termo foi introduzido por Paracelso, provavelmente pela semelhança de cor e consistência do líquido articular com a clara do ovo. Mas ele usava a palavra sinovia também para designar qualquer fluido corporal claro (líquido pleural, peritoneal e cerebrospinal).

Síntese - do grego *Syn*, junto e *Thé-sis*, disposição; e do latim *Synthesis*, composição. Processo de obtenção de um composto a partir de substâncias mais simples.

Sinusóide - do latim *Sinus*, seio ou cavidade e do grego *Eidos*, semelhante.

Sistema – do grego *Systima*, conjunto e *Syn*, junto, com e *Istemain*, estar situado, ficar. Vide o termo aparelho. É um conjunto de elementos ligados harmonicamente, de modo a formar um todo organizado. É uma definição que acontece em várias disciplinas, como biologia, medicina, informática, administração. Conforme mencionado vem do grego *Syistima* significa "combinar", "ajustar", "formar um conjunto". Em biologia seria um conjunto de órgãos que no conjunto realizam uma determinada função, tal como no sistema digestório, urinário, respiratório etc.

Sístole - do grego *Syn*, junto e *Stellein*, apertar. Contração do músculo cardíaco ou qualquer víscera oca. No coração, distinguem-se sístoles auriculares ou atriais e as sístoles ventriculares.

Soro – do latim *Ser(um)*, soro. Suspensão aquosa de substâncias compatíveis com os organismos vivos devido as suas características físico-químicas (osmóticas, pH e iônicas).

Submandibular – do latim *Sub*, abaixo, *sob*, *Mandibula*, queixo.

Suco – do latim *Sūcu(m)*, suco, secreção. No aspecto fisiológico representa a secreção das células ou de glândulas (conjunto de células), tal como: suco gástrico, secreção enzimática produzida pela mucosa gástrica; sua natureza ácida facilita a degradação dos alimentos para sua absorção; ou secreção enzimática de natureza alcalina da porção exócrina do pâncreas, que é liberada no intestino; facilita a degradação dos hidratos de carbono para sua absorção.

Sudoripara - do latim *Sudor*, suor e *Fer-u(m)/a(m)*, que leva. Glândula da pele que elimina o suor. Glândula túbulo-enovelada.

Sulco – do latim *Sulcus*, fenda, greta.

Suor - do latim *Suor*.

Supercílio – do latim *Super*, acima, sobre e *Cilium*, cílio, pestana.

Superficial – do latim *Superficialis*, na superfície, e *Superficies*, a face superior. A palavra *Superficies* é composta de *Super*, acima, sobre e *Ficies*, corrupção de *Facies*, face, lado de uma coisa ou objeto, portanto “o que está em cima, à vista.

Superior – do latim *Superior*, comparativo de *Superus*, em cima, sobre.

Supra-renal – do latim *Supra*, acima, sobre e *Renalis*, relativo aos rins. Termo alternativo para designar a glândula adrenal. No entanto o nome mais adequado segundo a nomenclatura anatômica é supra-renal.

T

Teca - do grego *Theke*, caixa, receptáculo.

Tecido – do latim *Textus*, que significa “tecer” ou “entrelaçar fios”. Ou do francês *Tissu*, que significa trama ou textura. A palavra tecido surgiu na língua portuguesa a partir do latim *textus*, derivado a partir *texere*, que significa “tecer” ou “entrelaçar algo com fios”. Esta mesma raiz etimológica acabou dando origem ao termo texto. A palavra tecido entrou em uso anatômico principalmente em virtude dos trabalhos de e das obras de Bichat, um jovem e brilhante anatomista francês (1771-1802). Quando dissecava cadáveres ficou impressionado com o fato de que as várias camadas e estruturas que descreveu ou dissecou eram de trama ou textura diferentes. Assim idealizou uma classificação destes vários componentes do corpo na base de suas diferenças texturais. Assim esta primeira classificação foi feita sem o auxílio do microscópio.

Tegmento - do latim *Tegme*, cobertura revestimento e *Tegere*, proteger, cobrir. O mesmo que tegme.

Tegumento - do latim *Tegumen*, *Tegumentu*, coberta externa, revestimento externo. Aquilo que reveste externamente uma estrutura. Atualmente tegumento comum na nomenclatura histológica refere-se ao estudo da pele e dos seus anexos.

Telodendro – do grego *Tel(o)*, longe, afastado, fino e *Dendr(o)* arborização. Ramificação do neurônio que tem poucas ramificações.

Telógeno – do grego *Tel(o)*, longe, afastado e *Gen*, que origina, que gera. É a fase de repouso do pelo.

Tenca (Focinho de) - Este nome dado a uma parte do útero deriva da Tenca, tainha da água doce, talvez pela semelhança de forma.

Tendão - do latim *Tendo*, de *Tendere*, estender. A raiz grega é *Ténon* (esticado, tenso) e dela provieram os derivados em Teno: tenotomia, tenossinovite, etc. O tendão mais famoso é o tendão de Aquiles ou calcâneo. Aquiles foi um guerreiro, personagem na guerra de Tróia. Sua mãe a ninfa Tetis tentou torná-lo imortal.

Levou Aquiles para o rio Estige (um dos rios de Hades, o rio da imortalidade). Mas, Tetis mergulhou o Aquiles segurando-o pelo calcanhar, e essa área não entrou em contato com o rio, tornando-se o ponto fraco de Aquiles.

Testículo - Diminutivo do latim *Testis*, que tinha a significação de "Pote de pequeno tamanho". A palavra *Testis* era empregada na acepção de "testemunha". Entre senhores e servos, existia o hábito de fazer juramento ou testemunhos de fé segurando os testículos, sendo que este costume existiu entre os indus, egípcios e hebreus. Na antiga Roma, a lei exigia que, na Júris, o indivíduo mostrasse seus testículos. O testículo testemunha também a existência da virilidade. Herófilo acreditava que os filhos varões viriam do testículo direito, geralmente maior, mais pesado, mais baixo, e segundo sua crença mais vascularizado. Galeno também acreditava nesta teoria e propunha, curiosamente, algumas manobras sexuais para garantir o sexo do futuro descendente, pois para os povos antigos o sexo do recém-nascido dependia de quem, no casal, alcançava primeiro o orgasmo. Provavelmente o termo popular brasileiro "puxa saco", no sentido de adúlador ou submisso, venha deste antigo costume. O equivalente grego é *Órkhis*.

Timo - do grego *Thymon*, folha de erva chamada de tomilho. Alguns acham que provém de outra palavra grega, *Thymós*, alma, sensibilidade, força vital, porque o timo é situado perto do coração e era considerado a sede da alma. O tomilho é uma erva odorífera (*Thymus vulgaris*) utilizada pelos povos antigos em rituais mágicos ou sagrados nos quais eram queimadas as vísceras dos animais domésticos. Nessas ocasiões, talvez, foi assinalada a semelhança da forma do órgão com as folhas da planta.

Tímpano - do grego *Tympanon*, membrana ou tambor. A palavra grega *Myrinx* aparece ser uma corrupção de *Menix* e foi utilizada na Grécia Antiga, para a membrana do tímpano. Foi Falloppio que denominou a cavidade e a membrana da orelha média, em conjunto de *Tympanum*, por causas da semelhança de forma com um tambor, feito de cepo oco de madeira, coberto com couro em um dos lados.

Tireóide - do grego *Thyreós*, escudo e *Eidos* (*oidés*), semelhante. Entre os povos Egeus, nos primórdios da civilização grega, o *Thyreós* era uma grande pedra achatada colocada contra uma porta, para mante-la fechada. Mais tarde a palavra foi aplicada a um escudo usado pelos habitantes da ilha de Minos, feito de lâminas de madeira prensadas, amarradas com cipós e completado, nas bordas, com

placas de metal (uma forma muito semelhante a uma porta, que em grego arcaico chamava-se *Thyra*). Esse escudo, ao contrário da maioria dos escudos gregos, cobria o corpo até os pés e tinha duas chanfraduras ou entalhes, superior e inferiormente, para encaixar o queixo e o joelho respectivamente. A cartilagem tireóide recebeu este nome por sua posição em relação à laringe (parece um escudo protetor). Já a glândula tireóide recebeu este nome de Galeno, em virtude da semelhança de forma com aquele escudo primitivo ou por sua relação com a cartilagem. Apesar de haver inúmeras descrições da glândula ela foi identificada enquanto órgão pelo anatomista Thomas Wharton em 1656.

Tonsila - do latim *Tonsilla*, amígdala. A palavra, em latim, significava um poste onde se amarravam carneiros e também um mastro secundário de embarcação. É provável que no sentido anatômico o termo derive do latim *Tondare*, tosquiar, raspar, por causa da sensação, ao engolir se as tonsilas estiverem inflamadas, o alimento raspar a faringe. Cícero já as denominava de *Tonsillae*.

Traquéia - do grego *Tracheia*, feminino de *Trachys*, rugoso, irregular, ou de *Trachelos*, do pescoço. Quando Aristóteles descreveu no cadáver os ductos do corpo humano verificou que havia dois tipos vazios, que acreditou contivessem ar ou outro espírito no seu interior. Aos vasos que possuíam paredes macias denominou de *artéria leia*, do grego *Leion* (macio, suave) e às vias mais rugosas de *artéria tracheia*. Com o tempo, a palavra artéria foi restringida para os vasos sanguíneos permanecendo o termo tracheia apenas para os tubos aéreos.

Trigono – do latim *Trigonum*, triângulo.

Trombina - do grego *Thrombos*, coágulo.

Trombocitopenia - Do grego *Thrombos*, coágulo; *Kytos*, célula e *Penia*, escassez. É o nome dado a toda e qualquer condição de saúde relacionada a uma baixa quantidade de plaquetas no sangue.

Trombose - do grego *Thrombos*, coágulo e *Ose*, doença.

Trompa – do latim *Trompa*, corneta. Vide salpinge.

Tronco – do latim *Truncus*, tronco de árvore ou do corpo humano.

Tuba – do latim *Tuba*, trombeta, corneta e do grego *Salpinx*. Foi dado este nome ao órgão devido a sua semelhança com uma corneta, utilizada em guerra.

Antigamente, a tuba uterina recebia o nome de 'Trompa de Falópio', o qual foi dado em homenagem ao seu descobridor, o anatomista italiano do século XVI, Gabriele Falloppio. Hoje em dia, os epônimos não são mais usados na literatura médica, sendo substituídos por outros termos anatomicamente corretos. Existem ainda outras tubas, tais como a tuba auditiva também designada como trompa de Eustáquio.

Tubo - do latim *Tubus*, canal ou tubo.

Túbulo - Diminutivo do latim *Tubus*, tubo.

Tubulosa - do latim *Tubus*, canal ou tubo e *Oides, Osa*, em forma de. São estruturas que tem o formato de um tubo. Este termo normalmente é aplicado ao tecido glandular, tal como glândulas tubulosas.

Túnica - do latim *Tunica*, vestimenta, película, camada ou cobertura. A túnica era a principal veste dos gregos e romanos de ambos os sexos, correspondendo em uso à atual camisa ou blusa. Era geralmente tecida com panos largos, macios e claros. Em anatomia, a palavra é usada no sentido de cobertura ou revestimento.

U

Ungueal – do latim *Ungu(em)*, garra, unha. Relativo a unha.

Unha – do latim *Ungula(m)*, garra. O termo diminutivo *úngüe(m)* apareceu em 1140 com o sentido de unha.

Ureter - do grego *Ouretér*, de *Ouron*, urina, *Terein*, conservar, preservar. O equivalente latim é ureter. O ureter é um tubo que faz parte das vias urinárias e que liga a pelve do rim à bexiga.

Uretra - do grego *Ouréthra*, que leva a urina, *Ourein*, urinar. Em tempos remotas, acreditou-se que a uretra, no homem, era um canal dividido em dois por um septo fino longitudinal, em que uma parte transportaria urina e a outra, sêmen. Esta palavra foi inventada por Hipócrates, provavelmente derivada do grego *Ouretér* e apenas pouco diferente desta, somente para diferenciar os ductos. O equivalente latim é *Urethra*.

Urogential – do latim *Uro*, relativo à urina e *Genitalis*, que gera.

Útero - do latim *Uterus*, talvez derivado de *Uter*, saco feito de pele de cabra. A raiz grega é "hystera". Poucos órgãos do corpo humano foram aquinhoados com tantos nomes como o útero, quer na linguagem médica, quer na popular. Na medicina grega o útero recebeu três denominações diferentes: métra, hystéra e delphys. Melhor nome não poderia haver do que métra para designar o órgão onde se forma um novo ser. Métra deriva do indo-europeu mater, mãe, fonte e origem da vida. Métra é encontrado em vários autores clássicos da antigüidade, como Heródoto e Platão. Hipócrates também dele se utilizou. Na terminologia médica atual temos diversas palavras formadas com essa raiz grega, tais como metropatia, metrorragia, endométrio, miométrio etc. Hystéra é o termo mais vezes empregado em escritos médicos, sendo encontrado em várias passagens dos livros de Hipócrates e Galeno. Chegou até aos nossos dias em seus inúmeros derivados como histerectomia, histeroscopia, histerômetro, histerossalpingografia etc. Delphys é igualmente encontrado em Hipócrates e Aristóteles como sinônimo de hystéra. Perdurou em zoologia, na ordem dos marsupiais, chamados didelfos em razão de possuírem útero duplo. Como malformação congênita decorrente da falta de fusão dos ductos paramesonéfricos, a mulher pode apresentar útero duplo, denominado útero didélfico ou bicorne. Apesar da pluralidade de nomes que a medicina grega legou aos latinos para nomear tão importante órgão, os romanos criaram mais um, uterus, que predomina na nomenclatura anatômica. A etimologia da palavra uterus é incerta e admite-se uma forma primitiva no indo-europeu, udero, com o sentido de ventre, que teria evoluído para udaram, em sânscrito, hystéra, em grego, e uterus em latim. Uma segunda hipótese aventada é que uterus derive de outra palavra latina, uter, que quer dizer odre (recipiente de couro utilizado para guardar água ou vinho). A palavra uterus foi inicialmente utilizada pelos romanos para designar apenas o útero grávido, o qual lembraria um odre cheio de água pela presença do líquido amniótico. Posteriormente, passou a nomear o órgão, independentemente do seu estado. A nomina anatômica relaciona suas partes como: colo do útero, corpo do útero, fundo do útero e cavidade do útero.

Utrículo - do latim *Utriculus*, diminutivo de *Uterus*, útero. Por causa do fole em forma de *odre (Uter)* usado nas gaitas de fole do exército romano, o tocador deste instrumento era chamado *Utricularius*.

Uvea - do latim *Uva*. Camada vascular do olho.

Úvula – do latim *Uvula*, diminutivo de *Uva*, uva, racimo, videira. A palavra foi introduzida no século XVII, não sendo conhecida no latim clássico, onde a estrutura era chamada Columella. Celso chamava-a Uva, mas o termo era reservado às inflamações da estrutura. Joseph Hyrtl afirma que este nome foi introduzido por Veslingius, mas o crédito é geralmente atribuído a Guy de Chauliac.

V

Vagina - do latim *Vagina*, bainha ou vagem. A vagina era, originalmente, um estojo para o Gladius, uma pequena espada romana. Como Gladius era um dos nomes populares, para pênis, a vagina tornou-se, por analogia, uma palavra popular para encaixe da genitália feminina. Oribásio sustenta que, no século IV, apenas a parte interna do órgão tinha esta denominação, enquanto a parte externa (vulva) era chamada Pudendum. No sentido atual, o termo foi adotado por Realdo Colombo e Gabrielle Falloppio.

Valada – do latim *Vallatus*, entrincheirado, fortificado e *Vallum*, paliçada. A forma da papila lembra a de uma fortificação romana, com a paliçada ou trincheira externa separada do edifício principal por um fosso.

Vale – do latim *Vallis*, vale, fosso.

Valécula – do latim *Vallecula*, diminutivo de *Vallis*, vale, fosso.

Valva – do latim *Valva*, cada uma das folhas de uma porta dupla ou as conchas duplas de um molusco.

Válvula - do latim *Valvula*, diminutivo de *Valva*, folha de porta.

Vasa vasorum – do latim *Vasa*, vasos e *Vasorum*, dos vasos. Seriam os vasos que irrigam a parede dos vasos maiores que tem parede muito espessa.

Vascular - do latim *Vasculum*, diminutivo de *Vas*, vaso. O mesmo que vasculoso.

Vaso – do latim *Vas*, vaso, vasilha.

Veia – do latim *Vena*, via, caminho, ou seja, o que leva ao coração. Isidoro de Gerhard Vossius afirma que a palavra *Vena* derivaria de *Venire*, vir. Porque o sangue viria ao coração através das veias. O termo Grego equivalente era *Phlebós*.

Velos – do latim *Vellus* ou Velo que significa lã grossa. São os pelos que ocorrem na maior parte do corpo.

Venoso – do latim *Venosus*, relativo à veia.

Ventral – do latim *Ventralis*, relativo ao ventre.

Ventre - do latim *Venter*, *Ventre*, abdome. O termo grego equivalente é *Gaster*.

Ventrículo - do latim *Ventriculus*, diminutivo de *Venter*. Aplica-se a pequenas cavidades ocas, no coração ou no encéfalo.

Vênula – do latim *Venula*, diminutivo de *Vena*, caminho.

Vermiforme – do latim *Vermis*, verme, minhoca e *Formis*, em forma de.

Vesical – do latim *Vesicalis*, relativo à bexiga urinária.

Vesícula - do latim *Vesica*, diminutivo de *Vesica*, bexiga.

Vestíbulo – do latim *Vestibulum*, vestíbulo, antecâmara. Na casa romana, era comum a existência do *Vestibulum*, um pequeno aposento aberto onde os convidados e os donos da casa despiam a empoeirada toga que era usada sobre a túnica. O termo deriva, portanto do latim *Vestis*, roupas. Outra etimologia sugerida é *Ve*, termo arcaico para exterior, fora e *Stabulum*, casa, significando, portanto, um compartimento separado do corpo principal da casa.

Vestibulo-coclear – do latim *Vestibulum*, vestíbulo, antecâmara e *Cochlearis*, Cóclea, concha ou caracol, do grego *Kochlias*, concha em espiral. relativo à cóclea.

Vilo - do latim *Villum*, pilosidade

Vilosidade – do latim *Villum*, pilosidade, aparência pilosa. A projeção das vilosidades intestinais na luz do órgão assemelha-se aos tufos de pelos de um tapete.

Viloso – do latim *Villosus*, peludo e *Villus*, tufo de pelos.

Visão – do latim *Visio*, visão e *Videre*, ver.

Víscera - do latim *Viscera*, plural de *Viscus*, órgão interno.

Vítreo – do latim *Vitreus*, de vidro, transparente e *Vitrum*, vidro.

Vocal – do latim *Vocalis*, vocal, sonoro e *Vox*, voz.

Vulva – do latim, *Vulva*, útero, ventre. A palavra *Vulva*, em latim, possuía uma série de significados: cobertura de inverno (manta), útero de animais (especialmente prenhes); entranhas de porca (iguaria apreciada nos banquetes romanos).

Enquanto Vulva significou útero, a vagina era chamada de *Collum Vulvae* (colo do útero) e os genitais externos, *Pudendum ou Pars Pudenda*. Quando o termo Uterus substituiu Vulva, esta passou a nomear a genitália feminina externa. O termo pode ter derivado também, por semelhança da forma dos lábios e das folhas, do latim *Valva*, ou talvez de *Volare*, desejar, querer, porque outra forma, menos usada, de grafar Vulva era *Volva*, desejada.

Z

Zona – do latim *Zona*, cinto, área circular. Originalmente, designava um cinto largo, colocado sobre os rins, usado pelas mulheres apenas como adorno. Depois passou a nomear um cinto de couro, provido de bolsa, onde os homens guardavam o dinheiro e depois qualquer área circular. Na noite de núpcias, a zona usada pela noiva era oferecida à Diana (Deusa da castidade), como oferenda, pela Pronuba (criada).

Zona Pelúcida - do latim *Zona*, cinto, área circular e *Pellucidus*, translúcido. Camada de glicoprotéínas, gelatinosa, translúcida, que envolve os óvulos do tipo metalécito, dos mamíferos, e se mostra rodeada pela corona radiata.

Zônula – do latim *Zonula*, diminutivo de *Zona*, cinto área circular.

Referências bibliográficas

Curvo PA, Lossi Silva MA. Fundamentos etmológicos da linguagem médica. https://www.google.com.br/search?q=ricardo+simoese+etimologia&ie=utf-8&oe=utf-8&client=firefox&gws_rd=cr&ei=J4wIWeyMMciKwgT615LQBA#q=Fundamentos+etimol%C3%B3gicos+da+linguagem+m%C3%A9dica+curvo.

Nunes CS, Laetitia Alves Cinsa LA. Principles of Histological Processing. Revista Interdisciplinar de Estudos Experimentais, v. 8, n. único, p. 31-40, 2016.

Origem Da Palavra - Site de Etimologia. <http://origemdapalavra.com.br/site/lista-palavras/>

Simões RS, Girão JHR, Vasconcelos K, Sasso GRS, Silva RF, Sabará LA. Dicionário etimológico de termos ginecológicos e obstétricos.

<https://www.anatomia-papel-e-caneta.com/wp-content/uploads/2017/07/Dicionario-de-ginecologia.pdf>.

Simões RS, Girão JHR, Vasconcelos K, Sasso GRS, Silva RF, Sabará LA.
Dicionário Etimológico de Embriologia
<https://medsimoesfiles.wordpress.com/2017/07/etimologia-de-terminos-embriologicos.pdf>.

Simões RS, Girão JHRC, Sasso GRS, Flôrencio Silva R, Alonso LG, Marques SR.
Etimologia de termos Morfológicos.
<http://www2.unifesp.br/dmorfo/Prof%20Manoel%20Histologia/Dicionario%20etimologico.pdf>.